



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
Câmpus de São José do Rio Preto

**DIEGO MINUCELLI GARCIA**

**LOCUÇÕES CONJUNTIVAS TEMPORAIS E CAUSAIS NA HISTÓRIA  
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM  
CONSTRUCIONAL**

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**  
**2021**

**DIEGO MINUCELLI GARCIA**

**LOCUÇÕES CONJUNTIVAS TEMPORAIS E CAUSAIS NA HISTÓRIA  
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM  
CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gisele Cássia de Sousa

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO  
2021**

G216l Garcia, Diego Minucelli  
Locuções conjuntivas temporais e causais na história do português brasileiro : uma abordagem construcional / Diego Minucelli Garcia. -- São José do Rio Preto, 2021  
126 f. : tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto  
Orientadora: Gisele Cássia de Sousa

1. Linguística. 2. Análise linguística. 3. Funcionalismo. 4. Gramática comparada e geral Gramaticalização. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**DIEGO MINUCELLI GARCIA**

**LOCUÇÕES CONJUNTIVAS TEMPORAIS E CAUSAIS NA HISTÓRIA  
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM  
CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

**Comissão Examinadora**

**Titulares**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gisele Cássia de Sousa  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Caroline Carnielli Biazolli  
UFSCAR – Câmpus de São Carlos

Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo  
UFRN – Câmpus de Natal

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marize Mattos Dall’Aglío Hattnher  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Taísa Peres de Oliveira  
UFMS – Câmpus de Três Lagoas

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO  
02 de setembro de 2021**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Deus* por me sustentar em todos os momentos que pensei não ter mais forças e capacidade e por permitir que nenhuma das dificuldades do árduo caminho do pesquisador fosse um obstáculo intransponível. Agradeço, também, pela generosidade de nos conceder algo tão maravilhoso como o *tempo*, que acarreta mudanças não só na língua, mas também na vida.

Agradeço a *minha família* que sempre esteve ao meu lado me amparando: aos *meus pais Fred e Tereza*, ao *meu irmão Tiago*, a *minha cunhada Daiane*, ao *meu lindo sobrinho Rafael* e ao *meu menininho Garfield*.

Ao *meu amigo Zé Eduardo* que muitas e muitas vezes ouviu minhas angústias, agradeço pelo apoio, pela paciência e pelos conselhos.

Agradeço, também, à *Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho* (UNEB) que debateu a apresentação desta pesquisa no *Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp* (Selin). Seus comentários e sugestões foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Ao *Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo* (UFRN) e à *Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira* (UFMS), com quem tive a honra de compartilhar esta pesquisa, em versão prévia, durante a banca de Qualificação de Doutorado, agradeço pela cuidadosa e atenta leitura e pelas contribuições que auxiliaram sua finalização. Agradeço, também, por terem aceitado o convite para participação da Comissão Examinadora deste Doutorado, e estendo meus agradecimentos às outras importantes participantes da Comissão: a *Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli* (UFSCAR) e à querida *Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglio Hattner* (UNESP/São José do Rio Preto), que já tive a honra de ter como examinadora de minha defesa de Mestrado.

Por fim, agradeço a minha querida *orientadora Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa* por todas as reflexões, discussões e ensinamentos. Sinto-me privilegiado por ter sido seu orientando, seu pupilo. Nossas conversas sempre foram repletas de profissionalismo, empatia, atenção e diálogo, características que amenizam os percalços do pesquisador e tornam o trabalho mais prazeroso. Agradeço, ainda, por sua paciência e compreensão quando tive dificuldades e por seu apoio e ajuda intelectual em todos os momentos.

*“As coisas mudam no devagar  
depressa dos tempos.”*  
(ROSA, 2006, p. 318)

## RESUMO

Este trabalho investiga diacronicamente locuções conjuntivas temporais (*hora que* e *momento que*) e causais (*vez que* e *causa que*), com o objetivo de apreender seu processo de formação e de mudança na história do português brasileiro (séculos XVII a XX). Para tanto, utiliza-se como base teórica a abordagem cognitivo-funcional da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), que se insere em uma perspectiva construcional da linguagem segundo a qual a unidade gramatical básica de uma língua é a construção, entendida como um pareamento de forma e de significado (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2015; BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Traugott e Trousdale (2021) afirmam que as mudanças linguísticas resultam de dois processos: i) *mudanças construcionais*, quando não há a criação de uma nova construção na língua, mas alterações em suas propriedades componentes; e ii) *construcionalização*, processo em que há a criação de uma nova construção, acompanhado por mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade. Nesta pesquisa, cujos dados são extraídos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006) referentes aos séculos XVII a XX, por meio das análises desenvolvidas, observam-se as mudanças construcionais e a construcionalização das locuções conjuntivas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*. De acordo com as análises, as construções resultantes de cada nome circunstancial são: *na hora que*, *no momento em que*, *uma vez que* e *causa que*. A forma *uma vez que* surge no português brasileiro como locução já construcionalizada, de modo que as alterações que sofre posteriormente, acarretando sua redução para a forma *vez que*, dizem respeito a mudanças construcionais pós-construcionalização. *Na hora que*, apesar de sua baixa frequência de uso no século XVII, também se mostra construcionalizada, apresentando, no decorrer do tempo, alterações motivadas por mudanças construcionais pós-construcionalização, as quais acarretam reduções de sua forma para *a hora que* e *hora que*. A forma *no momento em que* passa por mudanças construcionais pré-construcionalização e efetiva-se na língua como construção, por meio da construcionalização, no século XIX, sem, no entanto, apresentar grandes alterações de sua estrutura construcional no século XX, indicando que sofre um menor grau de mudanças construcionais do que *na hora que*. Quanto ao nome circunstancial *causa*, não é possível afirmar a concretização da construcionalização da estrutura *causa que*, uma vez que foram encontradas poucas ocorrências desse item e em um único texto. Porém, considerando as poucas ocorrências encontradas, verifica-se que o nome pode estar passando por mudanças construcionais pré-construcionalização que, supõe-se, podem levar *causa* a compor a construção *causa que* posteriormente. Tomando por base as análises e os resultados, propõe-se a existência da seguinte hierarquia construcional: o nível esquemático é formado pelo esquema  $[prep\ SN\ prep\ que]$ , que se subdivide nos subesquemas  $[prep\ SN\ (prep)\ que]_{temporal}$  e  $[prep\ SN\ (prep)\ que]_{causal}$ . O subesquema temporal origina diretamente as microconstruções *na hora que* e *no momento em que*, mas gera, também, um segundo subesquema:  $[SN\ que]_{temporal}$ . Esse segundo subesquema, no qual não há preposições, licencia microconstruções do tipo *a hora que*, *hora que*, *momento que*. O subesquema causal segue a mesma lógica, instaurando microconstruções como *de vez que* e *por causa que*, e instaurando, também, um segundo subesquema ( $[SN\ que]_{causal}$ ), no qual são identificadas as microconstruções *uma vez que*, *vez que* e *causa que*.

**Palavras-chave:** Abordagem cognitivo-funcional; Gramática de Construções; Construcionalização; mudanças construcionais; locuções conjuntivas.

## ABSTRACT

This paper aims to research diachronically temporal (*hora que e momento que*) and causal conjunctive phrase (*vez que e causa que*) with the objective of apprehending its process of formation and change in the Brazilian Portuguese history (17th to 20th centuries). Therefore, a cognitive functional approach of constructionalization is used (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), that is part of a constructional perspective of language according to which basic grammatical unit of a language is construction, comprehended as a pairing of form and meaning (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2015; BYBEE, 2016 ; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Traugott and Tausdale (2021) claim that language change are the result of two process: (i) *constructional changes*, when there is not any creation of new construction in the language, but there are alterations in its components proprieties; and (ii) *constructionalization*, process in which there is creation of a new construction, followed by change in schematicity, productivity, and compositionality. This research, whose data is extracted from *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), related to 17th to 20th centuries, by developed analysis, it is observed constructional changes and constructionalization of Brazilian Portuguese conjunctive phrases *hora que*, *momento que*, *vez que*, and *causa que*. According to analysis, the resulting constructions of each circumstantial name are: *na hora que*, *no momento que*, *uma vez que*, and *causa que*. The form *uma vez que* has already been constructionalized in Brazilian Portuguese, so modifications that occur after, causing its reduction to *vez que*, concern to post-constructionalization constructional changes. *Na hora que*, although its low frequency of use in the 17th century also appears constructionalized, presenting, during time, motivated alterations by post-constructionalization constructional changes, that intail reduction in its form to *a hora que* and *hora que*. The form *no momento em que* passes by pre-constructionalization constructional changes and takes effect in the language as construction through constructionalization, in the 19th century, without, however, presenting great alterations of its constructional structure in the 20th century, indicating it suffers lesser degree of constructional changes than *na hora que*. Regarding to the circumstantial name *causa*, it is not possible to affirm the achievement of constructionalization of the structure *causa que*, because few occurrences of this item were found in a single text. However, considering few occurrences discovered, we find the name must be passing by pre-constructionalization constructional changes that, we suppose, can make *causa* to compose the construction *causa que* later. Based on the analysis and results, we propose the existence of the following constructional hierarchy: the schematic level is formed by the schema  $[prep\ SN\ prep\ que]$ , which is subdivided into subschemas  $[prep\ SN\ (prep)\ que]_{temporal}$  and  $[prep\ SN\ (prep)\ que]_{casual}$ . The temporal subschema directly originates microconstructions *na hora que* and *no momento em que*, but generates too a second subschema:  $[SN\ que]_{temporal}$ . This second subschema, in which there are not prepositions, occasions microconstructions like *a hora que*, *hora que*, *momento que*. The casual subschema follows the same logic, establishing microconstructions like *de vez que* and *por causa que*, and settling also a second subschema ( $[SN\ que]_{casual}$ ), in which the microconstructions *uma vez que*, *vez que*, and *causa que* are identified.

**Keywords:** Cognitive-Functional Approach; Construction Grammar; Constructionalization; Constructional Changes; conjunctive phrases.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Modelo de representação simbólica da construção .....	23
<b>Figura 2:</b> Rede construcional dos conectores do século XVIII .....	49
<b>Figura 3:</b> Hierarquia construcional elaborada pelo autor .....	114
<b>Figura 4:</b> Hierarquia construcional conjugada com os resultados de Silva e Cezario (2019) .....	116

### GRÁFICO

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição da quantidade de ocorrências pelos séculos .....	105
---	-----

### QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Tipos de contextos em gramaticalização .....	34
<b>Quadro 2:</b> Fatores de análise .....	75
<b>Quadro 3:</b> Resumo das características proeminentes de cada $N_{\text{circunstancial}}$ no decorrer do tempo .....	77
<b>Quadro 4:</b> Pareamento de forma-significado de <i>na hora que</i> .....	110
<b>Quadro 5:</b> Pareamento de forma-significado de <i>no momento em que</i> .....	111
<b>Quadro 6:</b> Pareamento de forma-significado de <i>uma vez que</i> .....	112
<b>Quadro 7:</b> Pareamento de forma-significado de <i>causa que</i> .....	113

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Tipo de sintagma .....	79
<b>Tabela 2:</b> Forma do determinante que compõe o sintagma em que o nome aparece .....	83
<b>Tabela 3:</b> Presença de modificador antes do nome circunstancial .....	84
<b>Tabela 4:</b> Presença de elemento entre o nome circunstancial e <i>que</i> .....	86
<b>Tabela 5:</b> Forma de combinação entre as orações .....	90
<b>Tabela 6:</b> Posição da oração hipotática/subordinada em relação à oração matriz .....	96
<b>Tabela 7:</b> Pontualidade e duração nas construções temporais .....	101
<b>Tabela 8:</b> Quantidade de ocorrências .....	104
<b>Tabela 9:</b> Frequência de ocorrências por tipo .....	106

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
<b>2.1 Linguística Cognitiva e abordagem cognitivo-funcional</b> .....	16
<b>2.2 A língua como sistema baseado no uso</b> .....	18
<b>2.3 Mudanças construcionais e construcionalização</b> .....	22
<b>2.4 Relações contextuais</b> .....	33
<b>2.5 Estudos anteriores sobre conjunções e locuções conjuntivas no português brasileiro</b> .....	37
<b>3 CORPUS E METODOLOGIA</b> .....	51
<b>3.1 Corpus da pesquisa</b> .....	51
<b>3.2 Delimitação dos dados analisados</b> .....	52
<b>3.3 Fatores de análise</b> .....	56
3.3.1 Séculos: variável dependente no programa <i>Goldvarb</i> .....	56
3.3.2 Estrutura sintagmática .....	57
3.3.3 Funcionamento do período complexo .....	68
3.3.4 Pontualidade e duração nas construções temporais .....	73
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	76
<b>4.1 Análise da esquematicidade</b> .....	77
4.1.1 Análise sintagmática .....	78
4.1.2 Funcionamento do período complexo .....	89
4.1.3 Pontualidade e duração nas construções temporais .....	100
<b>4.2 Análise da produtividade</b> .....	103
<b>4.3 Análise da composicionalidade</b> .....	108
<b>4.4 Relações contextuais</b> .....	117
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	120
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	124

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga diacronicamente locuções conjuntivas do português brasileiro introdutoras de orações adverbiais temporais e causais, como as exemplificadas de (1) a (9):

- (1) Com muito sacrifício os dois retiraram Josino do Gol e o levaram para o Pronto Socorro. “*Eu tinha recebido muitos golpes de cassetete nas costas na hora em que nos mandaram entrar no carro e não tinha forças para segurar o Mário*”, contou Dias. (CDP:N:Br:SP, século XX).
- (2) Você tem que ganhar o aluno. Você tem, às vezes, até que recuar e tal, vai e vem. *Na hora que você ganhar o aluno, você leva aonde você quiser*. Aí você vai longe. (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX).
- (3) O aluno fica desmotivado dentro da escola, gera infinitos outros problemas para a escola. Então *a hora que a gente tiver professor que saiba envolver o aluno dentro da sua disciplina olha, caminha*. (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX).
- (4) Você pode interpretar o anticristo como digamos um novo entre parênteses computador um novo sistema né? de funcionamento a coisa está tão complicada e tão certo? ele vai reduzindo cada função para máximo de eficiência mas fica com uma interdependência muito grande – *hora que você cortar o movimento pifa tudo* (CDP:Or:Br:LF:SP, século XX).
- (5) O NewsWorks será um serviço da New Century Network e incluirá uma agressiva campanha publicitária. *O novo serviço aparece no momento em que empresas como a Yahoo, CitySearch e Digital City estão lançando serviços noticiosos próprios*. (CDP:N:Br:SCat, século XX).
- (6) Com isso, delimitei o problema, que ficou restrito a quem já se aposentou. E *no momento que a separação é feita, essa despesa, que era corrente, vira uma dívida*, porque ela tem começo, meio e fim. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX).
- (7) É uma opinião que eu respeito. *É preciso esperar o pronunciamento exato da Anistia, para saber qual o verdadeiro alcance das palavras, uma vez que geralmente a Anistia Internacional (situada em Londres) se expressa em inglês*. De qualquer maneira, o José Rainha poderá continuar lutando pela sua absolvição, sem ser recolhido à prisão. (CDP:Or:Br:Intrv:Pov, século XX).
- (8) Você vê: no meu caso uma: pequena área destinada à: biblioteca que: tem o nome de biblioteca mas não não tem muita aparência é quarto de dormir e:: banheiro - no caso meu avô também - o quarto é destinado a repouso um outro ao lado para livros e:: fut / fut / futuro gabinete parte sanitária - e mamea também - nos mesmos moldes se bem que *essa terceira parte destinada à minha mãe ainda não tenha ficado completamente pronta vez que ainda falta um terraço lateral* que: esse terá um estúdio éh: nesse terraço para: pintura e:: quarto de telas cavaletes material (CDP:Or:Br:LF:Recf, século XX).

- (9) Boa tarde. Sou João Simplício - disse. - *A moça Lúcia falou que era pra mim vim aqui, causa que o moço Darci tá precisado de falá cumigo.* (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX).

Nas ocorrências acima, há orações adverbiais temporais introduzidas por locuções conjuntivas formadas pelos nomes *hora* – de (1) a (4) – e *momento* – exemplos (5) e (6) – e orações adverbiais causais, cujas locuções conjuntivas são formadas por *vez* – exemplos (7) e (8) – e *causa* (9). Em cada exemplo, há uma relação circunstancial estabelecida pela oração hipotática encabeçada pela locução conjuntiva, como explicitado a seguir.

Em relação ao nome *hora*, em (1), a oração hipotática iniciada por *na hora em que [nos mandaram entrar no carro]* situa temporalmente a oração principal *[eu tinha recebido muitos golpes de cassetete nas costas]*, criando um contexto no tempo para a ocorrência do evento central. Em (2), cuja locução conjuntiva é *na hora que*, o evento da oração principal *[você leva aonde você quiser]* está temporalmente conectado ao evento da oração adverbial *[você ganhar o aluno]*. O mesmo ocorre com o exemplo (3), em que há a presença da forma *a hora que*: a oração principal *[caminha]* é contextualizada no tempo pela oração hipotática *[a gente tiver professor que saiba envolver o aluno dentro da sua disciplina]*. E, com a forma mais reduzida *hora que*, em (4), ocorre o mesmo: a oração hipotática *[você cortar o movimento]* situa no tempo a oração principal *[pifa tudo]*.

A mesma função é desempenhada pela locução conjuntiva formada pelo nome *momento*. No exemplo (5), *no momento em que* introduz a oração hipotática *[empresas como a Yahoo, CitySearch e Digital City estão lançando serviços noticiosos próprios]* que localiza no tempo a oração principal *[o novo serviço aparece]*. E, em (6), com a locução *no momento que*, a oração principal *[essa despesa, que era corrente, vira uma dívida]* é contextualizada temporalmente pelo evento *[a separação é feita]*.

Quanto aos nomes causais, *vez*, em (7), está inserido na locução conjuntiva amplamente usada em português *uma vez que*, introduzindo a oração hipotática *[geralmente a Anistia Internacional (situada em Londres) se expressa em inglês]*, a qual estabelece uma relação de causa para o evento da oração anterior *[é preciso esperar o pronunciamento exato da Anistia, para saber qual o verdadeiro alcance das palavras]*. No exemplo (8), a locução aparece reduzida a *vez que*, mas permanece com a mesma função de relacionar o evento da oração principal *[essa terceira parte destinada à minha mãe ainda não tenha ficado*

*completamente pronta*] à causa introduzida pela oração hipotática [*ainda falta um terraço lateral*].

O nome *causa*, por sua vez, não apresenta formas variantes e aparece apenas como parte da locução conjuntiva *causa que*, a qual, no exemplo (9), encabeça a oração adverbial [*o moço Darci tá precisado de falá cumigo*] que estabelece sentido causal em relação à oração principal [*A moça Lúcia falou que era pra mim vim aqui*].

Com exceção de *causa*, todos os outros nomes apresentam variação de suas formas. Essa variação sugere a ocorrência de possíveis processos de mudança no decorrer do tempo, os quais levaram ao desaparecimento de elementos componentes das locuções conjuncionais. No decorrer deste trabalho, para representar genericamente cada uma das formas particulares das locuções, adota-se a estrutura *nome + que*: *hora que, momento que, vez que, causa que*. Ressalta-se, porém, que essa representação é apenas uma escolha metodológica para unificar a referência às locuções ao longo do texto, não refletindo níveis de produtividade no *corpus* analisado.

Para o desenvolvimento deste trabalho, adota-se como suporte teórico a perspectiva da abordagem cognitivo-funcional (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2015; BYBEE, 2016; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021), uma abordagem que une pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e das abordagens funcionalistas. A união dessas correntes teóricas permite o estudo da mudança linguística considerando a ligação entre cognição e fenômenos sociais, sempre observando o contexto que envolve os eventos reais de fala, pois são o *locus* da mudança.

Nessa perspectiva, a mudança linguística é tratada em abordagem que se fundamenta na Gramática de Construções, um dos modelos teóricos da Linguística Cognitiva, cujo pressuposto básico é o entendimento de que a língua é constituída de *construções*, uma forma básica de estrutura sintática composta por um pareamento de forma e de significado (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). Considerando a existência de construções na língua, Traugott e Trousdale (2021) propõem que a mudança linguística envolve alterações nas construções por meio de dois processos: mudanças construcionais e construcionalização.

As *mudanças construcionais*, ao atingirem as construções, acarretam alterações internas em sua estrutura, mas mantêm a existência dessas mesmas construções na língua. Se, no entanto, essas alterações desencadeiam o surgimento de uma nova construção, há a efetivação da *construcionalização*. Desse modo, Traugott e Trousdale (2021) afirmam que

ocorrem mudanças construcionais quando *não há a criação de uma nova construção na língua*, mas apenas alterações nas propriedades internas da construção em mudança, e ocorre construcionalização quando *há a criação de uma nova construção na língua*, acompanhada por mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade.

Com base nos pressupostos teóricos e nas locuções conjuncionais apresentadas nos exemplos de (1) a (9), o objetivo geral desta pesquisa é investigar a trajetória dessas formas na história do português brasileiro, sob a perspectiva da abordagem cognitivo-funcional (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2015; BYBEE, 2016; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021).

Para tanto, são propostos os seguintes objetivos específicos:

1) Caracterizar o processo de construcionalização das locuções conjuntivas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, por meio de uma análise diacrônica das mudanças construcionais por que passam e, ainda, das alterações em seu grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT, 2015; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021).

2) Analisar se o percurso diacrônico das locuções conjuntivas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, nos períodos do português investigados, pode ser caracterizado por meio de relações de herança (GOLDBERG, 1995) e, em caso positivo, identificar as ligações entre as formas em uma possível rede construcional (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021).

Como forma de se chegar aos objetivos propostos, as análises são norteadas por duas perguntas de pesquisa, as quais são apresentadas abaixo, seguidas de suas respectivas hipóteses:

**Pergunta de pesquisa 1:** O que as mudanças construcionais auferidas pelos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que* indicam em relação à pré e pós-construcionalização (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021) e ao momento em que a construcionalização dessas construções ocorreu no português brasileiro?

**Hipótese:** A hipótese é de que mudanças construcionais venham ocorrendo desde o início do português brasileiro. Com base em trabalhos anteriores, em especial Cezario, Silva e Santos

(2015), Bispo e Moreira (2017), Garcia (2017) e Silva e Cezario (2019), supõe-se encontrar, para as formas em estudo, mudanças pré-construcionalização que culminaram na construcionalização das formas *na hora que*, *no momento que*, *uma vez que* e *por causa que*. Com a efetivação da construcionalização, mudanças construcionais pós-construcionalização podem ter ocorrido, levando à redução das construções sob as formas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*.

**Pergunta de pesquisa 2:** Considerando que as construções *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que* se encontram no nível das microconstruções (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021) e são formadas por um nome circunstancial seguido de *que*, como se estruturam os esquemas e subesquemas (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021) subjacentes às construções e como se dão as relações de herança (GOLDBERG, 1995) em rede construcional ao se observar a variedade de formas que elas apresentam (*na hora que*, *na hora em que*, *no momento em que*, *uma vez que*, *por causa que*, etc.)?

**Hipótese:** A hipótese é de que a construcionalização de *na hora que* tenha dado origem ao esquema *SP que*, o que pode ter ocorrido nos séculos passados. Supõe-se, ainda, que esse esquema mais genérico também esteja ligado a outras formas conjuncionais além de *na hora que*, como *no momento que*, *uma vez que*, *por causa que*, formando, assim, uma rede construcional. No entanto, as formas mais reduzidas das construções (*hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*) parecem se ligar ao esquema  $N_{circunstancial} que$ , o qual pode ser interpretado como um subesquema de *SP que*.

Essa hipótese considera os resultados de Garcia (2017), que investigou a locução *na hora que* em perspectiva sincrônica no português falado e observou que as diferentes formas de *na hora que* (*na hora em que*, *a hora que* e *hora que*) podem ser consideradas microconstruções de um mesmo esquema:  $N_{circunstancial} que$ . Esse esquema, por sua vez, licencia um subesquema mais específico, qual seja:  $[(prep) (art) N_{temporal} (prep) que]$  e, da mesma forma como esse subesquema é específico para nomes temporais, haveria a possibilidade de serem sancionados outros subesquemas com outras especificidades circunstanciais, como *causa*, *condição*, *proporção*, gerando diferentes tipos de microconstruções (*à medida que*, *à proporção que*, *por causa que*).



Todas as ocorrências que são analisadas nesta pesquisa foram coletadas no banco de dados *Corpus do Português*, restringindo-se os dados a textos referentes ao português brasileiro e, portanto, pertencentes aos séculos XVI a XX.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, são introduzidos os pressupostos teóricos que fundamentam as análises desenvolvidas nesta pesquisa e, também, são apresentados estudos desenvolvidos no Brasil com base na abordagem cognitivo-funcional.

O segundo capítulo, por sua vez, traz informações a respeito do *corpus* da pesquisa e detalhes da metodologia utilizada, apresentando, ainda, os fatores de análise com exemplificações que auxiliam a compreender o caminho seguido em sua escolha e as interpretações adotadas no tratamento dos dados.

No terceiro capítulo, os resultados do processamento de dados dos nomes circunstanciais *hora*, *momento*, *vez* e *causa* são analisados no tocante às propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) e frente à proposta de relações contextuais de Diewald (2002, 2006).

Finalmente, são apresentadas as conclusões gerais obtidas a partir das análises e discussões resultantes desta pesquisa.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste primeiro capítulo, inicialmente apresentam-se alguns dos pressupostos teóricos utilizados neste trabalho, em especial: i) a Linguística Cognitiva e a abordagem cognitivo-funcional (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2015; BYBEE, 2016; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021); ii) a construcionalização e processos de mudanças construcionais (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021), bem como a proposta de existência de redes de herança na língua (GOLDBERG, 1995); e iii) a proposta de relações contextuais que favorecem o surgimento da mudança linguística (DIEWALD, 2002, 2006).

Após a contextualização teórica em que se pauta esta pesquisa, finaliza-se o capítulo com alguns estudos sobre mudanças linguísticas de construções do português já desenvolvidos no Brasil, analisadas sob a vertente da Linguística Cognitiva, da abordagem teórica da Gramática de Construções e do processo de construcionalização.

### **2.1 Linguística Cognitiva e abordagem cognitivo-funcional**

A Linguística Cognitiva, teoria que nasce entre as décadas de 1970 e 1980, é uma teoria marcada pelo interesse em aspectos cognitivos da língua, como a categorização, os princípios de organização linguística, a relação entre sintaxe e semântica e entre língua e pensamento e o conhecimento experiencial e pragmático da língua em uso, ou seja, seu interesse se volta a aspectos cognitivos baseados na experiência humana com o mundo, incluindo os aspectos sociais. Trata-se, portanto, de uma entre muitas das abordagens cognitivas, dentre as quais também se encontra a Gramática Gerativa e com a qual não se confunde.

Apesar de ambas as teorias se preocuparem com os aspectos cognitivos da língua, a Gramática Gerativa, que representa o cognitivismo clássico, entende que a língua é essencialmente genética e formada por sistemas de regras formais. Segundo Geeraerts e Cuyckens (2007), o raciocínio desenvolvido pelos gerativistas resulta em uma descontextualização total da gramática, que culmina em uma separação entre língua e seu contexto social, cognitivo e seu contexto de uso real.

Rompendo com o cognitivismo clássico, importantes autores, como George Lakoff e Ronald Langacker, propõem que “a linguagem seja vista como uma forma de ação no mundo, integrada com as outras capacidades cognitivas.” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p. 255). Essa interpretação considera que as atividades cognitivas desenvolvidas pela mente não estão separadas das interações que ocorrem no meio em que estão inseridas. Dessa forma, de acordo com Geeraerts e Cuyckens (2007), a “Linguística Cognitiva é o estudo da língua em sua função cognitiva, em que *cognitiva* se refere ao papel crucial de intermediar as estruturas informacionais em nossos encontros com o mundo.”<sup>1</sup> (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 5). Os aspectos sociais, assim, são extremamente relevantes para a Linguística Cognitiva, a qual considera que a língua é um repositório de conhecimento do mundo e esse repositório, diante de uma constante interação social, comporta informações que se renovam frente a novas experiências.

Distinguindo-se da Gramática Gerativa, a Linguística Cognitiva tem como pressuposto a antimodularidade da língua, tendo em vista que não considera que existam módulos especializados no sistema linguístico, como fonologia, sintaxe, semântica. Para a Linguística Cognitiva, o funcionamento da língua ocorre de maneira integrada, sem separação modular, característica do modelo gerativista. A língua é vista, portanto, como um instrumento para organizar, processar e transmitir informações a partir de uma organização conceitual mais geral. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva considera, também, que forma e significado são indissociáveis, pois, entre a estrutura gramatical complexa (forma) e seu respectivo significado, há uma ligação íntima que se reflete em um único nível de representação, um nível não-modular.

Esses pressupostos teóricos permitem aproximar a Linguística Cognitiva das abordagens funcionalistas, que partem do princípio de que as análises linguísticas devem ocorrer apoiadas no contexto de uso real da língua, focalizando, segundo Nuyts (2007), majoritariamente a dimensão comunicativa e, em menor grau, a dimensão semântica. Tanto a Linguística Cognitiva quanto as abordagens funcionalistas, portanto, adotam um conceito de língua baseada no uso, rejeitando o conhecimento linguístico como independente de seu contexto.

---

1 “Cognitive Linguistics is the study of language in its cognitive function, where *cognitive* refers to the crucial role of intermediate informational structures in our encounters with the world.” (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 5)

Ao estabelecer uma ligação entre cognição e fenômenos sociais, entende-se que muitos processos cognitivos não acontecem exclusivamente na mente humana, mas ocorrem na sociedade, como consequência de um processo social: as ações praticadas pelos indivíduos levam a mente a se desenvolver, aprendendo com o resultado das interações; logo, não são resultados de um processo formal e objetivo inerente à mente.

Dentro desse aspecto social, observa-se que as ações verbais são ações conjuntas, pois “usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros.” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p. 285). A interação social que permite aos indivíduos se comunicarem reflete relações sociais complexas, em que cada falante tem a capacidade de produzir determinados sentidos por meio de suas falas, as quais são interpretadas pelos ouvintes de acordo com seu conhecimento de mundo. Nota-se que a intenção do falante diz respeito apenas a uma parte da comunicação, uma vez que o ouvinte tem participação ativa na interpretação da mensagem recebida.

Diante da interação entre falante e ouvinte, é essencial que se considere o contexto que envolve os eventos reais de fala, pois a linguagem é operadora da conceitualização socialmente localizada por meio da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados a serem sancionados no fluxo interativo.

As pesquisas que envolvem Linguística Cognitiva e abordagens funcionalistas têm atraído funcionalistas tanto do Brasil quanto do exterior, e a junção dessas teorias tem sido chamada de abordagem cognitivo-funcional. No campo dos estudos acerca da mudança linguística, essa abordagem tem como principais preconizadores Traugott (2015), Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021)<sup>2</sup>.

## **2.2 A língua como sistema baseado no uso**

Bybee (2016) discorre a respeito da natureza da linguagem, demonstrando que a língua se organiza em padrões regulares e em padrões em processo de regularização, mas também comporta variações nesses padrões. Nesse sentido, a autora afirma que “uma teoria da linguagem poderia estar focada nos processos dinâmicos que criam as línguas e que

---

2 Traugott e Trousdale (2021) refere-se à tradução recentemente publicada da obra *Constructionalization and Constructional Changes* (2013).

conferem a elas sua estrutura e sua variância” (BYBEE, 2016, p. 18). Assim, com base na possibilidade teórica de estudar as estruturas linguísticas comuns aos diversos sistemas linguísticos paralelamente à particularidade presente em cada língua, Bybee (2016) propõe que o estudo da gramática das línguas seja feito a partir de processos de domínio geral, presentes em áreas da cognição humana e que subjazem às estruturas linguísticas. Dessa forma, ao considerar que a estrutura linguística emerge da atuação repetida de processos cognitivos subjacentes, sem um planejamento prévio do falante, a língua é entendida como um sistema adaptativo complexo, exibindo grande quantidade de variação e de gradiência.

A gradiência corresponde à variação no domínio de uma unidade, o que acaba por dificultar o estabelecimento de limites dessa unidade. Uma vez que a língua está em constante mudança e, conseqüentemente, um elemento pode estar se deslocando de uma categoria para outra, é possível que ele se encontre, inclusive, em um ponto entre duas categorias:

A gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente porque a mudança ocorre no tempo de um modo gradual, movendo um elemento de uma categoria a outra ao longo de um contínuo. Ilustram essa gradação contínuos como o existente entre derivação e flexão, entre palavras funcionais e afixos, entre construções produtivas e improdutivas. (BYBEE, 2016, p. 18)

Como exemplo da ocorrência de gradiência nas línguas, a autora menciona a dificuldade de se categorizar o sufixo *-ly* (“-mente”) do inglês como derivacional ou flexional, pois, mesmo que preserve a semântica do adjetivo (característica de sufixos flexionais), ele também acrescenta uma descrição sobre a maneira pela qual um evento ocorrerá, transformando o adjetivo em advérbio (característica de sufixos derivacionais). Percebe-se, portanto, que, em um contínuo entre sufixos flexionais e derivacionais, *-ly* não se encontra em nenhum dos dois polos, mas em posição intermediária entre eles.

A variação, por sua vez, “se refere ao fato de que unidades e estruturas da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência.” (BYBEE, 2016, p.18). Tomando ainda *-ly* como exemplo, a autora afirma que o sufixo se originou do nome *liç-*, o qual significa “corpo” e que, somado a outros nomes, significa “tendo o corpo de”. Segundo Bybee (2016), com o uso, houve redução gradual do significado de *liç-*, e o nome foi se espalhando e se aglutinando a outros nomes e adjetivos, momento em que houve variação de seu significado até que ele se generalizasse e se fixasse na língua.

Gradiência e variação são fatores que operam para trazer regularidade à estrutura linguística e, também, desvios, uma vez que a língua é uma estrutura mental em constante uso e o processamento cognitivo desencadeado automaticamente pelos falantes desperta possíveis alterações no sistema linguístico. Nesse sentido, Bybee (2016) apresenta alguns processos cognitivos de domínio geral que podem gerar mudanças na estrutura da língua. Ao investigar a linguagem não apenas por processos específicos à língua, mas também por processos de domínio geral, a autora afirma que se reconhece a inserção da linguagem em um contexto mais amplo do comportamento humano.

Os processos cognitivos de domínio geral apresentados por Bybee (2016) são: categorização, *chunking* (agrupamento), memória enriquecida, analogia e associação transmodal<sup>3</sup>. A categorização é o processo geral por meio do qual ocorre o agrupamento de elementos similares. Aplicada à linguagem, observa-se a categorização de elementos linguísticos em unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas, etc, categorias que são a base do sistema linguístico. Segundo Bybee (2016), o falante acumula na memória um conjunto de exemplos e, com base neles, aloca elementos diversos em categorias que apresentem mais características semelhantes a cada elemento.

O processo de *chunking*, segundo a autora, ocorre quando uma sequência de unidades é usada conjuntamente; diferentes itens se combinam e formam unidades mais complexas. Ao se agruparem, os elementos passam a ser entendidos como um bloco, como ocorre, por exemplo, com expressões formulaicas – tais como *quebrar o gelo* e *quem me dera* – que, em vez de terem seus itens interpretados individualmente, são compreendidas globalmente, como unidades complexas.

A memória enriquecida, por sua vez, refere-se “à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados” (BYBEE, 2016, p. 27). Conforme o falante estoca na memória feixes de exemplares, ele utiliza a categorização para mapear as memórias enriquecidas em representações já existentes; logo, cada experiência linguística do falante resulta em um impacto nas representações cognitivas da língua.

Outro processo cognitivo de domínio geral é analogia, por meio da qual é possível criar enunciados a partir de outros previamente experienciados. As construções constituem-se de posições esquemáticas, isto é, de posições com elementos que podem ser substituídos por

3 Será feita uma apresentação sucinta de cada um dos processos e, oportunamente, os processos cognitivos relevantes para esta pesquisa serão mais bem detalhados.

outros elementos da categoria de que fazem parte. De acordo com a experiência linguística do falante, ele pode preencher essas posições esquemáticas de construções e, assim, criar sintagmas e itens lexicais, por exemplo, fazendo com que haja uma expansão criativa e produtiva da língua. Como exemplo do processo de analogia, tem-se o uso do sufixo de desinência do particípio passado *-ido* em verbos irregulares. Considerando que o sufixo *-ido* é usado na formação de particípios de 2ª e 3ª conjugações, os falantes, por meio da analogia, podem aplicar, por exemplo, a desinência a verbos irregulares, como *escrever*, criando uma nova estrutura: *escrevido* (em vez de *escrito*).

As associações transmodais, como processo cognitivo de domínio geral, são processos implícitos, que permitem ao indivíduo detectar um padrão de forma automática. Por meio da identificação automática do padrão, estabelece-se uma ligação entre significado e forma motivada pelas coocorrências cognitivamente associadas, isto é, o sentido detectado se associa à maior sequência disponível (forma), seja de uma palavra, de um sintagma ou de uma unidade maior.

Esses processos cognitivos de domínio geral propostos por Bybee (2016) são fonte de categorias, unidades linguísticas, construções e constituintes. As construções são entendidas como um pareamento de forma e significado com estrutura sequencial, cujas posições podem ser fixas ou abertas, conforme exemplos (10) e (11):

- (10) It *drove* the producer *mad*.  
 “Aquilo deixou o produtor louco” (BYBEE, 2016, p. 29).
- (11) Bantam corkscrewed his *way* through the crowd.  
 “Bantam abriu seu caminho entre a multidão, contorcendo-se” (BYBEE, 2016, p. 29).

Em (10), segundo a autora, há uma construção resultativa composta especificamente pelo verbo *drive* (“deixar”, “compelir”) e por um adjetivo em posição aberta que significa *crazy* (“maluco”) (no exemplo, a posição é ocupada por *mad*). Essa posição aberta pode ser preenchida por um dentre os vários adjetivos com significado similar a *crazy*, de modo que é permitido ao falante escolher o que mais lhe interessa dentre esses adjetivos. No exemplo (11), a construção é formada pela palavra fixa *way* (“caminho”) somada a um verbo que indica como o caminho foi formado, a um pronome possessivo (*his*) e a um sintagma locativo (*through the crowd*). Nesse caso, a posição aberta é ocupada pelo verbo, pelo possessivo e pelo sintagma locativo, os quais podem ser escolhidos pelo falante no momento de uso da

construção, enquanto a palavra *way* deve constar obrigatoriamente como parte da construção, por se tratar de uma palavra fixa.

*Chunking* e analogia, processos cognitivos de domínio geral propostos por Bybee (2016), serão utilizados de forma subsidiária aos fatores relacionados à construcionalização propostos por Traugott e Trousdale (2021) (apresentados na próxima seção). Ao aplicar subsidiariamente esses processos, é possível verificar com mais clareza os micropassos de mudança linguística, permitindo uma melhor análise dos dados desta pesquisa no que diz respeito à concretização da construcionalização e à identificação das mudanças construcionais que ocorreram ou que estão ocorrendo com as construções *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*.

Na seção seguinte, são apresentados os pressupostos teóricos da Construcionalização e das mudanças construcionais, os quais, em conjunto com a proposta de Bybee (2016), são a base para as análises desenvolvidas no terceiro capítulo deste trabalho.

### **2.3 Mudanças construcionais e construcionalização**

As mudanças que ocorrem na língua podem ser observadas e analisadas a partir de diferentes abordagens teóricas. Nesta pesquisa, como tem sido pontuado desde a introdução, adota-se como base teórica a abordagem cognitivo-funcional (TRAUGOTT, 2015; BYBEE, 2016; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021).

A abordagem cognitivo-funcional, ao tratar das mudanças linguísticas, faz uso da Gramática de Construções, um dos modelos teóricos da Linguística Cognitiva, que é uma abordagem que se destina a constituir uma teoria geral de representação sintática e, nesta pesquisa, fundamenta-se principalmente em Goldberg (1995) e Croft (2001). Considerando, assim, a Gramática de Construções e a abordagem cognitivo-funcional, as mudanças linguísticas são analisadas de acordo com um modelo construcional da língua, entendendo que *construção* é a unidade básica de análise.

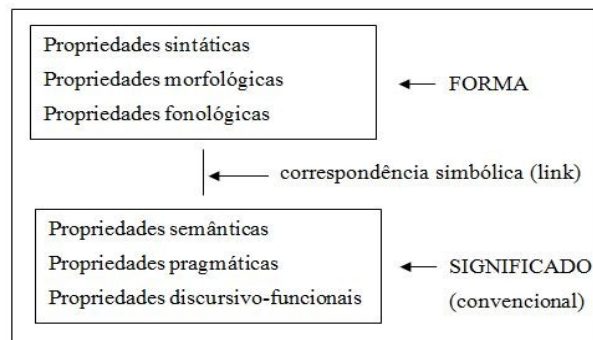
De acordo com Goldberg (1995), cada construção tem uma particularidade que a difere de outras construções, isto é, cada construção deve possuir uma ou mais propriedades distintas na língua, o que as torna não previsíveis a partir de outras construções.



No mesmo viés de Goldberg (1995), Croft (2001) propõe um modelo de representação simbólica das construções, demonstrando que elas são formadas por um pareamento de *forma* (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e de *significado* (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) e são organizadas no sistema conceptual dos falantes como uma rede de construções, a qual será detalhada posteriormente.

Abaixo, encontra-se a representação esquemática de uma construção, de acordo com Croft (2001):

**Figura 1:** Modelo de representação simbólica da construção.



Fonte: Croft, 2001, p. 18.

Por meio das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, o significado, como observado na figura 1, representa todos os aspectos convencionalizados da função da construção, os quais, conectados aos aspectos formais por um *link* de correspondência, constituem, juntos, uma unidade simbólica de forma e significado, isto é, uma construção.

Considerando a abordagem construcional, Traugott (2015) e Traugott e Trousdale (2021) propõem o estudo da mudança linguística como um processo que envolve alterações das construções existentes no sistema linguístico ou, ainda, a criação de novas construções no sistema. Essa interpretação da mudança linguística leva em conta que as construções são estruturas convencionais compartilhadas entre os falantes, de modo que, por meio do uso, esse compartilhamento acarreta modificações na estrutura construcional da língua.

Nesse sentido, os autores afirmam que a evolução da língua, por meio de mudanças linguísticas, resulta de dois processos: i) *mudanças construcionais*, quando não há a criação de uma nova construção na língua, mas alterações em suas propriedades componentes, conforme demonstrado na figura 1, afetando apenas a parte interna da construção; e ii) *construcionalização*, processo em que há a criação de uma nova construção, acompanhado

por mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021). Nas palavras de Traugott e Trousdale (2021):

Construcionalização é a criação de (combinações de) signos forma<sub>nova</sub>-significado<sub>novo</sub>. Ela forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. (p. 58).

O grau de *esquematicidade*, segundo Traugott e Trousdale (2021), envolve o aumento ou a diminuição de abstração semântica e sintática da construção. Usuários da língua, inconscientemente, depreendem de conjuntos de construções suas abstrações semanticamente gerais que acarretam a formação de esquemas linguísticos. Esses esquemas linguísticos, por sua vez, conectam-se entre si formando uma rede construcional.

Ao considerar o grau de esquematicidade, analisam-se os graus distintos de abstração e generalização pelos quais um item alvo de construcionalização passa, observando-se posições e estruturas simbólicas que se reúnem dentro dos esquemas linguísticos. A partir disso, é possível organizar os esquemas em níveis hierárquicos, que, do mais alto para o mais baixo, são: esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos.

Esquemas e subesquemas são os níveis mais abstratos da hierarquia construcional. No esquema linguístico, está presente a representação abstrata mais genérica das construções, enquanto o subesquema reúne construções abstratas similares e, portanto, mais específicas do que o esquema. As microconstruções e os construtos, por sua vez, são realizações dos níveis mais abstratos: microconstruções são construções individuais que se realizam no uso pelos construtos, como “instâncias de uso em uma ocasião particular, produzidas por um falante particular (ou escritas por um escrevente particular) com um propósito comunicativo.” (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021, p. 48).

Assim, considerando que a esquematicidade se relaciona diretamente com os níveis hierárquicos das construções, de acordo com Traugott e Trousdale (2021), há maior grau de esquematicidade quando há apenas *slots* a serem preenchidos dentro da representação abstrata genérica do nível do esquema. Os autores mencionam como exemplo a construção ditransitiva “causar-receber” apresentada por Goldberg (2006). A construção se realiza no esquema [sujeito + verbo + objeto 1 + objeto 2], como [I gave John a Bike] (Eu dei John uma bicicleta), em que a posição do verbo pode ser ocupada por qualquer item verbal com

significado de “causar-receber”. Trata-se, portanto, de uma construção com alta esquematicidade, pois todos os *slots* são abertos e podem ser preenchidos pelos falantes. O mesmo não ocorre com o subesquema dessa construção: [*sujeito + bake (assar) + objeto 1 + objeto 2*], como [*I baked John a cake*] (*Eu assei John um bolo*). Nesse subesquema, a posição do verbo já está preenchida por um verbo específico (*bake – assar*), o que torna a construção menos esquemática do que a construção ditransitiva.

A *produtividade* é entendida por Traugott e Trousdale (2021) como uma propriedade gradiente da construção. Verifica-se por meio da extensibilidade dos esquemas linguísticos ao se observar o grau de admissão de outras construções menos esquemáticas junto a esses esquemas linguísticos e por meio do grau em que os próprios esquemas são restringidos. Assim, no caso da formação de adjetivos em português a partir de verbos, por exemplo, a produtividade se verifica no grau em que a combinação de verbos com o sufixo *-nte* (*tolerar > tolerante*) sanciona a criação de adjetivos. Como há a admissão de inúmeras formas verbais, essa combinação é bastante produtiva no português brasileiro. Em contrapartida, a combinação com o sufixo *-io* (*fugir > fugidio*) é menos produtiva, pois esse sufixo admite menos formas verbais na criação de adjetivos.

Outra característica da produtividade é sua ligação com aspectos de frequência. Bybee (2003) propõe a distinção entre frequência de ocorrência (*token*) e frequência de tipo (*type*). Frequência de ocorrência é a aparição de um determinado item em um texto, enquanto frequência de tipo corresponde à quantidade de itens identificados na língua que fazem parte de uma mesma estrutura mais abstrata, a qual pode comportar diferentes construções. Traugott e Trousdale (2021) relacionam a frequência de tipo à frequência de construção (esquema mais abstrato), e a frequência de ocorrência à frequência de construto (instâncias de uso) e, com base nessa interpretação, entendem que a formação de novas construções acarreta um aumento gradual da frequência de uso, o que, por sua vez, provoca um aumento na frequência do construto, visto que os falantes tendem a usar cada vez mais as novas construções.

Quanto ao terceiro fator ligado à construcionalização, a *composicionalidade*, Traugott e Trousdale (2021) afirmam que ela está relacionada à transparência de ligação entre forma e significado, observando-se tanto aspectos semânticos (significado do todo e das partes individuais) quanto sintáticos (propriedades combinatórias entre os elementos). Nas palavras dos autores:

Se um construto é semanticamente composicional, então, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entenda o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, não haverá compatibilidade entre o significado de elementos individuais e o significado do todo. (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021, p. 53)

Desse modo, se uma construção tem alto grau de composicionalidade, o significado dos elementos constituintes dessa construção pode ser apreendido separadamente, independentemente da construção no todo. Entretanto, se uma construção apresenta menor grau de composicionalidade, há um desencontro entre o significado individual de cada item e o significado da construção como um todo, pois ela já atua como uma unidade linguística global e, portanto, tem um significado constituído pelo conjunto total de seus elementos componentes.

Os três fatores apresentados fazem parte do processo de construcionalização e podem ser percebidos por meio de mudanças construcionais que, como dito, são mudanças que ocorrem em uma construção sem acarretar a criação de uma nova construção: “Uma mudança construcional é uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó.” (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021, p. 65).

A construcionalização, segundo os autores, é acompanhada por mudanças construcionais que podem ocorrer tanto antes, quanto depois da efetivação da construcionalização. Quando ocorrem antes, são chamadas de *mudanças construcionais pré-construcionalização*, nas quais se observam, como características, expansão e semantização da pragmática do item, incompatibilidade entre forma e significado e pequenas mudanças distribucionais do constituinte. Quando ocorrem após a construcionalização, são chamadas de *mudanças construcionais pós-construcionalização* e tendem a envolver expansão de colocação e redução morfológica e fonológica do item.

Como exemplo de construcionalização, os autores citam o estudo de Traugott (2008), acerca do desenvolvimento dos partitivos binominais do inglês *a part/share of SN* (*uma parte/quota de SN*) como quantificadores gramaticais *a lot/bit/shared of a N* (*uma porção/um pedaço/um pingão de N*).

No inglês antigo, *lot* é usado como um elemento que se refere a parte de um todo maior. Na estrutura *lot of SN*, *lot* é o núcleo e *of SN* é seu modificador, conforme exemplo abaixo, em que há o construto *[Summ lott off gode sawless]* (*[um grupo de almas boas]*). O

esquema referente à construção pode ser identificado, nesse período da história do inglês, como  $[N_i [de N_j]] \leftrightarrow [parte_i - todo_j]$ . *Lot*, no exemplo (12), tem significado lexical:

- (12) A33 wass i þiss middellærd *Summ lott off gode sawless.*  
 always was in this middle-earth certain group of good soul.  
 [“Havia sempre neste mundo um grupo de almas boas”] (c.1200 Ormulum, 19150 [MED lot n1, 2e]) (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 60).

No século XVIII, segundo Traugott (2008), começam a aparecer usos de *lot of* em contextos que permitem ao ouvinte inferir a implicatura pragmática de unidade como quantidade. O exemplo (13) apresenta *lots of* interpretado como unidades para venda (*grande quantidade de*):

- (13) Mrs. Furnish at St. James’s has ordered *Lots of Fans, and China, and Indian Pictures* to be set by for her, ‘till she can borrow Mony to pay for’ em.  
 [“A senhora Furnish em St. James encomendou muitos ventiladores, e porcelanas e pinturas indianas para serem reservadas para ela, até que ela possa pedir dinheiro emprestado para pagar por elas.”] (1708 Baker, *Fine Lady Airs* [LION: Drama em prosa inglês.]) (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 61-62).
- (14) I have *a lot of* goods to sell, and you wish to purchase them.  
 [“Eu tenho muitas mercadorias para vender, e você quer comprá-las.”] (1852 Arthr, *True Riches* [COHA.]) (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 63).

Em (14), *a lot* pode ser substituído por outros quantificadores, como *much* (*muito*) ou *many* (*muitos*). Traugott e Trousdale (2021) afirmam que, diante desse contexto em que a interpretação como quantificador se torna mais natural, é possível inferir a ocorrência da construcionalização, com a alteração de significado (partitivo para quantificador) e da estrutura formal (modificador), a partir da qual se criou no inglês o quantificador *a lot of*. A representação adotada pelos autores para a construcionalização é:  $[N_i [de N_j]] \leftrightarrow [parte_i - todo_j] > [[N de] N_j] \leftrightarrow [grande quantidade - entidade_j]$ .

Conforme afirmam Traugott e Trousdale (2021), nos estudos da mudança linguística baseados na Gramática de Construções, é muito comum a metáfora de que as construções presentes na língua estão conectadas umas às outras, formando uma rede. Há, assim, uma rede de construções, a qual se estabelece a partir de relações de herança existentes entre as próprias construções que vão sendo criadas por meio do processo da construcionalização.

Goldberg (1995, 2006), cujos estudos são pioneiros a respeito da metáfora correspondente à rede de construções, propõe, como já discutido, que a língua é formada por

construções que correspondem a um pareamento de forma e de significado. A autora argumenta que as construções carregam em si um significado específico que não depende dos elementos que as compõem. Assim, propõe o seguinte princípio para a definição de uma construção: “C é uma CONSTRUÇÃO se C for um pareamento de forma-significado  $\langle F_i, S_i \rangle$  de modo que algum aspecto de  $F_i$  ou algum aspecto de  $S_i$  não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas.”<sup>4</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Como propriedade geral, cada construção tem necessariamente uma ou mais propriedades distintivas na língua e, portanto, podem não ser previsíveis a partir de outras construções. Seguindo a hipótese de que a língua é composta, em sua base, por construções, Goldberg (1995) afirma que elas fazem parte de um conjunto organizado por meio de generalizações. Por fazerem parte dos sistemas gramaticais, as construções formam uma rede e essa rede se organiza por meio de relações de herança estabelecidas pela conexão entre as construções. As redes de herança, segundo a autora, permitem que se captem relações entre construções, as quais, ao se relacionarem, compartilham propriedades, sejam elas similaridades ou exceções:

Construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam muitas propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalizações entre as construções, enquanto, ao mesmo tempo, permite capturar sub-regularidades e exceções.<sup>5</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67).

A noção de generalizações proposta por Goldberg (1995) pode ser relacionada ao mecanismo da analogia de Bybee (2016). A analogia justifica a criação de novas construções a partir da estrutura de construções já presentes na língua, de modo que, entre a nova construção e a construção cujo esquema serviu de base para a aplicação do mecanismo, haja características semelhantes. Essas semelhanças são entendidas, nos termos de Goldberg (1995), como generalizações que permitem a aproximação entre construções e, dessa forma, ligações de herança, constituindo uma rede de construções.

Quanto às relações entre as construções, Goldberg (1995) propõe que essas relações

4 C is a CONSTRUCTION iff<sub>def</sub> C is a form-meaning pair  $\langle F_i, S_i \rangle$  such that some aspect of  $F_i$  or some aspect of  $S_i$  is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions. (GOLDBERG, 1995, p. 4)

5 Constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for subregularities and exceptions (GOLDBERG, 1995, p. 67).

que formam uma rede se fundamentam em quatro princípios de natureza psicológica. São eles: *Princípio de Motivação Maximizada*, *Princípio da Não-Sinonímia*, *Princípio do Poder Expressivo Maximizado* e *Princípio da Economia Maximizada*.

Segundo o Princípio de Motivação<sup>6</sup> Maximizada, “se a construção A está relacionada à construção B sintaticamente, então o sistema da construção A é *motivado* na medida em que ele esteja relacionado à construção B semanticamente (cf. HAIMAN, 1985; LAKOFF, 1987). Essa motivação é maximizada.”<sup>7</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67).

Goldberg (2006) exemplifica esse princípio com referência a peças de roupa usadas na parte inferior do corpo. A autora afirma que, em inglês, essas peças recebem nomes no plural: *pants* (*calças*), *shorts*, *leggings*, *stockings* (*meias*). A pluralização dessas palavras ocorre motivada pela estrutura bipartite das peças: envolvem necessariamente duas partes, uma para cada perna ou pé. Essa motivação para o plural não ocorre, por exemplo, com as peças que não têm estrutura bipartite, como *skirt* (*saia*). Goldberg (2006) demonstra, assim, que a pluralização desses nomes é motivada pelo fato de essas construções terem semelhança formal motivada por uma relação semântica. O Princípio de Motivação Maximizada, portanto, permite inferências acerca das motivações que conectam a existência de duas construções sintaticamente semelhantes.

O segundo princípio, o Princípio da Não-Sinonímia, é estabelecido por Goldberg nos seguintes termos:

Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Aspectos pragmáticos de construções envolvem características da estrutura informacional, incluindo tópico e foco, e, adicionalmente, aspectos estilísticos da construção, como registro.

Corolário A: se duas construções são sintaticamente distintas e S(emanticamente)-sinônimas, então elas não devem ser P(ragmaticamente)-sinônimas.

6 A motivação, de acordo com Goldberg (1995), é um termo introduzido na Linguística por Saussure a respeito do famoso exemplo *dix-neuf* (“dezenove”), com o qual o autor explica a inexistência de uma arbitrariedade absoluta, na medida em que discute que a palavra *dezenove* não é totalmente arbitrária, uma vez que, a partir dela, é possível inferir seu significado ao considerar as palavras que a formam separadamente (*dez* e *nove*). A motivação pauta-se, assim, entre a previsibilidade e a arbitrariedade.

7 If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is *motivated* to the degree that it is related to construction B semantically (cf. HAIMAN, 1985; LAKOFF, 1987). Such motivation is maximized (GOLDBERG, 1995, p. 67).

Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e P-sinônimas, então elas não devem ser S-sinônimas.<sup>8</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67).

O enunciado do princípio estabelece claramente que uma construção deve ser diferente de outras construções. Assim, se houver algum tipo de distinção sintática, essa distinção também será refletida nos aspectos semânticos e/ou pragmáticos, de acordo com as regras expostas nos corolários do princípio.

O corolário A trata das construções que são sintaticamente diferentes, mas semanticamente sinônimas. Nesse caso, pressupõe-se que elas não sejam pragmaticamente sinônimas. A distinção entre essas duas construções se dará no campo sintático e no campo pragmático, de modo que, apesar de serem semanticamente sinônimas, elas tenham características sintáticas e pragmáticas que as diferenciem na língua.

O corolário B explicita o caso de construções que são sintaticamente diferentes, mas pragmaticamente sinônimas, ao contrário do corolário A. Nesse caso, essas construções não deverão ser semanticamente sinônimas.

O terceiro princípio subjacente às relações entre construções proposto por Goldberg (1995) – o Princípio do Poder Expressivo Maximizado – prediz que “o inventário de construções é maximizado para fins comunicativos.”<sup>9</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67). Assim, quando os falantes percebem que determinada construção não mais atende às suas necessidades, podem recrutar outras palavras para suprirem essa lacuna, dando início ao processo de mudança linguística que ampliará o inventário de construções como consequência de uma necessidade comunicativa. Nesse sentido, segundo a autora, as diferenças semânticas ou pragmáticas também refletem diferenças na forma. Nas palavras de Goldberg: “Uma diferença no significado ou na pragmática deve conduzir a uma diferença na forma, em concordância com o que temos chamado de Princípio do Poder Expressivo Maximizado.”<sup>10</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 68).

8 If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register.

Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous.

Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

9 The inventory of constructions is maximized for communicative purposes. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

10 A difference in meaning or pragmatics should lead to a difference in form, in accordance with what we have called above Principle of Maximized Expressive Power. (GOLDBERG, 1995, p. 68)



O último dos quatro princípios, Princípio da Economia Maximizada, vem definido pela autora da seguinte forma: “o número de construções distintas é minimizado<sup>11</sup>, tanto quanto possível, dado o Princípio III.”<sup>12</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67-68). Desse modo, apesar de, conforme o princípio anterior, a língua ter seu inventário de construções maximizado de acordo com a necessidade comunicativa dos falantes, essa maximização não ocorre deliberadamente. Pelo princípio da economia maximizada, a criação de novas construções fica estritamente limitada a uma necessidade real de inovação.

Goldberg (1995) afirma, por fim, que o Princípio do Poder Expressivo Maximizado e o Princípio da Economia Maximizada atuam em direções opostas, de forma que se constroem e, assim, permitem um equilíbrio no inventário linguístico.

A autora associa os princípios psicológicos a dois fenômenos de iconicidade analisados por Haiman (1985): *isomorfismo* e *motivação*. O isomorfismo diz respeito à correspondência entre os itens de um diagrama e os itens da realidade representada. Isso pode ser exemplificado por um mapa: cada referência em um mapa tem um correspondente geográfico no mundo real. A motivação, por sua vez, indica que os pontos de um diagrama correspondem a um relacionamento entre os pontos na realidade. Assim, usando o mesmo exemplo do mapa, duas localizações em um mapa são mais distantes a depender da distância real entre elas no mundo: se foram próximas fisicamente, sua representação no mapa será mais próxima; se forem distantes na realidade, no mapa serão representadas com maior distanciamento.

Apesar da ocorrência desses fenômenos, Haiman observa que pode haver desvios dessas regras, uma vez que se trata de representações e não de reproduções. Nesse sentido, é possível que, por exemplo, em um mapa, haja distorções, motivadas pela necessidade de simplificação de algum aspecto específico.

Considerando esses fenômenos e aplicando-os às línguas naturais, especificamente aos princípios expostos, Goldberg (1995) assimila o isomorfismo e a motivação às construções. Diferenças na forma implicam diferenças no significado ou na pragmática (Princípio da Não-Sinonímia) e diferenças no significado ou na pragmática indicam diferenças na forma

---

11 Assim como outros pesquisadores brasileiros (ALMEIDA, 2008; MEIRELES LAGE, 2013), adota-se a tradução “minimizado” para o que, no original, consta como “*maximized*”, o que parece ser mais adequado à ideia proposta pela autora por meio do princípio.

12 The number of distinct constructions is maximized as much as possible, given Principle III.” (GOLDBERG, 1995, p. 67-68)

(Princípio do Poder Expressivo Maximizado), atestando a correspondência que há entre forma e significado nas construções, como reflexo do isomorfismo inerente a elas. Quanto aos outros dois princípios, a autora afirma que desvios da regra (exceções) são casos de simplificação (Princípio da Economia Maximizada) e a necessidade de itens distintos para cada significado distinto acarreta a criação de formas distintas (Princípio do Poder Expressivo Maximizado). Com isso, observa-se a motivação existente entre as construções, a qual estabelece um relacionamento entre elas, conectando-as em uma rede que permite a criação de novas construções quando necessário.

Com a aplicação dos quatro princípios de natureza psicológica nesta pesquisa, busca-se complementar as análises que verificam a ocorrência de mudanças construcionais e da construcionalização das locuções conjuncionais em estudo, focalizando a possível existência de uma relação entre as construções, motivada por relações formais e funcionais, e a possível organização em uma rede de construções, como resultado dos princípios de motivação maximizada e da não-sinonímia. Nas análises, procura-se, também, focalizar a necessidade de surgimento das construções analisadas, considerando os princípios da economia maximizada e do poder expressivo.

As relações entre as construções que se propõe verificar geram relações de herança, as quais são, como exposto, motivadas. Seguindo os pressupostos teóricos de Goldberg (1995), para capturar as relações que motivam a criação e a ligação de construções, devem-se identificar *links de herança* entre as construções, de modo a se observar suas conexões.

Para capturar relações de motivação, *ligações de herança* assimétricas são colocadas entre construções, as quais estão relacionadas semanticamente e sintaticamente. Isto é, a construção A motiva a construção B se e somente se B herda de A. A herança nos permite compreender o fato de que duas construções podem ser, em alguns aspectos, as mesmas e, em outros aspectos, distintas.<sup>13</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 72)

Se houver alguma característica herdada de uma construção por outra, é possível afirmar que há uma motivação entre elas e constatar conexões que formam uma rede. Dessa forma, a proposta desta pesquisa é analisar possíveis relações existentes entre as locuções conjuncionais *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, motivadas por semelhanças

---

13 To capture relations of motivation, asymmetric *inheritance links* are posited between constructions which are related both semantically and syntactically. That is, construction A motivates construction B iff B inherits from A. Inheritance allows us to capture the fact that two constructions may be in some ways the same and in other ways distinct. (GOLDBERG, 1995, p. 72)

sintáticas, embora semântica e pragmaticamente elas possam ser diferentes.

Outro importante foco de análise aplicado a fenômenos de mudança é proposto por Diewald, também sob a perspectiva cognitivo-funcional da mudança linguística. Na próxima seção, apresentam-se os pressupostos fundamentais desta proposta, que se aplica de modo complementar às análises desenvolvidas nesta pesquisa.

## 2.4 Relações contextuais

Diewald (2002, 2006) investiga as mudanças linguísticas sob a perspectiva da Gramática de Construções e da gramaticalização. Em suas análises, de natureza diacrônica, propõe o reconhecimento de diferentes contextos que responderiam por diferentes etapas da mudança. Diewald (2002) propõe especificamente que o desenvolvimento de funções gramaticais no processo de mudança linguística envolve três tipos de contextos distintos: contextos atípicos, contexto crítico e contextos de isolamento.

No primeiro contexto, chamado pela autora de *contextos atípicos (untypical contexts)*, a construção começa a ser utilizada em contextos nunca antes utilizados. Nesse estágio, são desenvolvidas as pré-condições da gramaticalização. O segundo contexto, *contexto crítico (critical context)*, apresenta uma construção com ambiguidade estrutural e semântica, dando início ao processo de gramaticalização. Por fim, ao chegar ao terceiro contexto, *contextos de isolamento (isolating contexts)*, conforme afirma a autora, o novo significado que se desenvolveu está isolado do antigo significado; o novo significado é, portanto, mais gramatical, e o antigo, mais lexical. Nesse momento, há a consolidação da gramaticalização.

No quadro abaixo, extraído de Diewald (2006), sintetizam-se os estágios por que passa uma construção no processo de mudança linguística via gramaticalização<sup>14</sup>:

---

14 Entende-se, nesta pesquisa, que os processos de gramaticalização e de construcionalização não são processos divergentes, mas complementares. Essencialmente, o processo de gramaticalização focaliza mais aspectos morfossintáticos da forma em mudança, ao passo que, do ponto de vista da construcionalização, esses aspectos são apenas uma faceta do item e devem ser analisados em conjunto com aspectos semânticos e pragmáticos.

**Quadro 1:** Tipos de contextos em gramaticalização.

<b>Estágio</b>	<b>Contexto</b>	<b>Significado/Função</b>
I Pré-condições de gramaticalização	Contextos atípicos	Implicatura conversacional
II Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla
III Reorganização e diferenciação	Contextos de isolamento	Polissêmico/Heterônimo

Fonte: Adaptado de Diewald, 2006, p. 4.

No tocante ao significado/função das formas, no primeiro estágio, em que estão dispostas as pré-condições de gramaticalização (contextos atípicos), o novo significado aparece como uma implicatura conversacional. No segundo estágio, em que já se desencadeia o processo da gramaticalização (contexto crítico), há ambiguidade e, assim, opacidade múltipla atrelada ao significado da construção. Já no terceiro estágio, em que a gramaticalização se concretiza (contextos de isolamento), há uma reorganização do sistema linguístico, fazendo com que a construção seja polissêmica, ou seja, passe a expressar significados distintos.

Diewald (2002) investiga a mudança linguística de alguns verbos modais alemães de acordo com os contextos expostos acima. Inicialmente, considerando o contexto atípico, em que se desenvolvem pré-condições da mudança linguística e em que o próprio contexto não revela pistas da preferência interpretativa do falante, mas permite que o ouvinte interprete livremente entre as leituras possíveis, a autora apresenta a sentença em (15), da qual, segundo Diewald, se depreendem duas leituras: uma mais limitada e uma mais ampla. Nesse caso, uma vez que, pela interpretação do ouvinte, o escopo limitado não faz muito sentido no contexto, o escopo amplo surge como uma implicatura conversacional. Note-se que, apesar de o escopo limitado não ser o preferido no contexto, trata-se de uma inferência possível de ser feita pelo ouvinte. Conforme aponta Diewald, o falante e o contexto de fala não influenciam na escolha interpretativa do ouvinte; essa escolha ocorre a partir de seu próprio raciocínio interpretativo:

- (15) *Das muß man alles erst mal wissen. (Texte 52)*  
*Narrow scope, lexical: 'You have got to realize all that first.'*  
*Wide scope, lexical: 'It is necessary: you realize all that first.'*  
 Escopo limitado, lexical: "Você tem que perceber tudo isso primeiro."  
 Escopo amplo, lexical: "É necessário: você percebe tudo isso primeiro." (DIEWALD, 2002, p. 107).

A autora explica que, na sentença em (15), "é improvável que o falante queira predicar algo sobre o sujeito que é realizado pelo pronome indefinido *man*. Em vez disso, a leitura do escopo amplo, expressando a necessidade geral de que a proposição *Man weiß das alles erst*

*mal* seja verdadeira é muito mais informativa.<sup>15</sup>” (DIEWALD, 2002, p. 107). Assim, diante das duas leituras, é mais provável que o ouvinte, por meio de seu raciocínio nessa situação comunicativa específica, prefira a leitura do escopo limitado. Essa preferência é atestada, de acordo a autora, para o modal ao longo da história da língua alemã.

O contexto atípico, segundo Diewald (2002), desencadeia um escopo amplo pela via da implicatura conversacional, mas retém, ao mesmo tempo, a possibilidade interpretativa de leitura do escopo limitado. Dessa forma, há uma expansão do escopo e ambivalência do significado. Com a possibilidade de leitura do escopo amplo, estabelece-se a base para uma mudança semântica do significado do modal; essa base, segundo a autora, é um dos pré-requisitos da gramaticalização.

As pré-condições de gramaticalização presentes no contexto atípico são reveladas, no caso, pela possibilidade de nova leitura semântica e estrutural presente no modal. No entanto, a autora ressalta que a presença de pré-condições, ou seja, a existência de um contexto atípico não assegura o desenvolvimento da mudança linguística pelo processo da gramaticalização, mesmo que a base para a mudança semântica tenha sido estabelecida pela expansão do escopo; esse contexto poderia durar para sempre, sem a necessidade de efetivar uma mudança na língua.

O segundo estágio, que corresponde ao desencadeamento da gramaticalização, caracteriza-se pela existência de um único e específico contexto crítico que estimula a possibilidade de desenvolvimento de ambiguidade semântica e estrutural. No caso dos modais do alemão estudados pela autora, há o surgimento de um modal com as seguintes características: presença de sufixo dental (-t-), de objeto direto opcional, do verbo *haben* (“have”, “ter”) – possivelmente contraído sob a forma, *hân* – ou do verbo *sîn* (“be”, “ser”) e de um particípio passado, como no exemplo em (16). Note-se que, por ser de difícil interpretação, dada sua alta ambiguidade, a sentença é traduzida por Diewald de três formas (16a-c):

- (16) *Der kunde se baz gelobet hân.*  
 a. *Der hätte sie besser loben können.* (subjuntivo)  
 “He could have praised her better”  
 “Ele pode tê-la elogiado melhor”  
 b. *Der konnte sie besser als Gelobte haben.* (particípio como adjetivo)

15 “It is unlikely that the speaker wants to predicate something on the subject which is realized by the indefinite pronoun *man*. Instead, the wide scope reading, expressing the general necessity that the proposition *Man weiß das alles erst mal* is true, is much more informative.” (DIEWALD, 2002, 107).

- “*He was able to have her as a praised one better*”  
 “Ele foi capaz de tê-la elogiado melhor”  
 c. *Der könnte sie besser gelobt haben.* (leitura dêitica)  
 “*Perhaps, he has praised her better*”  
 “Talvez, ele a tenha elogiado melhor” (DIEWALD, 2002, p. 110-111).

A autora sustenta que as várias possibilidades interpretativas, bem como a ausência de pistas contextuais que conduzam a uma única interpretação possível, fazem a construção não tão funcional quanto seria em um contexto de isolamento, característico do terceiro estágio de mudança.

No terceiro estágio, em que a gramaticalização se consolida, apenas uma das interpretações desencadeadas no contexto crítico prevalece, de modo que o significado antigo (mais lexical) e o novo significado (mais gramatical) passam a conviver de forma independente, conforme exemplificam os usos do verbo modal alemão *mögen* (*mocht, mag*), em (17) e (18):

- (17) *Nu hat der Romisch geytz vn(d) raubstul/nit mocht der zeit erwartten/das [...].* (Luther Adel 113,17)  
 ‘*Now the greedy and criminal Roman see has not been able to wait for the time that ...*’  
 “Agora o romano ganancioso e criminoso vê que não pôde esperar pelo tempo que...”  
 (DIEWALD, 2002, p. 115).
- (18) *Herr Doktor, es mag der Huß auß forcht also geredt haben.* (Cochlaeus 22–17, from Duchâteau 1979:68)  
 ‘*Doctor, Huß may have spoken thus for fear.*’  
 “Doutor, Huß pode ter falado assim por medo.” (DIEWALD, 2002, p. 115).

No exemplo (17), o verbo modal *mögen* tem uma leitura lexical, diferentemente do exemplo (18) em que, já gramaticalizado e isolado, o modal desencadeia uma leitura gramatical, a qual não se confunde com a lexical.

Como se observa, é relevante, especialmente para uma pesquisa diacrônica, analisar e compreender os contextos em que se dá o desenvolvimento do processo de mudança linguística por que passam as construções. Ressalta-se que, apesar de os estudos de Diewald (2002, 2006) focalizarem a gramaticalização, eles também podem ser aplicados à mudança linguística vista pela ótica da construcionalização. Isso ocorre porque a gramaticalização é o fenômeno que verifica a mudança linguística pela qual itens lexicais ou menos gramaticais se tornam gramaticais ou mais gramaticais. A construcionalização, por sua vez, de acordo com

Traugott e Trousdale (2021), além de se preocupar com a formação de construções gramaticais (construcionalização gramatical), assim como a gramaticalização, também se preocupa com a formação de construções lexicais (construcionalização lexical). Nesse sentido, segundo Garcia (2017), a gramaticalização é abarcada pela teoria da construcionalização gramatical e, dessa forma, ambas as teorias podem ser entendidas como propostas complementares, o que justifica a aplicação de Diewald (2002, 2006) às análises empreendidas na presente pesquisa, cujo foco central é a construcionalização.

Conforme se mostrará adiante, os estudos de Diewald (2002, 2006) mostram-se relevantes para a análise das relações contextuais em que ocorrem as mudanças linguísticas investigadas nesta pesquisa, permitindo uma melhor compreensão de como se dá o processo de construcionalização. Ao se identificarem nos dados os tipos de contextos conforme propostos por Diewald, as alterações acarretadas pelas mudanças construcionais e a efetivação da construcionalização de *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que* são analisadas de forma mais completa e trazem maior grau de segurança às análises e interpretações propostas neste trabalho.

## **2.5 Estudos anteriores sobre conjunções e locuções conjuntivas no português brasileiro**

Apesar de a abordagem cognitivo-funcional ser razoavelmente recente, as pesquisas baseadas em seus pressupostos têm se mostrado muito produtivas na área de análise linguística. Nesta seção, apresentam-se alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil a respeito de locuções conjuntivas sob perspectiva cognitivo-funcional, foco desta pesquisa. São eles: Cezario, Silva e Santos (2015), Bispo e Moreira (2017), Garcia (2017) e Silva e Cezario (2019).

Cezario, Silva e Santos (2015), com base na perspectiva da “Linguística Funcional Centrada no Uso” (BYBEE, 2016 [2010]; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021 [2013]), cujo rótulo foi cunhado por pesquisadores do Grupo Discurso & Gramática, os autores propõem um estudo histórico do esquema *[Xque]conec*, partindo da análise de microconstruções com noção temporal, a saber: *vez que*, *já que*, *logo que*, *ainda que* e *sempre que*. Os autores observam contextos críticos que possam ter dado origem à construção *[Xque]conec* a partir do

século XVI, fazendo uso dos três fatores que dizem respeito à construcionalização: graus de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade.

Os autores afirmam que, apesar de não se encontrarem ocorrências da construção até o século XV, é possível identificar, nesse período do português, contextos críticos que podem ter dado origem à formação da construção, conforme os exemplos de (19) a (21), dados pelos autores:

- (19) Onde diz Jhesu, filho de Syrac: A sabedoria do humildado exalçara a sua cabeça e fara-o seer e~ meetade dos muy grandes. E diz Sam Jeronimo que os sabedores do mu~do desprezam as Sanctas Scripturas. E muyto milhores som as palauras do rostico sinprez que do leterado que diz cousas falsas. Onde aconte[ce]o *hu~a uez* que os sanctos bispos faziam co~celho geeral e aju~tame~to e~ hu~a cidade que chama~ Niça- (Orto do Esposo. Cap. 14 *apud* CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015, p. 234).
- (20) Ca aconteceo *hu~a uez* que hu~u~ home~ liurou da morte os filhos desta besta. E este home~ cayo em hu~a coua, e a besta o tirou fora dela e o pos e~ saluo [fora] do deserto, hindo co~ elle muy leda e afagando-o, e~ guisa que parecia que lhe daua graças. (Orto do Esposo cap. 14 *apud* CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015, p. 234).
- (21) A vida dos Franceses que estão neste Rio é já não somente hoje apartada da Igreja Católica, mas também feita selvagem; vivem conforme aos índios, comendo, bebendo, bailando e cantando com eles, pintando-se com suas tintas pretas e vermelhas, adornando-se com as penas dos pássaros, andando nús ás vezes, só com uns calções, e finalmente matando contrários, segundo o rito dos mesmos índios, e tomando nomes novos como eles, de maneira que não lhes falta mais que comer carne humana, que no mais sua vida é corruptissima, e com isto e com lhes dar todo gênero de armas, incitando-os *sempre* que nos façam guerra e ajudando- os nela, o são ainda péssimos (Cartas: informações, fragmentos históricos sermões. (Padre Josepf Anchieta, p. 221 Sec. XVI *apud* CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015, p. 234-235).

Segundo os autores, as formas *vez* e *sempre*, nos excertos acima, participam de orações diferentes da que se encontra a partícula *que*, ou seja, ainda não se verifica a formação de uma construção, uma vez que os itens (*vez*, *sempre* e *que*) se encontram separados na sentença. No entanto, a proximidade com que os itens aparecem em sequência nos textos, mesmo que em orações separadas, pode ter caracterizado contextos críticos a partir dos quais, posteriormente, a construção [*Xque*]conec se originaria.

Já nos séculos XVI e XVII, Cezario, Silva e Santos (2015) encontram ocorrências da construção [*Xque*]conec, como as que ilustram os exemplos de (22) a (24) dados pelos autores:



- (22) Era Jesus Christo pacientíssimo; com incrível paciência e mansidão estava soffrendo todos aquelles golpes, e *ainda que* lhe davam muito trabalho e dór, labora- trabalhava e soffria e vencia a ira de sua divina justiça, recordatus misericórdia; sua;, lembrando-se daquela grandíssima misericórdia, que o constrangeu a tomar forma de cordeiro, e como tal ser esfolado e morto na cruz. (A conversão de S. Paulo, séc. XVI *apud* CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015, p. 235).
- (23) *Já que* nesta cidade da santa Igreja tens entrado por fê, pois és christão e baptizado, entra também n'ella por caridade et serva mandata como bom-christão, que sem isto por demais esperas. (A conversão de S. Paulo, séc. XVI *apud* CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015, p. 235).
- (24) Mas *uma vez que* os índios estiverem independentes dos governadores, arrancada esta raiz, que é o pecado capital e original deste Estado, cessarão também todos os outros que dele se seguem, e Deus terá mais motivo de nos fazer mercê.” (Cartas. Padre Vieira. Sec. XVII *apud* CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015, p. 236).

Além de casos como os exemplificados acima, os autores afirmam ter encontrado, nos séculos XVI e XVII, microconstruções do tipo *depois que, antes que, toda vez que, sempre que e logo que*<sup>16</sup>.

Dada a ocorrência da construção a partir do século XVI, passa-se à análise dos contextos críticos para traçar a formação de *[Xque]conec* no português.

Como Cezario, Silva e Santos (2015) verificam, nos textos anteriores a 1700, as formas circunstanciais (*sempre, todas as vezes, etc*) encontravam-se em uma oração principal e eram seguidas de *que*, com valor de pronome relativo ou de conjunção. Pela sequenciação imediata do elemento adverbial em fim de oração seguido de *que*, segundo os autores, as formas foram reinterpretadas e, por meio do processo cognitivo de *chunking*, seus elementos formaram um conectivo único, identificado como um bloco.

Dessa forma, conforme os autores afirmam, até o século XVI, havia composicionalidade dos itens da construção, pois eles eram passíveis de interpretação individual. A partir dos dados encontrados nesse século, percebe-se uma diminuição da composicionalidade das formas em direção à atuação como uma unidade global, impulsionada pela rotinização do uso. Além disso, há aumento do grau de esquematização das construções, de modo que outros elementos passam a ser usados no *slot X* do esquema *[Xque]conec*.

Com o uso de outros elementos no *slot X*, novas microconstruções são formadas por meio do mecanismo da analogia, acarretando um aumento do grau de produtividade da

---

16 Em Cezario, Silva e Santos (2015), não há exemplos de ocorrência dessas microconstruções nos séculos XVI e XVII.

construção nos séculos seguintes com o surgimento de novas formas construcionais, como *mesmo* (*mesmo que*) e *bem* (*se bem que*).

Com base nos resultados alcançados, os autores propõem uma divisão do processo de formação da construção em quatro fases:

- Tempo 1 – Latim- constructos *postquam* > depois que; *antequam* > antes que – em rede com outros conectivos com outras formas completamente diferentes.

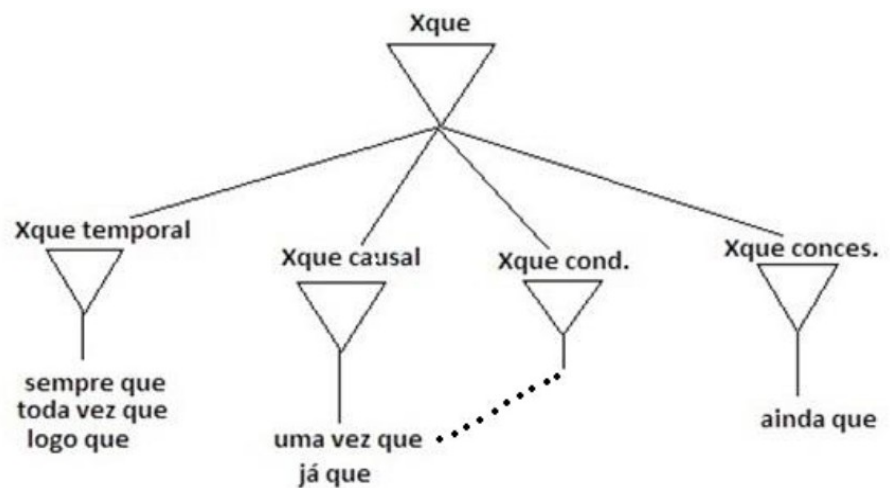
- Tempo 2 (sec. XVI)

Rede 2

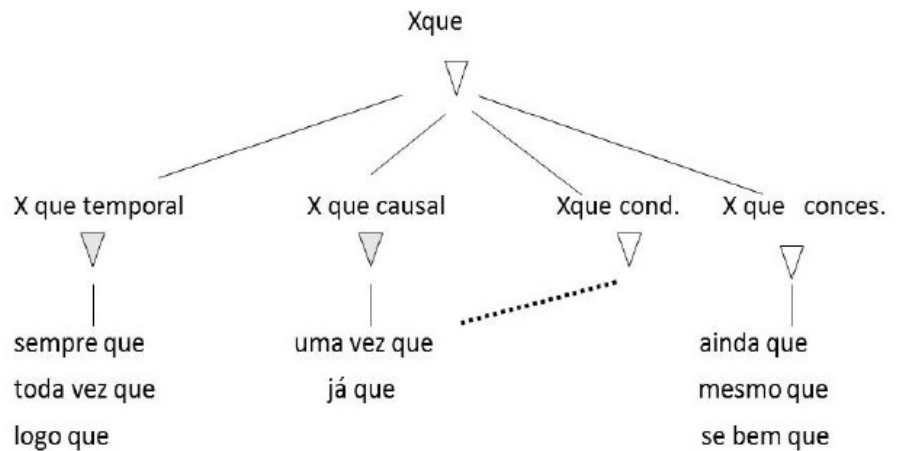


- Tempo 3

Rede 3



- Tempo 4 - português atual



(CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015, p. 237-239)

Conforme Cezario, Silva e Santos (2015) demonstram, no decorrer dos períodos investigados, observa-se uma reorganização da rede construcional *Xque*, com a criação de novos nós e, conseqüentemente, com o estabelecimento de novas conexões sintáticas e semânticas com outros elementos já existentes. A construção *[Xque]conec*, como esquema mais amplo, passa a originar vários nós no português atual, nos quais a construção pode ter diferentes valores (temporal, causal, condicional, etc.).

Corroborando o estudo dos autores sobre a existência de uma construção hierarquicamente superior (esquema) que dá origem a outras construções com valores mais específicos – temporal, causal, condicional, etc – (subesquema), a presente pesquisa, a partir da análise de *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, propõe-se a investigar a possível ligação entre essas construções, observando se há uma raiz comum a sua origem, a qual se realizaria no nível do esquema.

Também sob uma perspectiva cognitivo-funcional, especificamente a perspectiva da construcionalização, Bispo e Moreira (2017) investigam estruturas do tipo *no(a) dia/momento/hora (em) que* seguidas de oração, compreendendo a mudança linguística como um processo gradual via mudança construcional e construcionalização (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021 [2013]).

Os autores identificaram no *corpus* mínimo do Projeto História do Português Brasileiro (PHPB), em textos escritos do português dos séculos XIX e XX, dois padrões estruturais: *[SP<sub>temp</sub> + em + que]* em (25) a (28).

- (25) Queira Vossa mercê Aceitar os parabens que por meio de sua folha dou aos Guardas Nacionaes do Recife em consequencia de já se achar criado o Conselho de Disciplina, ainda que ignoramos quando principiarão os seus trabalhos, no entretanto o Senhor N. Zangado deve ter a gloria de ter motivado esta execução da Ley; aproveito esta ocasião para em duas palavras responder ao seu anuncio do Diario d'hoje a respeito do Senhor Breck-mesfreg, que com toda a sua dignidade não pòde deixar de mentir *no momento em que lhe deu a satisfação de não Ter visto o autografo da sua mão* visto que o contrario disse a pessoas muito capazes as quaes se for preciso apparecerão ao publico. Seu venerado O Nacional Moderado. (Corpus PHPB, carta do leitor, Pernambuco, século XIX *apud* BISPO, MOREIRA, 2017, p. 152).
- (26) [...] refiro-me ao sympathico e illustrado senhor doutor José Marianno Carneiro da Cunha, parente do celebre patriota pernambucano Pedro Ivo e outros. Ha dez annos que este illustrado orador trabalha a favou do partido liberal, defendendo os seus principios e convicções não só na Provincia, jornal de que é proprietario | e redactor, como nos comicios populares. Em 16 de maio de 1872, o partido conservador pernambucano tentou assassinar-o *na ocasião em que elle fazia um meeting contra os jesuitas*; e, o então presidente da provincia de Pernambuco, desembargador Lucena, mandou espadeirar o povo ficando o senhor doutor José Marianno, bastante ferido. (Corpus PHPB, carta do leitor, Rio de Janeiro, século XIX *apud* BISPO, MOREIRA, 2017, p. 152-153).
- (27) ...a única coisa que ele queria era procurar ... aí foi na casa dela ... mas o engraçado ... o estilo que ele foi né? porque *durante o tempo que eles estavam juntos* ... ela era muito sonhadora ... aí dizia pra ele que queria ... que um príncipe ... um príncipe encantado ... viesse buscar ela num cavalo branco e com uma espada ... então ... quando ele tava sozinho com ela ... lembrando das coisas que ele tinha passado ... aí lembrou dessa parte ... (corpus D&G, língua falada, narrativa recontada *apud* BISPO, MOREIRA, 2017, p. 153).
- (28) ... todo mundo pertinho da caixa de som... ninguém entendia nada do que eu falava... aí... fui falando... falando... *até a hora que eu não agüentei mais falar*... aí passei pra outra pessoa... (corpus D&G língua falada, narrativa de experiência pessoal *apud* BISPO, MOREIRA, 2017, p. 153).

Ao compararem textos orais e textos escritos, Bispo e Moreira (2017) observam que a realização do esquema com presença da preposição *em* antes de *que* é maior em textos escritos, em que há maior monitoramento da produção linguística por parte do falante/escritor. O esquema sem a preposição *em*, por outro lado, é mais frequente em textos da modalidade oral, marcados, no *corpus* analisado, por maior informalidade e menor monitoramento pelo falante.

Quanto aos aspectos estruturais, os autores verificam que o esquema mais completo, com a presença da preposição *em*, parece vir acompanhado de uma oração restritiva, e o nome usado no núcleo do esquema tem, em geral, um valor temporal mais genérico, menos preciso, como ocorre com o nome *momento*, exemplificado em (29):

- (29) *A partir do momento em que eu amplio um determinado desenho eu consigo repeti-lo varias vezes sem dificuldade.* (corpus D&G, língua falada, relato de procedimento *apud* BISPO, MOREIRA, 2017, p. 156).

No esquema sem a preposição *em* antes de *que*, conforme consideram os autores, a partícula *que* perde suas propriedades pronominais e passa a formar, junto ao  $SP_{temp}$ , um bloco com valor temporal, introdutor de uma oração hipotática. Diferentemente do esquema em que a preposição *em* aparece, o núcleo nominal dessa unidade conectiva tende a ser um nome temporal mais específico, como *hora*, conforme o exemplo (30):

- (30) ... no caso ... tão procurando a Assembléia de Deus ... porque é a única que diz que *na hora que você se arrepende de seus pecados* ... você passa a ser bom ... automaticamente ... (corpus D&G língua falada, relato de opinião *apud* BISPO, MOREIRA, 2017, p. 156).

Considerando que, nos dados coletados, verifica-se a coexistência dos dois esquemas nos séculos XIX e XX, Bispo e Moreira (2017) concluem que se trata de formas concorrentes e que o esquema  $[SP_{temp} + que]$  é resultado de neoanálise do esquema  $[SP_{temp} + em + que]$ , visto que os itens do primeiro esquema passam a não mais integrar unidades sintáticas distintas, funcionando como um conector temporal similar a *quando*. Além disso, como há apenas mudanças na forma, com a eliminação da preposição *em* e a neoanálise dos papéis de  $SP_{temp}$  e *que*, os autores consideram que não há criação de uma nova construção e, portanto, o processo de mudança linguística envolvido é a mudança construcional, em vez da construcionalização.

Entretanto, ao analisar as construções internas a  $[SP_{temp} + (em) + que + O]$ , que correspondem a  $[SP_{temp}]$ ,  $[em que]$  e  $[O]$ , Bispo e Moreira (2017) entendem que há a criação de um novo nó na rede construcional por meio de construcionalização em relação à passagem da sequência de elementos  $[SP_{temp}] + [em que]$  para o conectivo formado por um sintagma temporal preposicionado e pela partícula *que* ( $[SP_{temp} + que]$ ). Assim, com a ocorrência de neoanálise nas fronteiras sintagmáticas, há a formação de um bloco único de significado e, conseqüentemente, de uma nova construção na língua.

Da mesma forma, a passagem de  $[SP_{temp} + em + que + O]$  para  $[SP_{temp} + que + O]$  também revela a criação de uma nova construção por meio de construcionalização. A construcionalização diz respeito à mudança ocorrida na oração, que passa de adjetiva restritiva para hipotática temporal.

Os resultados alcançados por Bispo e Moreira (2017) complementam as análises de Cezario, Silva e Santos (2015), quando se observa a rede construcional proposta para o conectivo *Xque*. Cezario, Silva e Santos (2015) propõem a existência de um esquema *Xque* como nível mais alto da hierarquia construcional, a partir do qual se origina o subesquema *Xque<sub>temporal</sub>*. Bispo e Moreira (2017), por sua vez, identificam a existência do esquema temporal [*SP<sub>temp</sub> + em + que + O*]. Esse esquema possui um núcleo formado por nomes temporais (*dia, momento, hora*), o qual é passível de se conectar ao subesquema *Xque<sub>temporal</sub>* de Cezario, Silva e Santos (2015), tendo em vista a similaridade do núcleo temporal seguido de *que*. Nesse sentido, é possível interpretar o esquema de Bispo e Moreira (2017) como uma especificação esquemática de *Xque<sub>temporal</sub>*. O *slot X* de Cezario, Silva e Santos (2015) não prevê especificamente um elemento sintático, mas se refere a um elemento neutro em que podem ocorrer diferentes estruturas sintáticas. Assim, o esquema de Bispo e Moreira (2017) apresenta uma dessas estruturas temporais, em que *X* é representado por *SP<sub>temp</sub> + em*.

Esses estudos interessam à presente pesquisa porque permitem comparar como se dão os processos de mudança linguística por meio das mudanças construcionais e da construcionalização, ao observar os possíveis caminhos percorridos pelos esquemas compostos pelos nomes circunstanciais *hora, momento, vez e causa*.

Também seguindo o modelo construcional da gramática e o modelo da construcionalização, porém em perspectiva sincrônica, Garcia (2017) investiga o funcionamento da locução conjuntiva temporal *na hora que* no português falado. Assim como no estudo de Bispo e Moreira (2017), os dados revelam diferentes formas dessa locução conjuntiva, porém, formas ainda mais variadas do que as constatadas por esses autores.

No *corpus* analisado<sup>17</sup>, a locução conjuntiva *na hora que*, com valor semelhante a *quando*, aparece sob formas mais e menos reduzidas, que respondem por diferentes graus de construcionalidade do conectivo, conforme o seguinte *continuum*: *na hora em que > na hora que > a hora que > hora que* (GARCIA, 2017, p. 71). Em (31) a (34), encontram-se ocorrências exemplificativas de cada uma dessas formas, dadas em Garcia (2017):

- (31) geralmente dá quinze panquecas... doze a quinze panquecas... uma ao lado da o(u)tra como a gente gosta de fazê(r)... e coloco no forno com que(i)jo... derretê(r)... [Doc.: ai

17 O *corpus* utilizado na pesquisa de Garcia (2017) constituiu-se de amostras representativas do português falado no interior do noroeste paulista, reunidas no banco de dados IBORUNA (GONÇALVES, 2008).

que ruim] e... meu marido gosta muito de queijo ralado então o dele tá sempre lá do lado como eu num gosto muito... *na hora em que* ele vai por o molho vermelho por cima ele já... joga o que(i)jo ralado... e é só comê(r) (IBORUNA-AC-080)

- (32) você pega a goiabada você derrete um pedaço dela... com um po(u)co de água... *na hora que* ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada (IBORUNA-AC-106)
- (33) aí eu eu sempre de(i)xo num estacionamento d'um:: supermercado o:: meu carro aí eu desço a pé até o banco... e:: era umas três:: e quinze três e meia da tarde... éh:: eu fui dá(r) uma/ eu de(i)xei ele saí fui po banco... *a hora que* eu tava manobran(d)o... manobran(d)o o carro pra estacioná(r)... éh:: três pessoas... abriram a porta do meu carro... éh:: um do meu LAdo do lado do passage(i)ro e entrô(u) mais dois atrás e colocô(u) um revólver na minha cabeça... e::... aí:: assim mandô(u) ficá(r) quieto (IBORUNA-AC-077)
- (34) Ela arremessô(u) a faca eu num senti NADA num doeu NADA NADA NADA... *hora que* eu vi tava jorran(d)o sangue... acho que POR DEUS que tinha uma toalha de banho (ela apertô(u)) (inint.) e (saímos) pro postinho (IBORUNA-AC-027)

Seguindo a proposta de Traugott e Trousdale (2021 [2013]) e Traugott (2015), a pesquisa anterior indica que as diferentes formas de *na hora que* podem ser consideradas microconstruções de uma mesma macroconstrução, a qual seria  $N_{circunstancial}$  *que* com função de conjunção. A mesoconstrução, por sua vez, seria [(*prep*) (*art*)  $N_{temporal}$  (*prep*) *que*]. O esquema abstrato dessa macroconstrução se instanciará em outras formas conjuncionais do português, como em *à medida que*, *à proporção que*, *por causa que* (*de*), ou mesmo formas também com valor temporal aparentemente menos gramaticalizadas do que *na hora que*, como é o caso de *no momento que*, conforme a ocorrência em (35), e *na época que*, na ocorrência em (36).

- (35) aí ele pegô(u) e chamô(u) um amigo dele *no momento que* ele chamô(u) o amigo dele veio todo mun(d)o junto... aí ele ficô(u) sem sabê(r) o que falá(r) (IBORUNA-AC-048)
- (36) já tinham terminado... e ele falava que *na época que* nós ficamo(s) ele ficava chifran/ eu ficava chifrando e::le... e ofensas e ofensas e ofensas... (IBORUNA-AC-022)

A pesquisa desenvolvida em Garcia (2017) ainda aponta que, apesar de ser menos frequente que as duas outras, a forma mais construcionalizada *hora que* revela, nos dados analisados, certo grau de especialização (HOPPER, 1991). Em relação à correlação modo-temporal das orações, por exemplo, *hora que* possui um índice mais elevado do que as outras formas na correlação *futuro do subjuntivo/presente do indicativo*. Além disso, ela também parece apresentar maior ambiguidade quanto ao valor circunstancial de sua oração hipotática,

com índices mais elevados do que *na hora que* e *a hora que* de ocorrências com valores de *tempo*, *tempo-causa* e *tempo-condição*. Uma terceira característica é o fato de que 100% dos eventos introduzidos por *hora que* são pontuais, o que não acontece com as outras formas. Por último, ao analisar o tipo de texto em que ocorrem, enquanto *na hora que* e *a hora que* tiveram suas ocorrências majoritariamente em narrativas, assim como a conjunção *quando*, *hora que* teve suas ocorrências presentes majoritariamente em relatos de procedimento.

Esse comportamento particular da construção *hora que* indicaria que a forma se encontra com grau de construcionalidade mais elevado do que *na hora que* e *a hora que*.

Os resultados de Garcia (2017) também se conectam aos resultados de Cezario, Silva e Santos (2015) e de Bispo e Moreira (2017). Assim como Bispo e Moreira (2017), Garcia (2017) atesta a existência de uma construção de base temporal, a qual, a princípio, também poderia fazer parte da rede construcional proposta por Cezario, Silva e Santos (2015), evidenciando uma outra possibilidade de especificação do subesquema  $X_{que_{temporal}}$ , paralelamente ao esquema de Bispo e Moreira (2017). A rede hierárquica, assim, teria como esquema geral  $X_{que}$  (CEZARIO, SILVA, SANTOS, 2015) e, como subesquemas temporais, tanto  $[SP_{temp} + em + que + O]$  (BISPO, MOREIRA, 2017) quanto  $[(prep) (art) N_{temporal} (prep) que]$  (GARCIA, 2017).

Embasados na perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso e no modelo construcional de mudança linguística (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021 [2013]), por fim, Silva e Cezario (2019) propõem uma análise diacrônica (séculos XIII ao XV e XVIII ao XX) das construções *ainda que* e *mesmo que*, verificando sua formação e sua ocorrência em diferentes contextos pragmáticos, com o objetivo de demonstrar como a posição da oração encabeçada pelas construções influencia no conteúdo semântico-pragmático veiculado.

Para tanto, os autores fazem uso da subcategorização das orações concessivas proposta por Neves (2000), segundo a qual essas orações podem instaurar uma relação de caráter factual e de caráter eventual. Quando instauram uma factualidade, as orações são chamadas de concessivas (CC), e o conteúdo proposicional expresso pelas duas orações (principal e subordinada) é verdadeiro, como ocorre em (37):

- (37) contei também o número de estudantes ... quarenta e um ... e: eu tenho quase certeza, *embora* não tenhamos a lista (NEVES, 2000, p. 549).



Na relação de caráter eventual, as orações passam a ser chamadas de condicionais-concessivas (CD) e, enquanto o conteúdo da oração principal é verdadeiro, o da oração subordinada é hipotético, como exemplificado em (38):

- (38) nós temos as reuniões ... muito mais participação, porque, *mesmo que* alguns professores faltem porque tenham outros ... outros afazeres no ambulatório, mas sempre tem um bom número de reuniões (NEVES, 2000, p. 548).

Ao analisar os dados da pesquisa, os autores afirmam, em relação a *ainda que*, que o processo que parece ter favorecido a formação da construção foi seu uso em contextos com sentidos hipotético, causal e condicional na situação comunicativa. Em (39), por exemplo, a construção é empregada com sentido contrastivo já no século XIII:

- (39) E seram atam sotíís que entrará nas casas, *ainda que* as portas estem çarradas L. (Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense, 1200 – 1300 *apud* SILVA; CEZARIO, 2019, p. 140).

De modo semelhante, Silva e Cezario (2019) demonstram que *mesmo que*, em alguns dados do século XV, já apresentava ocorrências em contextos críticos, a partir dos quais era possível realizar uma interpretação ambígua, o que leva a concluir que esses contextos “serviram de gatilho para a formação da construção com sentido contrastivo” (SILVA; CEZARIO, 2019, p. 142), como ocorre em (40):

- (40) A esto Respondemos que nos praz por vos fazer merçe que nos praz que acabado o tempo do contrauto da cortiça ho nam aJa hy mais E assy *mesmo que* se nom ffaça trauto de coiros, Jtem Outrossy ao que pedijs que pello dano que nosso pouoo Reçebe de sse arremdarem as chamçelarias das Correições o que Ja muytas vezes foy defesso per Nossos amteçessores, (Cortes portuguesas, 1498 *apud* SILVA; CEZARIO, 2019, p. 142).

Para os autores, portanto, *ainda que*, a partir do século XIII, passou por contextos que desencadearam o processo cognitivo *chunking*, culminando na formação da construção como único bloco cognitivo, cujo esquema é [*Xque*]. Com a formação desse esquema, Silva e Cezario (2019) acreditam que os falantes começaram a recrutar novos itens para o *slot X*, e que, por analogia à construção *ainda que*, *mesmo* passou a ser escolhido para compor o esquema [*Xque*], uma vez que se trata de uma partícula focal que pode apresentar ideia de condição e/ou consequência.

Após discutir o processo de formação das construções, os autores passam à análise das propriedades do significado e da forma, iniciando pela relação entre o tipo de conector e a função contrastiva proposta por Neves (2000).

A respeito de *ainda que*, Silva e Cezario (2019) verificam que a construção tem uma tendência a expressar com maior frequência a ideia de concessão, como ocorre no exemplo (41), em que a proposição da oração subordinada é verdadeira e, assim, factual:

- (41) Amigos e vassallos, bem vejo o que me dizedes. queroo fazer muy de grado, *ainda que* mayor cousa é. (Crónica Geral de Espanha de 1344 *apud* SILVA; CEZARIO, 2019, p. 144).

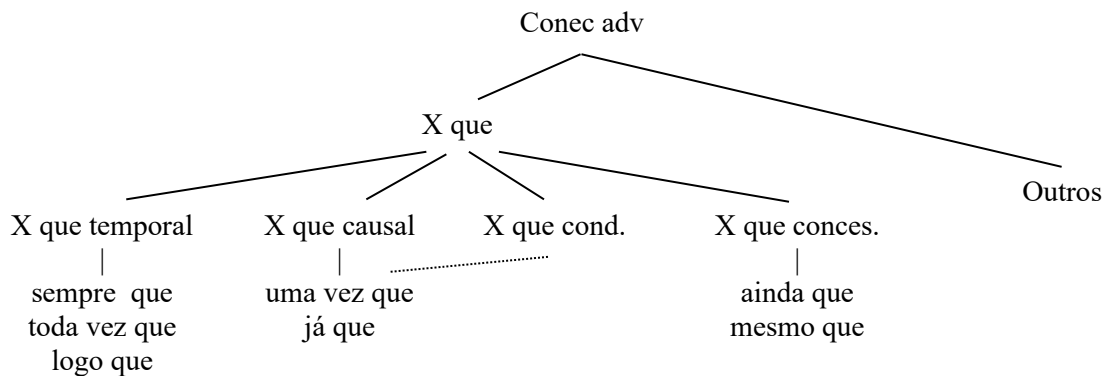
A construção *mesmo que*, no entanto, apresenta maior uso com valor concessivo-condicional, como em (42), em que a oração subordinada tem conteúdo hipotético:

- (42) *mesmo que* ele quisesse ser eleito, ele não alcançaria (1790 *apud* SILVA; CEZARIO, 2019, p. 145).

Passando à relação entre a posição das orações hipotáticas com *ainda que* e *mesmo que* e seus papéis semânticos e pragmáticos, os autores verificam que a oração com *ainda que* é predominantemente posposta e tende a apresentar uma informação nova, focal, como no exemplo (43), enquanto a oração com *mesmo que* é predominantemente anteposta com tendência à apresentação de uma informação velha, tópica, conforme (44), em que *o acordo assinado* é trazido como informação já constante do discurso antecedente:

- (43) Segundo Cecília, para melhorar a qualidade de vida, apesar de todos os contratempos, é necessário aprender a dar atenção e carinho a si mesmo, diariamente. Ela sugere, por exemplo, que a pessoa fixe o olhar, por alguns minutos, num ponto e tente não pensar em absolutamente nada - *ainda que* esteja dentro de um vagão do metrô lotado. (CORPUS DO PORTUGUÊS, século XX *apud* SILVA; CEZARIO, 2019, p. 147).
- (44) Os trabalhadores são reféns da entidade sindical e não a entidade sindical é instrumento dos trabalhadores, porque o sindicato pode negociar em nome da categoria e pode assinar acordo sem convocar assembleia. *Mesmo que* o acordo assinado traga prejuízo aos trabalhadores, vale como força de lei. Isso precisa ser revertido. (CORPUS DO PORTUGUÊS, século XX *apud* SILVA; CEZARIO, 2019, p. 147).

Com base na pesquisa realizada e nos resultados alcançados, Silva e Cezario (2019) propõem a seguinte rede taxonômica para o esquema [*Xque*]:

**Figura 2:** Rede construcional dos conectores do século XVIII.

Fonte: Silva e Cezario, 2019, p. 149.

Note-se que a presente rede tem muitas similaridades com a rede construcional proposta por Cezario, Silva e Santos (2015): há um esquema *X que* que sanciona subesquemas mais específicos (temporal, causal, condicional, concessivo). No entanto, diferentemente de Cezario, Silva e Santos (2015), essa proposta prevê a ligação de *X que* a um esquema mais amplo chamado de *conectivo adverbial*, o qual não foi especificado por Cezario, Silva e Santos (2015). Esse esquema mais amplo pode dar origem a outros tipos de subesquemas, os quais não seriam formados pelo elemento fixo *que*, como, supõe-se, seja o caso da locução condicional *salvo se*, por exemplo.

Como apontado anteriormente, os esquemas propostos por Bispo e Moreira (2017) e por Garcia (2017) podem ser considerados especificações do subesquema *X que<sub>temporal</sub>*, na medida em que *X* representa a possibilidade de preenchimento por estruturas esquemáticas não especificadas por Cezario, Silva e Santos (2015) e por Silva e Cezario (2019), o que é especificado por Bispo e Moreira (2017) e Garcia (2017).

Com a presente pesquisa, busca-se também identificar a estrutura esquemática das locuções *hora que*, *momento que*, *uma vez que* e *causa que*, avaliando a possibilidade de integrá-las às redes construcionais propostas por Cezario, Silva e Santos (2015) e por Silva e Cezario (2019).

Neste primeiro capítulo, foram apresentados os pressupostos teóricos que servem como base para as análises desenvolvidas nesta pesquisa. Também foram relatadas diversas pesquisas produzidas principalmente no Brasil sobre locuções conjuntivas, as quais auxiliam na aplicação da teoria aos resultados encontrados e corroboram a contribuição deste trabalho

para a evolução dos estudos referentes à mudança linguística segundo a abordagem cognitivo-funcional.

### **3 CORPUS E METODOLOGIA**

Neste capítulo, apresentam-se o *corpus* do português brasileiro do qual foram extraídos os dados desta pesquisa, bem como os fatores utilizados para a análise das ocorrências. Explica-se também como os dados foram delimitados, justificando-se a não inclusão de alguns tipos em razão dos objetivos deste estudo.

#### **3.1 *Corpus* da pesquisa**

A presente pesquisa, que se realiza em perspectiva diacrônica, tem como fonte de ocorrências o banco de dados intitulado *Corpus do Português*, criado por Mark Davies e Michael Ferreira, e que se encontra disponível gratuitamente em plataforma digital da Internet. O *Corpus* é formado por quatro modalidades: gênero/histórico, web/dialetos, atual (2012 – 2019) e palavra e frase. Para esta pesquisa, selecionou-se a modalidade gênero/histórico, composta por cerca de 45 milhões de palavras, distribuídas em 57.000 textos do português dos séculos XIV ao XX (DAVIES; FERREIRA, 2006).

A interface desse banco de dados permite a comparação entre a distribuição dos dados por registro (oral, escrito, ficção, texto jornalístico e acadêmico), período histórico (séculos XIV a XX, apenas para o português europeu) e variedade dialetal (português brasileiro e português europeu, apenas para o século XX).

Apesar de sua abrangência, a coleta de dados ocorreu apenas com textos datados entre os séculos XVI a XX, uma vez que se pretende, com esta pesquisa, traçar um panorama diacrônico de nomes circunstanciais do português brasileiro, o qual teve sua origem com a colonização do Brasil no início do século XVI. Ressalta-se que muitos dos textos do período inicial podem não ter sido escritos por brasileiros, tendo em vista que o país havia sido recém-colonizado. No entanto, assume-se que esses textos podem representar o português brasileiro na medida em que circularam à época no país e que marcaram o início do desenvolvimento do português em território nacional.

### 3.2 Delimitação dos dados analisados

Para a coleta dos dados, pesquisou-se no banco de dados a ocorrência dos nomes circunstanciais *hora*, *momento*, *vez* e *causa*, em textos dos séculos XVI a XX, buscando-se por ocorrências em conjunto com a partícula *que*, ainda que, entre elas, houvesse algum elemento, a exemplo da preposição *em*. Com essa primeira busca, obteve-se um total de 485 ocorrências do nome *hora*, 995 com o nome *momento*, 2.243 com *vez* e 114 ocorrências com *causa*.

Em um refinamento das ocorrências coletadas, procedeu-se à exclusão, em razão dos interesses específicos desta pesquisa, de casos em que os nomes circunstanciais:

- i) aparecem em uma estrutura de clivagem com *ser...que*, como nos exemplos de (45) a (48), uma vez que a partícula *que*, nesses casos, não mantém uma relação pronominal com o nome circunstancial, estando correlacionada estritamente ao *ser* na formação da clivagem:
- (45) Daí sonhei com minha mãe dizendo pra pedir pra você explicar. Explica logo, anda. E uma botija? - Hoje num posso dizer não senhor. Essas coisas têm que se ver nas entranhas dos bichos primeiro. Num se pode responder assim de supetão, não. *Era nessa hora que ela se investia de poder*. Era nessa única hora, quando lhe pediam para rezar, fazer feitiços, curar umbigo de criança nova. (CDP:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos, século XX)
- (46) Diferentemente de 1968, porém, esses jovens não estavam na clandestinidade. Eles queriam o respeito à Constituição e a defesa da lei e propunham reformas profundas para a sociedade. *É nesse momento que Rui Barbosa desencanta-se com a monarquia e pensa na República*. Joaquim Nabuco continua monarquista, mas sempre abolicionista. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (47) O Cardozo e o acompanhante nos vigiavam do fundo do saguão. Tinham que estar a postos para uma eventualidade, se o comportamento do psiquiatra se alterasse de repente. Eu estava suando mais do que o normal. *Era a primeira vez que ficava sozinho com o psiquiatra* - mas ele não parecia ligar para a minha apreensão, aliás até então não parecia ligar para na-da. (CDP:Fic:Br:Carvalho:Bebados, século XX)
- (48) O senhor nunca teve cuidado em esconder de mim o mal que lhe queria. Disse-me muitíssimas vezes que a achava intolerável, mal educada, autoritária, feia e antipática. *Foi por sua causa que eu a mandei para Friburgo*; foi por inexplicáveis pedidos seus que escondi até hoje as nossas intenções, como se elas fossem criminosas. (CDP:Lopes:Viúva, século XIX)

ii) vêm seguidos do item *que* em razão da organização sintática do segmento em que o nome circunstancial se encontra. Entretanto, nesses casos, *que* ou funciona como conjunção, ou, na condição de um pronome relativo, retoma outro nome na oração que não o circunstancial. Esses casos são exemplificados de (49) a (52) a seguir.

- (49) As vésperas do leilão da Vale do Rio Doce, *a Justiça concedeu **liminares na última hora que** provocaram o adiamento do leilão*. O senhor acha que houve exagero de alguns juízes? (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (50) Os dois oficiais ouvidos ontem alegaram que não tinham conhecimento da gravidade do conteúdo da fita ou de que a PM já teria uma cópia dela. “**Pareceu-me naquele momento que** todas as medidas necessárias já tinham sido tomadas e não havia mais nada a fazer”, afirmou Costa. (CDP:N:Br:SP, século XX)
- (51) Pois bem, senhores - retrucou Eduardo já agoniado com as toleimas do primo e com um sorriso sardônico - façamos de conta, que foi o sr. Roberto, quem matou a onça; isso pouco me importa, e *não quero que diga outra vez que estou me gabando*. O que me importa é poder restabelecer-me destas feridas para poder tratar dos meus negócios. (CDP:Guimarães:Histórias, século XIX)
- (52) Confesso a V. S. que não sei tomar pé nestas implicações. O pior é que tem Deus levado os que faziam as partes da justiça, e ficam os defensores e promotores da contrária, para que triunfem sem oposição e acabem de nos arruinar. *Contudo fio tanto da justiça da causa que espero a vença Deus*; e entendo que já neste correio foi um bom princípio de vitória, ordenando-se que cessem os actos, que já estavam prevenindo a grande pressa, e que em nada se proceda a execução irrevocável. (CDP:Vieira:Cartas, século XVII)

Como se observa, em (49) o referente de *que* na oração relativa [*que provocaram o adiamento do leilão*] é [*liminares*]. O adjunto adverbial [*na última hora*] aparece anteposto a *que*, mas, sem prejuízo de sentido, poderia ser alocado em outra posição da oração.

No exemplo de (50), com o nome *momento*, a partícula *que* aparece como conjunção integrante do sujeito de [*pareceu-me*], introduzindo uma oração subordinada substantiva subjetiva. Da mesma forma, em (51), [*outra vez*] ocupa a posição anterior a *que*, mas a partícula funciona como uma conjunção integrante que encabeça a oração completiva de [*diga*], introduzindo, assim, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Por fim, em (52), *que* forma uma locução conjuntiva com *tanto* ([*tanto... que*]), sem relação com segmento anterior [*da justiça da causa*], tratando-se, mais uma vez, de contiguidade do nome circunstancial à partícula *que* apenas por uma questão de organização sintática do segmento.

Especificamente em relação ao nome *causa*, não foram considerados casos em que a palavra é empregada sem valor circunstancial, como nos exemplos (53) e (54):

- (53) A consciência, a simpatia humana é, porém, uma força que nunca é proibido procurar chamar a si e pôr ao serviço de seu país ou da causa que se defende. (CDP:Nabuco:Minha, século XIX)
- (54) Sabes que não é nada disso. Só o espírito mórbido dum cristão condicionado ao capitalismo pode pensar uma coisa dessas. A causa que estou servindo é política e não religiosa. Não queremos lambar as feridas dos leprosos, como São Francisco de Assis, - queremos mas é curar as chagas sociais sem o auxílio de milagres. (CDP:Fic:Br:Verissimo:Tempo, século XX)

Em ambos os exemplos, *causa* expressa um significado que se refere a um conjunto de ideias que se defende ou ao qual se adere, sem valor circunstancial. Em (53), diz-se que há uma causa, um interesse a ser defendido. Da mesma forma, em (54), o narrador explicita a temática por traz de sua luta: a política motiva seus ideais.

No tocante ao nome *vez*, por fim, não foram considerados casos em que o significado é temporal, designativo da ocorrência de um evento, equivalente a “certo momento”, “dada ocasião”, ainda que o nome venha seguido de pronome relativo *que*. Exemplos desse tipo são os que se encontram em (55) e (56).

- (55) Por muitos anos *tentou se lembrar da última vez em que se viram*, em que se beijaram, da última imagem que tinha dele, como escreveu numa carta a uma amiga em Los Angeles bem antes de voltar, e tentando lembrar passava por várias noites no Rio de Janeiro, por um mês de chuvas, pelos verões, por um dia de sol igual aos outros, mas sem nunca chegar à última imagem, ao instante a partir do qual não mais o viu. (CDP:Fic:Br:Carvalho:Bebados, século XX)
- (56) Mas não tinha animo de aproximar-se do quarto de Olímpia; receava com isso cometer erro maior. ao mesmo tempo o seu amor-próprio se sentia acirrado pelo desastre do acrobata: *Gregório sentira ciúmes desde a primeira vez que observara o modo apaixonado pelo qual Olímpia acompanhava com a fisionomia as difíceis e graciosas evoluções do gentil funâmbulo*. (CDP:Azevedo:Girândola, século XIX)

Com esses significados relativos à noções temporais, o nome *vez*, no *corpus* analisado, nunca aparece como locução conjuntiva, introdutora de uma oração hipotática, diferentemente da construção uma vez que, aparentemente já fixada nos períodos do português investigados, que sempre ocorre introduzindo uma oração hipotática com valor causal<sup>18</sup>. Os dados

<sup>18</sup> Ainda que se pudesse pensar em um desenvolvimento da locução causal com *vez* a partir de usos de *vez* com valor temporal nos períodos do português abarcados por esta pesquisa, corroborando a escala de mudança semântica enquanto processo cognitivo metafórico de abstratização de conceitos proposta por Heine *et al.*



considerados na pesquisa com o nome *vez*, portanto, são todos de *uma vez que*, como locução conjuntiva introdutora de oração adverbial causal, como exemplificam (57) e (58):

- (57) Tu, mancebo desiludido, e tu, querida dama despenteada, não vos unistes pelos laços da amizade, mas sim pelos laços do amor, o que é muito diferente; e, *uma vez que já não existe amor entre vós, continuai amigos*, mas separai-vos de corpo; que vá cada um procurar além novo consórcio para seu amor, porque ainda podeis ser aproveitados para a única verdadeira missão que a natureza exige de vós - procriar, e procriar bem. (CDP:Azevedo:Sogra, século XIX)
- (58) O difícil não é contar pessoas mas, sim, o que elas contam. Logo pela manhã, *falou Maurício com Fulgêncio e Morgado em mostrar o caminho para os novos agregados, uma vez que, escondidos para trás, com medo, esperavam na mata*. (CDP:Fic:Br:Novaes:Mao, século XX)

Em (57), há relação causal entre as orações: o evento da oração principal (*[continuai amigos]*) é marcado como efeito/consequência do evento que constitui sua causa, expresso na oração introduzida por *uma vez que* (*[[já não existe amor entre vós]*). No exemplo (58), do mesmo modo, o evento *[falou Maurício com Fulgêncio e Morgado em mostrar o caminho para os novos agregados]* é apresentado como resultado/efeito do evento que lhe dá causa *[escondidos para trás, com medo, esperavam na mata]*, veiculado na oração introduzida por *uma vez que*.

Feitos esses refinamentos, restaram como dados nesta pesquisa: i) 407 ocorrências com o nome circunstancial *hora*; ii) 922, com *momento*; iii) 1.119, com o nome *vez*; e iv) 52 ocorrências com o nome circunstancial *causa*.

As ocorrências foram analisadas conforme a aplicação de uma série de fatores, eleitos para a análise de seu grau de construcionalidade e, possivelmente, de sua construcionalização no período do português investigado. Todos os fatores, que serão descritos na seção a seguir, foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), a fim de se obter a distribuição percentual das ocorrências em relação aos fatores analisados.

---

(1991) – a saber: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade –, as duas formas (temporal e causal) aparecem com funções claramente distintas, o que sugere que, nos períodos do português investigados, convivem em *contexto de isolamento* (DIEWALD, 2002; 2006).

### 3.3 Fatores de análise

Os fatores listados a seguir foram escolhidos diante de sua relevância em uma análise diacrônica que busca compreender as mudanças construcionais e a construcionalização de *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*. A descrição dos fatores indica o que se busca investigar com a sua análise específica, justificando sua relevância como fator escolhido e sempre considerando as hipóteses gerais da pesquisa apresentadas na Introdução do presente trabalho.

Ressalte-se que os fatores descritos a seguir foram aplicados a todos os nomes circunstanciais em análise, modificando-se, quando necessário, alguma categoria interna ao fator, o que será especificado oportunamente. Além disso, há categoriais para as quais alguns dos nomes não apresentaram ocorrências. Por essa razão, eles não aparecem exemplificados na descrição de alguns fatores.

#### 3.3.1 Séculos: variável dependente no programa *Goldvarb*

Fundamental para uma análise diacrônica, este primeiro fator diz respeito aos séculos em que a ocorrência foi encontrada, segundo o registro temporal disponível nos textos que integram o banco de dados *Corpus do Português*.

Uma vez que a pesquisa se vale apenas do português brasileiro, foram consideradas as ocorrências que aparecem em textos datados após o descobrimento do Brasil em 1500, ou seja, na análise são considerados os séculos XVI a XX. O século XXI não foi incluído, pois não faz parte, até o momento, da modalidade do banco de dados utilizada. Além disso, convém destacar que não foram encontradas ocorrências de nenhum dos nomes circunstanciais nos textos do século XVI, o que ameniza, de certa forma, a problemática resultante da possibilidade de esses textos, representativos dos períodos iniciais, não terem sido produzidos por brasileiros natos, como exposto anteriormente.

Também não foram encontradas ocorrências de *hora que* e *momento que* no século XVIII, o que causa certo estranhamento pelo fato de ocorrências aparecerem no século XVII e, depois, apenas no século XIX. Trata-se de um hiato por um século inteiro sem o registro de nenhum uso de *hora que* e *momento que*. Supõe-se, entretanto, que essa ausência de dados se

deva aos tipos de textos que, no *Corpus do Português*, representam o século XVIII, e não a algum comportamento particular das construções *hora que* e *momento que* nesse período. A tipologia dos textos que compõem o banco de dados, no entanto, não foi controlada nesta pesquisa, nem se objetivou investigar outros textos que não os pertencentes ao *Corpus do Português*. Acredita-se, contudo, que a ausência de dados dessas duas construções no século XVIII não interfira significativamente nas análises do processo de mudança por que passam essas formas, conforme se poderá atestar ao longo da descrição dos resultados da pesquisa no próximo capítulo.

No programa estatístico Goldvarb, o fator referente aos séculos foi considerado como “variável dependente” para o cruzamento com os demais fatores de análise.

### 3.3.2 Estrutura sintagmática

Com este segundo grupo de fatores, são analisadas as partes constituintes do sintagma que o nome circunstancial integra, bem como a possível presença ou ausência de elementos entre o nome e a partícula *que*.

O grupo é formado pelos seguintes subfatores, que são descritos na sequência: 1) tipo de sintagma em que o nome circunstancial se encontra inserido (SN, SP), 2) Forma do determinante que antecede o nome circunstancial; 3) Presença/ausência de modificador antes do nome circunstancial; e 4) Presença/ausência de elementos entre o nome circunstancial e *que*.

#### 1) Tipo de sintagma

Com este primeiro subgrupo de fatores, analisa-se a constituição estrutural do sintagma representado pelas locuções conjuntivas que são objeto de estudo desta pesquisa, distinguindo os sintagmas em nominais, exemplificados de (59) a (80), ou preposicionados, conforme (81) a (91):

*Sintagma nominal (SN)*

- (59) A comida, embora não fosse essas maravilhas, era farta. Pedia para uma pessoa o que dava, de sobra, para duas. Ficava mais barato e, além disto, a hora em que se aborrecesse, procuraria outro fornecedor, sem ter a amolação de mudar de casa. Gostava do lugar. (CDP:Fic:Br:Peixoto:Chamada, século XIX)
- (60) O raptor não seria facilmente reconhecido, porque as barbas lhe transformavam de todo a fisionomia. No entanto, dizia ele na carta domingo, às oito da noite hora em que teu pai costuma conversar na botica do Vidal quando os vizinhos e caixeiros ainda estão no passeio e tua avó aos cuidados da Mônica que é nossa, nessa ocasião um sujeito barbado vestido de preto, associará junto à tua porta uma música tua conhecida. Esse sujeito sou eu. (CDP:Azevedo:Mulato, século XIX)
- (61) Percebi que minha filha lhe murmurava dos ciúmes que ia sentir por ele durante a ausência e ouvi distintamente a resposta de meu genro: - Se tu soubesses como levo este coração despedaçado, não me falarias isso.. Maldita a hora em que empenhei minha palavra.. E, depois de desferir contra mim mais um olhar colérico, tirou o lenço da algibeira, para esconder o rosto [...] (CDP:Azevedo:Sogra, século XIX)
- (62) Fechada na sua chácara, à sombra das mais lindas mangueiras dos subúrbios, ela maldizia a hora em que o genro chamara para casa aquela aventureira, cujo propósito percebia a léguas. (CDP:Fic:Br:Lopes:Intrusa, século XX)
- (63) Nessas horas do ocaso o sertão perde o aspecto morno, acerbo e desolador que toma ao dardejar do sol em brasa. A sombra da tarde reveste-o de seu manto suave e melancólico; é também a hora em que chega a brisa do mar e derrama por essa atmosfera incandescente como uma fornalha, a sua frescura consoladora. (CDP:Alencar:Sertanejo, século XIX)
- (64) Tinha que sair do posto às seis horas da tarde, estudava até às nove e meia da noite e trabalhava até duas da manhã. Chegou uma hora em que tive que fazer uma opção. Eu adoro rádio, é tudo na minha vida. Não dá pra estudar. (CDP:Or:Br:Intrv:Web, século XX)
- (65) Aí eu comecei a ganhar porque aí eu comecei a ter uma experiência maior de vida ter mais argumentos pra rebater os dele - entendeu? - mas tinha hora que ele batia com o pé “você pode tá certa mas eu é quem dito as normas aqui” (CDP:Or:Br:LF:Recf, século XX)
- (66) Este rapaz noutro tempo mostrava ter juízo, dizia um terceiro, que conhecia Elias. Não sei como agora se lhe virou o miolo por esta maneira.. mande aferrolhá-lo imediatamente; é um homem perigoso. O Major dava aos diabos o momento em que se lembrara de apresentar a Leonel aquele endiabrado rapaz, e, entendendo que o despeito e o ciúme lhe tinham transtornado o juízo, tratou de dar providências para segurá-lo bem. (CDP:Guimarães:Garimpeiro, século XIX)
- (67) Esta ressurreição de Portugal se intensificou depois da implantação do bloco europeu, momento em que os países mais fracos sentiram, como nunca, o autoritarismo econômico. (CDP:N:Br:Cur, século XX)

- (68) A Natureza és tu, Agora que és mulher, agora que pecaste! Ah! bendito o momento em que me revelaste O amor com o teu pecado, e a vida com o teu crime! (CDP:Bilac:Alma, século XIX)
- (69) Na medida que fotografava e via o resultado, percebia que o que estava registrado era a crônica da minha vida. Cada foto reflete um momento que vivi. Percebi que fazia uma autobiografia com as minhas fotos. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (70) Eu penso, por exemplo, que para os jovens seria bom pra eles se soltarem, pra eles dizerem as coisas, falarem melhor. Para os jovens tem um apelo muito grande porque a adolescência é um momento que você quer falar as coisas, quer expressar e às vezes não sabe. (CDP:Or:Br:Intrv:Web, século XX)
- (71) Como iria justificar os critérios pelos quais se escolheu os CDBs de um banco e não de outro? De outro lado, há a regra que impede demissões. E chega um momento em que se vê o quanto alguns não trabalham, o que é enlouquecedor, porque não se pode mandar tais pessoas embora. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (72) Agora não sou ninguém, mas naquela época eu tinha tudo, sucesso, beleza, dinheiro, amigos, porque a gente quando tem dinheiro sempre tem muitos amigos. Houve um momento em que tinha umas quinze pessoas nas quais mais ou menos podia confiar. Dessas acabaram ficando cinco ou seis, que ainda telefonavam no seu aniversário e prometiam ligar na semana seguinte, mas raramente cumpriam o prometido. (CDP:Fic:Br:Amaral:Amigos, século XX)
- (73) Esse fechamento da escola, porém, longe de tirar sua força, difundiu ainda mais seus ideais, uma vez que os artistas que lá se reuniam espalharam-se por vários países. (CDP:Ac:Br:Enc, século XX)
- (74) Como já citado, para caracterização do crime de FURTO, é necessário que se tenha a intenção, vontade, dolo, vez que não há subtração culposa, sem intenção. Se assim o for, não é crime de FURTO. (CDP:Ac:Br:Enc, século XX)
- (75) A restituição é devida, não só quando não tenha havido causa que justifique o enriquecimento, mas também se esta deixou de existir. (CDP:Ac:Br:Lac:Misc, século XX)
- (76) Boa tarde. Sou João Simplício - disse. - A moça Lúcia falou que era pra mim vim aqui, causa que o moço Darci tá precisado de falá cumigo. (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)
- (77) Restava-lhe porém saber quem seria esse inimigo; e por mais que desse voltas ao miolo não atinava com ele. Pelo gênero da intriga conheceu que a causa do que lhe faziam era seguramente a sua pretensão a respeito de Luisinha, que sem dúvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de haver-se com um rival. (CDP:Almeida:Memórias , século XIX)
- (78) Os aventureiros acordados de repente blasfemavam conta o autor de semelhante lembrança. Quando Loredano no meio deles procurava indagar a causa do que sucedia, João Feio apareceu na entrada do alpendre. (CDP:Alencar:Guarani, século XIX)
- (79) A minha tolerância é que tem sido erro; a notícia que imprudentemente fez publicar na imprensa diária da corte, e a fama da sua nova luneta deram causa a que meu armazém

seja com freqüência procurado por pretendentes a instrumentos mágicos de ótica, sofrendo eu perseguições e desgostos, que mal pode calcular; isso porem é o menos. (CDP:Macedo:Luneta , século XIX)

- (80) A RAPOSA (Entrando muito cabisbaixa, e atirando-se também ao chão) - Cai.. (ao Chefe dos Coelhos) Você também caiu! O CHEFE DOS COELHOS - Eu? Pois isso é possível? (Sentando-se no chão, muito desconfiado e aos poucos) A RAPOSA - Caiu, sim, senhor. Caiu, e deu causa a que todos nós caíssemos. A rainha exigiu a sua demissão. (CDP:Azevedo:Fritzmack , século XIX)

### *Sintagma preposicionado (SP)*

- (81) E o modo com que Deus toma este tempo, é não lh'o dando, ou privando-os d'elle, por seus justos juisos, quando lhes vem tomar conta na hora em que menos o cuidam: Qua hora non putatis. Assim commenta o texto Lorino, e pudéra citar a São Boaventura, cuja é essa interpretação tão subtil como verdadeira. (CDP:Vieira:Sermons, século XVII)
- (82) Ali - - a luz cruel, a calmaria intensa! Aqui - - a sombra, a paz, os ventos, a cascata.. E a pluma dos bambus a tremular imensa.. E o canto de aves mil.. e a solidão.. e a mata.. E à hora em que, fugindo aos raios da esplanada, A Indígena, a gentil matrona do deserto Amarra aos palmeirais a rede mosqueada, Que, leve como um berço, embala o vento incerto. (CDP:Alves:Espumas, século XIX)
- (83) Jacaúna chegou, não mais para o combate e só para o festim da vitória. Nessa hora em que o canto guerreiro dos pitiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho que o sangue da raça branca gerou nessa terra da liberdade, via a luz nos campos da Porangaba. (CDP:Alencar:Iracema, século XIX)
- (84) E que fim levou o seu quartau? - Espaduu de muito andar. Parece que desde a hora em que o maldito demo o tirou do meu quintal não soube mais o que era comer nem beber, e andou num cortado. (CDP:Távora:Cabeleira, século XIX)
- (85) Nos três meses de sua missão, os soldados vão facilitar a assistência técnica à Polícia albanesa, para garantir o funcionamento dos portos e dos aeroportos assim como o transporte de ajuda humanitária. Uma das conseqüências será garantir ao Estado os impostos alfandegários, no momento em que os cofres públicos encontram-se vazios. (CDP:N:Br:PA, século XX)
- (86) A Polícia de Israel recomendou ontem, ao encerrar uma investigação iniciada há 12 semanas, que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu seja processado judicialmente por fraude em relação a um escândalo de tráfico de influência. O escândalo ocorre num momento em que Netanyahu é criticado internamente e pela comunidade internacional por sua política de colonização, podendo provocar uma mudança de governo ou até mesmo a queda do premiê. (CDP:N:Br:PA, século XX)
- (87) O texto da emenda da reforma administrativa, que deverá ser discutido nesta semana pelo plenário da Câmara, poderá receber sugestões de alteração até o momento em que for posto em votação. (CDP:N:Br:SP, século XX)
- (88) De quanto expusemos até aqui evidencia-se que não há em Deus qualquer sucessão temporal, senão que Deus existe totalmente e simultaneamente. A sucessão temporal ocorre exclusivamente nas coisas que de um modo ou de outro estão sujeitas ao

movimento, *de vez que* são o antes e o depois no movimento que constituem a sucessão temporal. Ora, Deus não está em absoluto sujeito ao movimento (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX)

- (89) Se eu acendesse vela, mamãe zangava-se. Já estou boa. E como desatasse o lenço, a mãe disse-lhe timidamente que era melhor atá-lo, mas Capitu respondeu que não era preciso, estava boa. Ficamos sós na sala; Capitu confirmou a narração da mãe, acrescentando que passara mal *por causa do que* ouvira em minha casa. (CDP:Machado:Casmurro, século XIX)
- (90) Não lhe valeu o esforço sobre-humano que empregava para libertar-se da pesada tarefa que lhe era dada nos vários serviços da casa, onde, *sem causa que* tal justifique, lhe aplicam o mais terrível castigo: o açoite! (CDP:Fic:Br:Barreto:Diário, século XX)
- (91) A conversão em divórcio da separação judicial dos cônjuges será decretada por sentença, da qual não constará referência *à causa que* a determinou. (CDP:Ac:Br:Lac:Misc, século XX)

Supõe-se que as construções, ao se construcionalizarem, tornam-se gradativamente sintagmas menos complexos, isto é, sintagmas não preposicionados (nominais), com determinante *a* (no caso dos nomes *hora* e *causa*), *o* (no caso do nome *momento*) e *uma* (no caso de *vez*), até chegar a sintagma nominal formado apenas pelo nome núcleo *hora*, *momento*, *vez* ou *causa*, equivalente à forma construcionalizada com maior mudança construcional da locução (*hora que*, *momento que*, *vez que*, *causa que*).

## 2) Forma do determinante

Considerando a estrutura do sintagma em que o nome circunstancial está inserido, verifica-se, com a análise deste fator, a presença ou ausência de determinante anterior ao nome circunstancial, integrando um SN ou um SP. Analisa-se também a forma do determinante, quando presente antes do nome circunstancial.

Os fatores investigados com esse subgrupo são especificados e exemplificados a seguir<sup>19</sup>.

### *Ausência de determinante*

- (92) O teor da carta era que tinha um negócio de Sua Santidade a comunicar a S. Il.ma; que lhe sinalasse *hora em que* o fosse buscar. (CDP:Vieira:Cartas, século XVII)

<sup>19</sup> Os nomes circunstanciais não ocorreram necessariamente em todas as categorias deste fator.

- (93) Uma abertura sua para aceitação maior das mudanças poderá ser muito útil *em momento em que* você depende disso para vantagens a que aspira há algum tempo. Mostre-se paciente e sincero com pessoas amigas. (CDP:N:Br:PA, século XX)
- (94) De agora em diante se não me quiseres chamar de senhor, patrão ou mesmo marquês, me chames de Mão de Luva. Já quase escurecia e a volta foi apressada, *vez que* a rota era conhecida. (CDP:Fic:Br:Novaes:Mao, século XX)

### *Artigo definido*

- (95) Que te importa.. já o disse: terás vista mais penetrante do que desejas e pensas; queres? - Por que modo a terei? - Dando te eu uma luneta mágica. - Quando? - Hoje mesmo e amanhã, *na hora em que* acabará o dia de hoje para começar o dia de amanhã, à meia noite. (CDP:Macedo:Luneta, século XIX)
- (96) Os tempos de um e de outro não bateram. As Ligas de Julião estavam de fogo morto, como o espírito físico de muitos engenhos do Nordeste, *no momento em que* as guerrilhas guevarianas entravam no palco com o ruidoso elenco dos anos 60. (CDP:N:Br:Recf, século XX)
- (97) Ninguém pode seguramente abster-se de um sentimento de horror ante essa idéia do homem devorado pelo homem. ao nosso espírito civilizado, ela repugna não só à moral, como ao decoro que deve revestir os costumes de uma sociedade cristã. Mas antes de tudo, cumpre investigar *a causa que* produziu entre algumas, não entre todas as nações indígenas, o costume da antropofagia. Disso é que não curaram os cronistas. (CDP:Alencar:Ubirajara, século XIX)

### *Artigo indefinido*

- (98) Por favor, venha rápido. Demorei quinze minutos para ir de Copacabana a Ipanema *numa hora em que* o trânsito ainda estava lento. (CDP:Fic:Br:Garcia:Silencio, século XX)
- (99) Precisava-se daquilo. Eles decretaram: Acabou Chorare. Era tudo brincadeira, tudo sério. Continuou sendo, com o Moraes Moreira sozinho de Festa do Interior, Meninas do Brasil, Lá Vem o Brasil Descendo a Ladeira e dezenas de outros sucessos. Houve *um momento em que* oito entre as dez músicas mais tocadas eram dele, com ele ou outros intérpretes. (CDP:N:Br:SP, século XX)
- (100) Se eu não fosse rica, se eu não pudesse oferecer-lhe agora uma quantia, de que aliás o senhor tem absoluta necessidade, é muito natural que o senhor não encontrasse uma palavra afetuosa para os meus desvelos, e é possível até que, *uma vez que* já não precisasse deles, chegasse a desprezar-me e fazer mau juízo da minha conduta, porque, no fim de contas, eu tinha cometido a imperdoável leveza de recolher em minha casa um homem quase morto, e de proporcionar-lhe todos os serviços que o seu mísero estado reclamava. (CDP:Azevedo:Memórias, século XIX)



- (101) Diante da questão de por que Deus não havia criado o mundo algum tempo antes do momento em que o fez (lembramos de Santo Agostinho!), usa Leibniz o seu " princípio da razão suficiente ", segundo o qual nada pode existir sem *uma causa que* o faça existir daquele modo. (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XIX)

#### *Pronome demonstrativo*

- (102) A noite seguia o seu curso ordinário, e a lua deslizava solitária por entre as nuvens cinzentas e carregadas que alastravam o céu. Que importava, com efeito, que *essa hora que* soava marcasse o termo de um ano? (CDP:Alencar:Correr, século XIX)
- (103) Uma das vozes femininas, a que canta com Ná Ozetti, é a de Gilvanete, empregada de Wisnik. “Em estúdio, existe uma gíria *para aquele momento em que* os ensaios indicam que chegou o momento da gravação definitiva”, informa ele. Sempre se diz: “Agora, é a boa”. (CDP:N:Br:SP, século XX)
- (104) A causa principal das suas preferências, era decerto o talento da cantora; mas a que ele costumava dar, nas horas de bom humor, que eram todas as vinte e quatro do dia, tirantes as do sono, *essa causa que* mais que tudo o ligava aos “arraiais do bom gosto” dizia ele, era, - imaginem lá, - era o buço de Mlle. Lagrua. (CDP:Machado:Mão, século XIX)

#### *Artigo e pronome*

- (105) Qual *o outro momento em que* a autonomia da Ouvidoria é questionada? (CDP:Or:Br:Intrv:Pov, século XX)

#### *Pronome e artigo*

- (106) Graças ao Geraldo Vandr . Porque *toda a hora que* a gente queria descambar para o jazz ou coisa assim, ele dizia: “Não! Não! Não! Deixa essa música para os americanos, para os gringos. Voc es são brasileiros. Não podem ter vergonha de tocar música brasileira”. (CDP:N:Br:Recf, século XX)

#### *Numeral*

- (107) Poucas pessoas levaram-lhe o corpo até o cemitério. Não faz *meia hora que* os sinos da igreja silenciaram e já estão novamente tocando afinados. (CDP:Fic:Br:Peixoto:Chamada, século XX)

A hipótese subjacente a este subfator se constrói em concordância com a propriedade composicional de uma constru o proposta por Traugott e Trousdale (2021). Nesse sentido, supõe-se que, quanto mais o nome circunstancial integrar uma locu o conjuntiva e, portanto,

houver menor composicionalidade, mais provável será a perda de elementos integrantes do sintagma durante as mudanças construcionais. Assim, a hipótese é que, nos primeiros séculos analisados, haja maior frequência de determinantes mais complexos e variáveis do que nos séculos finais, em que se espera encontrar mais frequentemente ausência ou presença de artigo definido, que se caracteriza como determinante simples em português (SOUZA E SILVA; KOCH, 2011).

### 3) Presença ou ausência de modificador antes do N<sub>circunstancial</sub>

Com a análise da presença ou ausência de modificador antes do nome, o propósito é analisar como o modificador gradualmente pode ter deixado de ocorrer junto dos nomes *hora*, *momento*, *vez* e *causa* no processo de construcionalização das locuções, já que suas formas mais reduzidas (*hora que*, *momento que*, *vez que*, *causa que*) não contêm modificadores.

Nos casos em que há modificadores, busca-se também analisar a que tipo de sintagma o modificador equivale. Ressalte-se, porém, que o único tipo presente nos dados da pesquisa é o que aparece sob a forma de um sintagma adjetival.

Os fatores analisados com este subgrupo são, portanto:

#### *Ausência de modificador*

- (108) Me faz muito bem ouvir isso de você - disse Lena, apertando sua mão. - *Na hora que* você começou com o Cartola eu tinha certeza que a gente ia terminar com Lupicínio. (CDP:Fic:Br:Amaral:Amigos, século XX)
- (109) FHC tem ainda mecanismos de segurar a moeda, mas a um custo social elevado. O Governo tem receio *de que no momento que* começar a fazer uma desvalorização mais acentuada do Real, para dar competitividade a exportação e, portanto, gerar emprego, haja uma espécie de pânico em relação aqueles que acreditam na estabilidade e o efeito psicológico venha gerar mais inflação. (CDP:Or:Br:Intrv:Pov, século XX)
- (110) Tempos depois continuava abatida, embora comesse bem e dispusesse de frutas e leite com abundância. Já saía, porém, até a igreja, onde levava horas rezando. *Uma vez que* se decidira a renunciar ao amor de Raul, apegava-se à religião como quem se entrega sem nada pedir. (CDP:Fic:Br:Carvalho:Somos, século XX)
- (111) Seu Joaquim ficara contrafeito, e, com a fisionomia séria, o punho cerrado, prometera tomar providências. Todo o mundo sabia que não era pai de Pedrina, mas fôra *por sua*

*causa que* Morena sê corrompera, terminando os dias nos bordéis, corroída pelo malde-amor. (CDP:Fic:Br:Carvalho:Somos, século XX)

#### *Presença de modificador – sintagma adjetival (SA)*

- (112) Durante todo o espetáculo lhe segurou a mão, às vezes o pulso e, *em certa hora em que* o próprio palco escureceu e só ficou um foco de luz envolvendo a artista, ele aproveitou para lhe beijar o pescoço. (CDP:Fic:Br:Queirós:Galo, século XX)
- (113) Também o bom livro do Sr. Oliveira Lima, No Japão, é obra lida entre nós com o mais justo interesse. Ele nos poderá aproveitar não pouco *no decisivo momento que* atravessamos. (CDP:Fic:Br:Rio:Momento, século XX)
- (114) Como é bela e louvável essa modéstia dos grandes talentos! Mas qual será *essa verdadeira causa que* não se pode conhecer? Será alguma das anedotas que se contam por aí a respeito da maneira por que vai a nossa repartição da justiça? (CDP:Alencar:Correr, século XIX)

Da mesma forma como na análise dos fatores relativos ao determinante nos sintagmas, a hipótese que permeia a análise desses fatores é de que, nos séculos mais recentes, haja menor presença de modificador, uma vez que os itens das construções vão se amalgamando e permitindo cada vez menos a alteração do nome circunstancial, como consequência de um menor grau de composicionalidade da forma, nos termos de Traugott e Trousdale (2021).

#### **4) Presença de elemento entre N<sub>circunstancial</sub> e *que***

Com a análise deste fator, pretende-se captar a variedade de elementos que podem aparecer entre o nome circunstancial e a partícula *que*, sejam eles preposições, conjunções, sintagmas ou, até mesmo, verbos. Assim, é possível observar se os itens da construção encontram-se com maior ou menor grau de amalgamento, considerando que, se mais amalgamados, haverá menor possibilidade de inserção de elementos entre seus constituintes.

Os fatores que integram esse subgrupo são:

#### *Ausência de elemento*

- (115) Mas eu acredito que aqui em Bauru o que vai funcionar é a busca ativa que o Banco de Olhos vai começar a implantar a partir de agora. *Na hora que* houver um falecimento,

uma assistente social do Banco vai contatar a família para a doação. (CDP:Or:Br:Intrv:Cid, século XX)

- (116) Já enfrentei esse adversário em ótima fase. Foi difícil. Acho que agora vai ser ainda pior porque, *diante do momento que* o Palmeiras atravessa, a responsabilidade será toda nossa, favoritismo, cobranças. Temos de pôr na cabeça que para nós tudo interessa - menos perder. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (117) A pane verificada ontem deveu-se justamente à falta de pessoal qualificado para operá-lo, *uma vez que* nos últimos dias, com a demissão em massa feita na Prefeitura de Salvador, os operadores contratados nos últimos oito anos, justamente os que eram considerados capacitados para esse tipo de trabalho, foram afastados, sendo substituídos por velhos funcionários que não conhecem ainda os mecanismos de funcionamento do ascensor. (CDP:N:Br:Bahia, século XX)
- (118) Estupidamente entregou-se Nicolau Jorge à prisão, sem saber *a causa que* havia para tamanho vexame e aparato. (CDP:Souza:História, século XIX)

### Preposição

- (119) Em uma dessas lindas manhãs de primavera, bem cedo, ainda *à hora em que* o sol se faz anunciar pelos seus primeiros raios, Helena, ainda dormia! (CDP:Pimentel:Avózinha, século XIX)
- (120) Estamos num processo de transição muito importante no futebol brasileiro no que diz respeito à vida dos clubes e à própria estrutura do futebol. Lamentavelmente, esse escândalo veio *num momento em que* os clubes estavam readquirindo sua força, exercendo os seus direitos, tomando uma postura mais independente na relação em que eram só passivos. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (121) Inda agorinha, o Ari Buchincho tava falando que ocê foi convocado pra essa prosa cum os paulista *causa de que* ocê escondeu os escrito que tava apregado no corpo do fina-do João Azedo. (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)

### Sintagma adjetival

- (122) O disco A Tempestade, lançado no ano passado, é um álbum com músicas depressivas, que retratavam *o momento difícil que* o Renato Russo estava passando. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (123) Que pensamento podia assim distrair o espírito dos cismas e dos enlevos da religião? Não era de certo um pensamento profano, nem *uma causa estranha que* animava aquele sentimento. ao contrário: neste templo que a religião enchia com todo o vigor de suas imagens e toda a poesia de seus mitos [...] (CDP:Alencar:Correr, século XIX)

### Sintagma adjetival e preposição

- (124) Foi como se eu tivesse levado uma navalhada. Tivesse sido traído e levado uma navalhada que eu não vi o que era. Na hora em que o Paulo te disse isso? *Na hora exata em que* o Paulo me disse isso, eu fiquei preso pelo pescoço naquele negócio. (CDP:Br:Intrv:Web, século XX)
- (125) Então, pela primeira vez desde o início daquela história, Clara teve medo - e a intuição de que estava diante de alguma coisa mais grave do que um simples capricho. Aliás, quem conseguiria saber *o momento exato em que* um desejo superficial se transforma, deslocando com a sua força crescente todo o destino de um homem? (CDP:Fic:Br:Cardoso:Dias, século XX)
- (126) Mas o que então se passou em mim lhe parecerá incrível: a minha cólera precisava desabafar-se contra alguém, e na impossibilidade de dar um corpo àquela injúria atroz, levei a ingratidão até encarná-la em Lúcia, *causa inocente do que* sucedia. (CDP:Alencar:Lucíola, século XIX)

### Verbo

- (127) Método por computador - ou método - braçal que seria ele fazer - eu não tenho tempo para para ensinar os dois ele não tem tempo para aprender os dois - quer dizer ensinar só o braçal né? não importa - no caso porque isso ainda - está no meio termo mas vai chegar *uma hora digamos que* - que tem quase tudo se fazendo por computador então o cara aprende como fazer mas - mas você acha que dá? (CDP:Or:Br:LF:SP, século XX)
- (128) Fora, as estrelas recamavam de ouro o céu de verão.. Músicos Ambulantes Músicos ambulantes! *Um momento houve em que* todos desapareceram, arrastados por uma súbita voragem. (CDP:Fic:Br:Rio:Alma, século XX)

### Conjunção

- (129) Os nossos confrades estão sempre bem dispostos a nosso favor, enquanto não lhes tomamos a dianteira. Todas as flores são poucas para nos atirarem; *desde o momento, porém, que* os deixamos para trás-não há pedras no chão que cheguem para satisfazer a sua avidez de quebrar-nos a cabeça e as pernas. (CDP:Azevedo:Mortalha, século XIX)
- (130) Tomás Sou corretor, procurador, negociador, e quando proponho, não ofendo: franqueza, no seu lugar eu já tinha casado sua pupila; *uma vez porém que* o senhor o não quer fazer, digo-lhe que seria loucura rematada não ganhar licitamente algumas dezenas de contos, livrando-se do encargo da tutoria. (CDP:Macedo:Pupila, século XIX)

### *Oração iniciada pela conjunção “quando”*

- (131) Mas isso já está acontecendo você vê você deve conhecer uma experiência que fizeram com ratos de amontoar rato em - em gaiolas pequenas e deixar reproduzir reproduzir - - chega *uma hora quando essa - população está assim que* - ah - mesmo tendo comida à vontade - mas espaço vital de cada um muito restrito - que deixam de - reproduzir - não tem mais necessidade sexual né? (CDP:Or:Br:LF:SP, século XX)

Seguindo o mesmo entendimento dos dois últimos fatores, supõe-se que, com a diminuição da composicionalidade da construção conjuntiva e o crescente amalgamento de seus itens, nos séculos mais recentes, mais comum (mais frequente, em termos de número de ocorrências) seja a ausência de elementos entre os nomes circunstanciais e a partícula *que*.

### **3.3.3 Funcionamento do período complexo**

Com os fatores distinguidos neste grupo, busca-se analisar a forma de combinação entre as orações do período complexo do qual os nomes circunstanciais fazem parte. Assim, considerando que as construções *hora que* e *momento que* no português atual encabeçam orações adverbiais temporais e que *vez que* e *causa que* encabeçam adverbiais causais, espera-se que, no decorrer dos séculos, como indício do reflexo de um caminho de construcionalização das locuções, haja uma crescente frequência de combinações hipotáticas com essas orações, como será melhor detalhado a seguir.

#### **1) Combinação entre as orações no período com N<sub>circunstancial</sub>**

Para a análise do modo como as orações se combinam nos períodos complexos que contêm os nomes circunstanciais em análise, considera-se a classificação de combinação entre orações proposta por Hopper e Traugott (2003). Trata-se de uma classificação de base funcionalista, que resulta da análise da combinação de orações a partir de traços tanto sintáticos quanto semânticos, indicativos de diferentes graus de dependência semântica e de encaixamento estrutural entre as orações que formam um período complexo. Nesse sentido, ao se basear em critérios tanto semânticos (dependência) quanto formais (encaixamento), Hopper e Traugott (2003) propõem uma caracterização funcional da combinação entre

orações, ao contrário da maioria das abordagens (como a tradição gramatical), que se baseia em critérios puramente formais para a classificação dicotômica da combinação de orações em subordinação e coordenação.

De acordo com essa proposta dos autores, as orações se combinam por meio de parataxe, hipotaxe ou subordinação. Para esta pesquisa, interessam a hipotaxe e a subordinação, pois não foram encontrados casos de combinações oracionais paratáticas com os nomes circunstanciais em análise. As orações hipotáticas (que equivalem às tradicionais adverbiais) exibem certa interdependência, isto é, não são totalmente dependentes, pois, mesmo que haja maior dependência semântica entre as orações no período complexo, elas têm menor encaixamento sintático, refletindo em certo grau de interdependência. As orações subordinadas (tradicionais relativas), por sua vez, são dependentes e, portanto, têm maior grau de dependência semântica e maior grau de encaixamento sintático.

Com base nessa distinção, com a análise do presente fator, considera-se como hipotática a oração que funciona como um adjunto adverbial temporal ou causal em relação a uma principal. Em termos semânticos, o evento na hipotática situa temporalmente o evento na oração principal. As ocorrências em que o  $N_{\text{circunstancial}}$  é modificado por uma oração iniciada por *que*, que funciona como um adjunto adnominal do N, são considerados casos de subordinação, representados por uma oração relativa.

*$N_{\text{circunstancial}}$  em oração hipotática temporal*

- (132) O governo deveria pensar em uma aposentadoria, nem que fosse simbólica, para os jogadores. Como dos políticos. Porque todos eles, Lula, FHC, se aposentaram com 30 anos de idade e porque o jogador não pode? Já que eles fizeram muita coisa pelo país. *Na hora que o Brasil ganha uma Copa do Mundo, os presidentes da República pedem para a seleção passar lá em Brasília para eles poderem tirar fotografias*, entendeu? (CDP:Or:Br:Intrv:Web, século XX)
- (133) Quem não conta com um plano particular de saúde tem de rezar para não ficar doente e, dessa forma, deixar de submeter-se à longa espera de atendimento no serviço público. E *mesmo quem tem um plano pode, muitas vezes, ficar sem assistência no momento que mais precisar*: ou porque o serviço desejado não é coberto pelo contrato; ou porque as prestações pesaram demais no orçamento, e assim por diante. (CDP:N:Br:Bahia, século XX)

*N<sub>circunstancial</sub> em oração hipotática causal*

- (134) Para o diretor comercial da Sanave (Volkswagen), Fernando Coelho, *é difícil saber o real motivo desses aumentos, uma vez que o concessionário não tem acesso à planilha de custos da fábrica.* (CDP:Or:Br:Intrv:Web, século XX)
- (135) “Tenho que agir com cautela, mas sem perder de vista o objetivo. Qualquer erro que eu cometa pode ser fatal. Esses subversivos são fanáticos e sanguinários. O serviço que eles fizeram no Lourival e no Chicão foi trabalho de matador profissional”, pensava, quando Juventino gritou do fundo do depósito: - Tá na hora, pessoal. *Amanhã eu quero ocêis tudo aqui bem cedo, causa que, depois do almoço, nós vamo despachá uma partida de castanha pra Marabá.* (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)

*N<sub>circunstancial</sub> modificado por oração subordinada relativa*

- (136) Pra mim, se a informação fosse falada, não ia resolver nada; é muita coisa, eu não vou guardar detalhe por detalhe na cabeça. *Material te ensina a saber a hora que o neném tá bem ou não.* (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX)
- (137) Guerra de Canudos é um belo filme, embora um pouco longo. O que é isso, Companheiro também é muito interessante. Pequeno Dicionário Amoroso tem um bom pique. Meu filme não vai retratar nenhuma história. *Vou falar do momento em que estamos vivendo.* Da modernidade. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (138) Pelas duas horas da madrugada do dia 30 de junho foi o padre bater à porta da fazenda do Ribeirão. Apareceu-lhe o coronel e com empenho e furor lhe pediu o padre que o acompanhasse a presença do governador a quem *queria expor a causa que tivera para o receio.* Deu o coronel Luís Alves as razões por que o não podia atender. (CDP:Souza:História, século XIX)

A principal hipótese para os resultados relativos a este fator é a de que, refletindo-se pelo decorrer crescente dos séculos, os nomes *hora*, *momento*, *vez* e *causa* tenham, inicialmente, maior frequência de ocorrência em orações matriz modificadas por orações subordinadas (relativas) e, posteriormente, com uma maior fixação na língua pelo uso dos falantes, enquanto construções (*hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*), tenham maior frequência em orações hipotáticas. Isso porque o foco desta pesquisa é a formação da locução conjuntiva com núcleo nominal, e não propriamente a gramaticalização dos modos de combinação de oração segundo o qual, conforme propõem Hopper e Traugott (2003), o desenvolvimento seria em grau crescente de complexidade das orações combinadas, ou seja, da parataxe, passando pela hipotaxe, em direção à subordinação de orações.



## 2) Posição da oração hipotática/subordinada em relação à oração matriz

Com este fator, verifica-se se a oração hipotática ou subordinada é anteposta, intercalada ou posposta à oração matriz considerando a quebra de continuidade sintática das sentenças, conforme se exemplifica a seguir.

### *Anteposta*

- (139) Sensualismo, sensualismo puro! Orgia de sibaritas, que semeiam flores no túmulo da pátria, que em pleno dia caminham às apalpadelas, que na hora em que o chão fumega com o ardor do sol olham para o céu e não encontram o rei dos astros, porque para os seus sentidos o mundo é uma habitação de trevas, onde só brilha o moribundo farol do interesse particular. (CDP:Araújo:Angélica, século XIX)
- (140) O artigo 217 assegura a autonomia, que foi uma conquista na época. No momento em que o Estado está privatizando, não podemos entender a intervenção nesse setor. É uma face autoritária. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (141) Não será preciso, respondeu Violante, afastando-se. Uma vez que Paulo Mostella é necessário à felicidade de teu pai, ele viverá. Minha mão jamais se levantará para o ferir. (CDP:Azevedo:Condessa, século XIX)
- (142) Qual fosse o escândalo que causou o sacrilégio, que commetteo homem tao barbaro, não ha para o ponderar aqui, porque por si mesmo se está manifestando. A causa que houve para tão cxeorando excesso, ja dissemos, que fora por cumprir o servo de Deos com as obrigaçoens do officio Pastoral. (CDP:Coutto:Brasil, século XVIII)

### *Intercalada*

- (143) Além do que, o que estou pedindo é uma coisa à-toa. Não estou pedindo uma cadeira de Senador nem uma pasta de Ministro. Com isto, quis dar ao meu caro amigo, na hora em que deixa esta nossa malfadada Alcântara, uma grande prova de consideração pessoal. Um favor é um traço de união. (CDP:Fic:Br:Montello:Noite, século XX)
- (144) Amanhã estarei de volta aqui, com os elementos para o relatório - falou Gil. O interrogatório da Capivara Três demonstrou que, no momento em que eles perderam o rastro, a patrulha se descurou da segurança, no afã de encontrar as pistas novamente. (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)
- (145) Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha. (CDP:Machado:Borba, século XIX)

- (146) Restava-lhe porém saber quem seria esse inimigo; e por mais que desse voltas ao miolo não atinava com ele. Pelo gênero da intriga *conheceu que a causa do que lhe faziam era seguramente a sua pretensão a respeito de Luisinha*, que sem dúvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de haver-se com um rival. (CDP:Almeida:Memórias, século XIX)

### Posposta

- (147) Quando tornei a abri-los, ele gritava para uma das sombras chinesas: - Bate no chão. Dá um grito, meu amor. *Faz algum tipo de barulho na hora que eu atirar*. (CDP:Fic:Br:Abreu:Onde, século XX)
- (148) Vai desembocar no mundo da mecânica e da física quântica, o mundo da matemática fracionada, que pode explicar tudo o que a teoria dos conjuntos não pôde. E como nada no mundo é isolado, *isso tudo ocorre no momento em que o mundo também se fraciona*. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)
- (149) O francês, de gosto apurado, não se servia dos produtos regionais do Recife de Pernambuco, deles desdenhava, e a seu respeito até se permitia ditos irônicos: *jamais poderia aderir ao movimento emancipalista, uma vez que não suportava a aguardente brasileira*, intragável sob todos os aspectos. (CDP:Fic:Br:Lemos:Espaco, século XX)
- (150) A conversão em divórcio da separação judicial dos cônjuges será decretada por sentença, *da qual não constará referência à causa que a determinou*. (CDP:Ac:Br:Lac:Misc, século XX)

Além disso, foram distinguidas ocorrências em que  $N_{\text{circunstancial}}$  se encontra em uma oração temporal necessariamente posposta. São casos em que o evento temporal aparece focalizado, como nos exemplos de (151) e (152), ou em uma coordenação (153):

### Sempre posposta

- (151) A exceção seria o leite, que sendo perecível proporciona pouco poder de barganha para quem produz. Nos outros produtos, o maior problema para o agricultor está na falência do sistema cooperativista. “As cooperativas balizam preços e *só é possível perceber isso na hora em que elas desaparecem*”, diz a economista. (CDP:N:Br:Recf, século XX)
- (152) Assombrado com o canto tão fora de hora, papai nem quis ouvir os comentários sobre o tento pelo qual tanto torcera e sofrera. *O galo cantara exatamente no momento em que a bola, passando rente às mãos do quíper, fora alojar-se no fundo da rede*. (CDP:Fic:Br:Gattai:Cronica, século XX)
- (153) Quem manda numa revolta são os que têm coragem e os traficantes. O dono da pedra, do fumo e do pó manda matar *quem quiser e na hora em que quiser*. Na cadeia tem gente

que mata até o pai se for preciso para conseguir uma pedra e dar uma pipada. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)

Com o avanço dos séculos e as conseqüentes mudanças construcionais, espera-se, com os resultados obtidos, que as orações hipotáticas temporais tenham uma frequência maior na posição anteposta à oração nuclear, característica inerente às orações adverbiais temporais no português contemporâneo (NEVES, BRAGA, DALL'AGLIO-HATTNER, 2008), enquanto as orações subordinadas adjetivas envolvendo o nome circunstancial sejam mais frequentes em posição posposta. Quanto às orações hipotáticas causais, a hipótese é de que a construcionalização dos nomes *vez* e *causa* acarrete uma maior ocorrência de posposição, seguindo o sequenciamento efeito-causa prototípico nas construções causais do português (BRAGA, PAIVA, 2019).

### 3.3.4 Pontualidade e duração nas construções temporais

Com o presente fator busca-se caracterizar as propriedades semânticas da construção com  $N_{\text{circunstancial}}$  temporal especificamente, captando, para tanto, a noção aspectual de duração ou de pontualidade da construção em relação apenas aos nomes temporais (*hora* e *momento*), uma vez que os nomes causais não veiculam noção aspectual. Além disso, a análise da noção aspectual pretendida na pesquisa também não se aplica às ocorrências em que o  $N_{\text{circunstancial}}$  temporal é modificado por uma oração relativa, em contexto de subordinação oracional, pois, nesses casos, o aspecto é indicado exclusivamente pelo verbo da oração, sem que o significado do  $N_{\text{circunstancial}}$  contribua para essa noção.

Para a noção de duração, são considerados os casos em que o nome comporta uma ideia durativa, em geral motivada pela presença das preposições *desde* e *até* antes do nome circunstancial, as quais carregam por si só a noção semântica de duração.

#### *Durativo*

- (154) Eu, senhor, não sei se os padeci; porque, *desde a hora em que o navio desamarrou desse rio, não estive mais em mim*, nem o estou ainda, atônito do caso e da fatalidade da minha partida, e de não saber como S. M. e V. A. a receberiam, pois não é possível serem-lhe presentes todas as circunstâncias dela: tais que não fui eu o que me embarquei, senão elas as que me levaram. (CDP:Vieira:Cartas, século XVII)

- (155) Vou pensar sobre o assunto, minha amiga. Depois conversamos. Vamos seguir em frente e nos juntar aos outros camaradas. *Até a hora em que elas ainda estavam acordadas, Lúcia sutilmente foi enchendo a cabeça de Marlene para que elas fugissem e se entregassem.* (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)

A noção de pontualidade, por sua vez, divide-se em pontual e não pontual. São analisados como pontuais os casos em que, conforme Travaglia (2015), descreve-se uma situação momentânea, sem duração, como nos exemplos (156) e (157).

### *Pontual*

- (156) Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repeli-a com toda a minha consciência, como a deformação utilitária da criatura, e *na hora em que a vi acabar, pensei poder pedir também minha alforria*, dizer o meu nunc dimittis, por ter ouvido a mais bela nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo. (CDP:Nabuco:Minha, século XIX)
- (157) Com isso, delimito o problema, que ficou restrito a quem já se aposentou. E *no momento que a separação é feita, essa despesa, que era corrente, vira uma dívida*, porque ela tem começo, meio e fim. Um belo dia acaba. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)

Os casos analisados como não pontuais são os que, apesar de não apresentarem aspecto durativo, também não revelam a pontualidade do evento descrito, conforme exemplifica a ocorrência em (158).

### *Não pontual*

- (158) Estado - Emocionalmente, não é difícil manter esse equilíbrio? Otelo - Muito difícil. Então, *qualquer hora que você chegar na minha casa, vai encontrar-me aqui*. Sou quase um enclausurado na minha casa. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)

A hipótese central que fundamenta a análise deste fator, seguindo a pesquisa de Garcia (2017), é que as construções *hora que* e *momento que* veiculem aspecto pontual, o que deverá aparecer com maior frequência nos séculos finais investigados, momento em que, espera-se, haja uma maior consolidação dessas construções temporais no português brasileiro.

Considerando os fatores de análise escolhidos e detalhados acima, apresenta-se, no quadro 2, a síntese dos fatores utilizados nesta pesquisa:

**Quadro 2:** Fatores de análise.

<b>3.3.1 Séculos</b>	<b>3.3.2 Estrutura sintagmática</b>	<b>3.3.3 Funcionamento do período complexo</b>	<b>3.3.4 Pontualidade e duração nas construções temporais</b>
-	1) Tipo de sintagma	1) Combinação entre as orações no período com N <sub>circunstancial</sub>	-
-	2) Forma do determinante	2) Posição da oração hipotática/subordinada em relação à oração matriz	-
-	3) Presença ou ausência de modificador antes do N <sub>circunstancial</sub>	-	-
-	4) Presença de elemento entre N <sub>circunstancial</sub> e <i>que</i>	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

No próximo capítulo, passa-se à análise dos resultados que foram encontrados ao processar os dados coletados conforme aos fatores detalhados neste capítulo e sintetizados no quadro 2.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados do processamento de dados dos nomes circunstanciais *hora*, *momento*, *vez* e *causa* são analisados em relação às propriedades que revelam sua esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) e também no que se refere à proposta de relações contextuais de Diewald (2002, 2006). Para isso, consideram-se os resultados obtidos a partir do cruzamento dos dados com os fatores apresentados e descritos no capítulo anterior. Reitera-se, conforme exposto, que o processamento considerou como variável dependente o fator referente aos séculos, a partir do qual se pode verificar como ocorrem, diacronicamente, as mudanças construcionais por que passam as construções aqui investigadas.

Para guiar as análises feitas a seguir, apresenta-se um quadro-resumo, construído a partir dos resultados encontrados nos dados, com as características proeminentes de cada nome circunstancial, para cada fator analisado, no decorrer dos séculos objetos de investigação nesta pesquisa.

**Quadro 3:** Resumo das características proeminentes de cada  $N_{\text{circunstancial}}$  no decorrer do tempo.

Fatores	$N_{\text{circunstancial}}$	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Tipo de sintagma	<i>Hora</i>	SP	-	SP/SN	SP
	<i>Momento</i>	SN	-	SP	SP
	<i>Vez</i>	SN	-	SN	SN
	<i>Causa</i>	SN	SN	SN	SN/SP
Forma do determinante	<i>Hora</i>	Artigo definido	-	Artigo definido	Artigo definido
	<i>Momento</i>	Artigo definido	-	Artigo definido	Artigo definido
	<i>Vez</i>	Artigo indefinido	-	Artigo indefinido	Artigo indefinido
	<i>Causa</i>	Artigo definido	Artigo definido	Artigo definido	Ausente
Presença de modificador	<i>Hora</i>	Ausente	-	Ausente	Ausente
	<i>Momento</i>	Ausente	-	Ausente	Ausente
	<i>Vez</i>	Ausente	-	Ausente	Ausente
	<i>Causa</i>	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
Elemento entre N e <i>que</i>	<i>Hora</i>	Preposição	-	Preposição	Preposição/Ausente
	<i>Momento</i>	Ausente	-	Preposição	Preposição
	<i>Vez</i>	Ausente	-	Ausente	Ausente
	<i>Causa</i>	Preposição	Preposição/ Ausente	Preposição/Ausente	Ausente
Tipo de oração	<i>Hora</i>	Subordinada	-	Subordinada	Hipotática
	<i>Momento</i>	Subordinada	-	Hipotática/ Subordinada	Hipotática/ Subordinada
	<i>Vez</i>	Hipotática	-	Hipotática	Hipotática
	<i>Causa</i>	Subordinada	Subordinada	Subordinada	Subordinada
Posição da oração	<i>Hora</i>	Posposta	-	Posposta	Posposta/Anteposta
	<i>Momento</i>	Posposta	-	Posposta	Posposta
	<i>Vez</i>	Anteposta/intercalada	-	Posposta	Posposta
	<i>Causa</i>	Posposta	Posposta	Posposta	Posposta
Pontualidade e duração	<i>Hora</i>	Pontual	-	Pontual	Pontual
	<i>Momento</i>	Não pontual	-	Não pontual	Não pontual
	<i>Vez</i>	Não se aplica	-	Não se aplica	Não se aplica
	<i>Causa</i>	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### 4.1 Análise da esquematicidade

No âmbito da abordagem da construcionalização, adotada nesta pesquisa, a esquematicidade é uma propriedade que se liga aos graus de abstração e generalização dos esquemas linguísticos. Conforme exposto no primeiro capítulo (seção 2.3), esses esquemas são licenciados por subesquemas, localizados em um nível abaixo na hierarquia construcional, mas ainda um nível em que há uma representação abstrata das construções. Esses subesquemas são, por sua vez, sancionados por microconstruções. Nas microconstruções,

cada espaço da representação abstrata, chamado de *slot*, é preenchido por constituintes formando tipos específicos de construção.

Uma construção, de acordo com Traugott e Trousdale (2021), pode ser formada inteiramente ou parcialmente por partes esquemáticas abstratas. Seguindo as hipóteses de pesquisa apresentadas na introdução deste texto, supõe-se que o esquema envolvendo *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que* seja parcialmente formado por partes abstratas, isso porque a partícula *que* permanece fixamente na estrutura da construção, mesmo no nível hierárquico mais abstrato. O espaço ocupado pelos nomes, no entanto, pode ser preenchido por diferentes nomes circunstanciais, indicando que se trata de um *slot* abstrato.

Essa formação corresponde, segundo a hipótese apresentada, ao esquema *SP que* e ao subesquema *N<sub>circunstancial</sub> que*. O esquema *SP que* é constituído de elementos mais gerais e mais amplos, os quais englobam todos os tipos de construção desta pesquisa, pois o *slot* do SP permite seu preenchimento por diferentes termos (nomes, verbos, advérbios) e, ainda, prevê a possibilidade de esses termos virem acompanhados de preposição e/ou determinante. O subesquema *N<sub>circunstancial</sub> que* é um nível abaixo do esquema mais geral e comporta a realização de uma estrutura mais específica. Nela, está previsto um *slot* a ser preenchido exclusivamente por um nome circunstancial. O *N<sub>circunstancial</sub> que* parece ser similar ao esquema *Xque* proposto por Cezario, Silva e Santos (2015) e Silva e Cezario (2019). Nesta pesquisa, porém, opta-se por *N<sub>circunstancial</sub>* no lugar de *X* por se considerar que a representação do *slot* por *X* torna ampla a possibilidade de termos a serem inseridos em sua posição, como verbos (*vai que*), por exemplo, ao passo que *N<sub>circunstancial</sub>* reduz essa variabilidade de opções a nomes com valor estritamente circunstancial.

As análises a seguir procuram evidenciar a estrutura esquemática subjacente às construções, revelando se o esquema e o subesquema hipotetizados são confirmados.

#### 4.1.1 Análise sintagmática

O primeiro grupo de fatores, que se refere à análise sintagmática das formas em análise (tipo de sintagma, forma do determinante, presença de modificador e elemento entre *N* e *que*), revela a presença de diferentes tipos de elementos junto aos nomes circunstanciais nos séculos mais remotos.



Tabela 1: Tipo de sintagma.

		Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX	
Hora	SN	8	40%	0	0%	85	52,1%	62	27,7%
	SP	12	60%	0	0%	78	47,9%	162	72,3%
	TOTAL	20	100%	0	0%	163	100%	224	100%
Momento	SN	1	100%	0	0%	50	13,7%	82	14,7%
	SP	0	0%	0	0%	315	86,3%	474	85,3%
	TOTAL	1	100%	0	0%	365	100%	556	100%
Vez	SN	8	100%	0	0%	0	0%	12	1,3%
	SP	0	0%	0	0%	202	100%	897	98,7%
	TOTAL	8	100%	0	0%	202	100%	909	100%
Causa	SN	7	87,5%	3	100%	24	85,7%	7	53,8%
	SP	1	12,5%	0	0%	4	14,3%	6	46,2%
	TOTAL	8	100%	3	100%	28	100%	13	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação ao tipo de sintagma, o nome *hora*, no século XVII, encontra-se majoritariamente em estruturas com um SP, como nos exemplos (159) e (160), em que há o uso das preposições *em* e *desde*. No século XIX, as ocorrências distribuem-se equilibradamente em estruturas com SN – exemplos (161) e (162) – e com SP, como em (163) e (164), com as preposições *para* e *em*. No século XX, estabiliza-se como majoritário o sintagma preposicionado, conforme exemplos (165) e (166) com a preposição *em*:

- (159) Porque a arvore depois que está robusta e crescida, não se póde dobrar; mas o homem, que é arvore com alvedrio e uso de razão, ainda que agora esteja tão inclinada com o pezo dos vicios para a mão esquerda, *em qualquer hora que se quizer voltar para a direita com o arrependimento dos peccados e emenda d'elles, o póde fazer.* (CDP:Vieira:Sermons, século XVII)
- (160) Esta escrevo a V. A. no Cabo Verde, aonde arribámos depois de trinta dias de viagem, obrigados de tempestades, corsários e outros trabalhos e infortúnios que nela se padeceram. Eu, senhor, não sei se os padeci; porque, *desde a hora em que o navio desamarrou desse rio, não estive mais em mim, nem o estou ainda, atónito do caso e da fatalidade da minha partida, e de não saber como S. M. e V. A. a receberiam,* pois não é possível serem-lhe presentes todas as circunstâncias dela. (CDP:Vieira:Cartas, século XVII)
- (161) Tenho negócios e cobranças a realizar por aquele lado, e não posso deixar de passar pela fazenda de Joaquim Ribeiro. *Uma hora que lá me demore, poderei saber de tudo,* e decidirei do futuro meu e de Paulina. (CDP:Guimarães:Histórias, século XIX)

- (162) O que fui, não vos importa; o que eu sou agora, acabastes de testemunhar; sou o cronômetro vivo que vos *anuncia a hora que desejais saber*; o que hei de ser ainda hoje..vê-lo-eis. (CDP:Macedo:Luxo, século XIX)
- (163) Obrigada! Mas papai demorou-se muito. *Para a hora que saiu já devia estar bem longe*. (CDP:Alencar:Til, século XIX)
- (164) Os abolicionistas têm demonstrado, como por ocasião dos incêndios dos canaviais em Santos, e agora mesmo pela fuga coletiva dos escravizados em S. Paulo; têm demonstrado, repetimos, que podem *na hora que lhes aprouver* dispor de elementos os mais poderosos de perturbação. (CDP:Patrocínio:Campanha, século XIX)
- (165) Porque, sem dúvida alguma, para manter esse time da maneira como ele está jogando, os chamados quatro jogadores ofensivos terão que estar mentalizados para fazer aquela função *na hora que perder a posse da bola*. Mentalizados taticamente. (CDP:Or:Br:Intrv:Web, século XX)
- (166) Porque ele não sabe falar, salvo raríssimas exceções. Existem fotógrafos com trabalhos maravilhosos, mas, *na hora que vão dar um depoimento*, acabam falando bobagem sobre o poder da imagem que está por trás de uma foto. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)

Nota-se, a partir desses resultados, que há indícios de que o tipo de sintagma de que *hora* faz parte manteve-se oscilante inicialmente, em percentuais equilibrados entre SN e SP nos séculos XVII e XIX, o que indica uma flutuação do tipo de sintagma, cuja estrutura apresenta variabilidade de elementos (ora acompanhada de preposição, ora desacompanhada). Essa variabilidade de elementos na formação sintagmática revela que, nos séculos XVII e XIX, *hora* participava de diferentes construtos da língua. No século XX, porém, há um crescimento considerável de uso do SP (72,3%), demonstrando a estabilidade desse tipo sintagmático, comportamento que voltará a ser averiguado com as análises dos próximos fatores.

Com o nome *momento*, no século XVII houve apenas uma ocorrência, formada pelo sintagma nominal [*o momento*], conforme (167).

- (167) Não bastará que estejam arrimadas e promptas, senão já nas mãos: In manibus? Não, diz Christo: hão-de estar accezas; porque vos não prometto o espaço que é necessario para as accender: e hão-de estar nas mãos, porque *vos não seguro o momento que é necessario para as tomar*. Tanto vae d'aquelle vir a este, e d'aquelle Juiso a este Juiso. (CDP:Vieira:Sermons, século XVII)

A partir do século XIX, o nome estabiliza-se como parte de um sintagma preposicionado, como revelam os percentuais: 86,3% no século XIX e 85,3% no século XX.

Essa forma do sintagma nos textos representativos do século XIX estão exemplificadas em (168) e (169) com as preposições *em* e *desde* e, no século XX, em (170) e (171) com *em* e *de*:

- (168) O cocheiro não podia, donde estava, ver com quem altercava o doido, mas segundo o que lhe havia dito Gaspar, devia ser com Ambrosina. A sala continuava quase às escuras. *No momento em que Leonardo ia lançar-se sobre Alfredo, Jorge abriu de improviso a porta da dispensa e avançou resolutamente para ele, com um revólver em uma das mãos e a lanterna furta-luz na outra.* (CDP:Azevedo:Condessa, século XIX)
- (169) Não sabia bem por que chorava; uma coisa, porém, dizia-lhe que nunca mais seria feliz em sua vida, *desde o momento que, por uma condescendência imperdoável, entregara seu corpo àquele homem.* (CDP:Caminha:Normalista, século XIX)
- (170) Os documentos de compra e negociação devem incluir estas especificações, além dos procedimentos de inspeção e critérios de aprovação. Desta forma, se estabelece claramente com o fornecedor o que se está comprando e a qualidade requerida, *sem deixar ambigüidades a serem resolvidas no momento que ocorra uma não-conformidade.* A boa seleção do fornecedor é peça chave para se obter um material com a qualidade requerida, a tempo e ao menor custo. (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX)
- (171) *Diferentemente do momento em que o herói resiste a Araci*, dando prioridade ao título de guerra, agora ele vai buscá-la para constituir uma família, instituição fortemente valorizada com o objetivo de se constituir uma linhagem. (CDP:Ac:Br:Lac:Misc, século XX)

Da mesma forma que o nome temporal *hora*, *momento* também se estabiliza no interior de um sintagma preposicionado, no entanto, desde o século XIX, enquanto *hora* estabiliza-se a partir do século XX.

Por meio das ocorrências com o nome *vez*, observa-se que, desde o início do português brasileiro, o sintagma nominal foi sempre majoritário, conforme indicam os percentuais: nos séculos XVII e XIX, 100% das ocorrências são de SN e, no século XX, 99,2%. Exemplos representativos dos três períodos investigados estão dispostos de (172) a (174):

- (172) Do mesmo modo, e com a mesma e ainda maior propriedade, falou o anjo Raphaël na resposta que deu a Tobias. Fazia figura de homem, e para fazer bem a figura, *uma vez que* lhe perguntaram: Vós quem sois? não havia de dizer o que era, havia de dizer o que não era; e assim o fez: porque não ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que são, dizerem uma coisa e serem outra. (CDP:Vieira:Sermons, século XVII)
- (173) Indenizar é iludir, já o demonstramos; porém, voltaremos sobre o assunto, *uma vez que* não conseguimos ainda fazer sentir aos políticos o gravíssimo erro, que vão mais uma vez cometer, principalmente ao persistir no fatalíssimo sistema da lei de 28 de setembro. (CDP:Patrocínio:Campanha, século XIX)

- (174) Fato é que essa característica afeta o desempenho de uma técnica de correção, *uma vez que* erros em palavras curtas tendem a ser de correção mais difícil, em parte porque oferecem ao corretor um contexto intravocabular menos informativo. (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX)

Nos exemplos acima, o N<sub>circunstancial</sub> *vez* compõe um sintagma nominal. A predominância dessa formação sintagmática pode ser reflexo da presença da construção já cristalizada *uma vez que*, amplamente usada no português brasileiro como conectivo introdutor de orações causais. Note-se que, diferentemente do que ocorre com os nomes temporais, que tiveram variações no tipo de sintagma antes de uma maior estabilidade, o nome *vez* surge desde o século XVII desacompanhado de preposição inicial.

Quanto ao nome circunstancial *causa*, do século XVII ao século XIX, prevalece o sintagma nominal, como nos exemplos (175) a (177). No século XX, porém, as ocorrências distribuem-se de forma balanceada entre SN (178) e SP (179) e (180), com as preposições *sem* e *a*.

- (175) E, sendo bastante razão esta para eu haver sentido a total falta que delas tivemos neste correio, se acrescenta sentimento não se *saber a causa por que faltaram*, que, bem o Sr. Embaixador me assegura de todo desastre, pela experiência que tem de tantos anos, eu me não livrarei do cuidado até o correio seguinte. (CDP:Vieira:Sermons, século XVII)
- (176) Qual fosse o escandalo que causou o sacrilegio, que commetteo homem tao barbaro, não ha para o ponderar aqui, porque por si mesmo se está manifestando. *A causa que houve para tao cxeorando excesso*, ja dissemos, que fora por cumprir o servo de Deos com as obrigaçoens do officio Pastoral. (CDP:Coutto:Brasil, século XVIII)
- (177) Mas antes de tudo, cumpre *investigar a causa que produziu entre algumas*, não entre todas as nações indígenas, o costume da antropofagia. (CDP:Alencar:Ubirajara, século XIX)
- (178) o saneamento - sabe você não vai *eliminar causa que provocou a a poluição* por exemplo - - pensar em termos de - culpa coletiva por exemplo (CDP:Or:Br:LF:SP, século XX)
- (179) Que ela talvez tivesse nascido com essas intenções, como o senhor disse, mas que as torceu depois de certa idade. *Não seria sem causa que Francisco I disse*: Souvent femme varie. Francisco Teodoro não entendeu, mas sorriu. (CDP:Fic:Br:Lopes:Falência, século XX)
- (180) A conversão em divórcio da separação judicial dos cônjuges será decretada por sentença, da qual *não constará referência à causa que a determinou*. (CDP:Ac:Br:Lac:Misc, século XX)

Os resultados relativos ao nome *causa*, ao longo dos períodos analisados, indicam que havia uma estrutura preferida pelos falantes (sintagma nominal), mas, no século XX, esse tipo

de sintagma parece estar cedendo espaço ao sintagma preposicionado, cuja frequência de uso está bastante equilibrada em relação ao uso de SN: no século XX, o SN corresponde a 53,8% das ocorrências, enquanto o SP corresponde a 46,2%.

As análises dos fatores “forma do determinante” e “presença de modificador”, de acordo com os resultados das tabelas 2 e 3, indicam um afunilamento das estruturas sintagmáticas, de acordo com os tipos de sintagmas identificados como mais frequentes para os nomes *hora*, *momento* e *vez*. As tabelas 2 e 3 trazem a distribuição de percentuais encontrados com a aplicação de cada um dos fatores:

**Tabela 2:** Forma do determinante que compõe o sintagma em que o nome aparece.

		Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX	
<b>Hora</b>	<b>Ausente</b>	4	20%	0	0%	8	4,9%	13	5,8%
	<b>Art. def.</b>	<b>10</b>	<b>50%</b>	0	0%	<b>120</b>	<b>73,6%</b>	<b>181</b>	<b>80,8%</b>
	<b>Art. indef.</b>	2	10%	0	0%	12	7,4%	20	8,9%
	<b>Pronome</b>	4	20%	0	0%	15	9,2%	7	3,1%
	<b>Pron. + art.</b>	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,5%
	<b>Numeral</b>	0	0%	0	0%	8	4,9%	2	0,9%
	<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>163</b>	<b>100%</b>	<b>224</b>	<b>100%</b>
<b>Momento</b>	<b>Ausente</b>	0	0%	0	0%	2	0,5%	12	2,2%
	<b>Art. def.</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>317</b>	<b>86,9%</b>	<b>444</b>	<b>79,8%</b>
	<b>Art. indef.</b>	0	0%	0	0%	19	5,2%	78	14%
	<b>Pronome</b>	0	0%	0	0%	26	7,1%	20	3,6%
	<b>Pron. + art.</b>	0	0%	0	0%	1	0,3%	2	0,4%
	<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>365</b>	<b>100%</b>	<b>556</b>	<b>100%</b>
<b>Vez</b>	<b>Ausente</b>	0	0%	0	0%	0	0%	12	1,3%
	<b>Art. def.</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>202</b>	<b>100%</b>	<b>897</b>	<b>98,7%</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>202</b>	<b>100%</b>	<b>909</b>	<b>100%</b>
<b>Causa</b>	<b>Ausente</b>	1	12,5%	1	33,3%	10	35,7%	<b>10</b>	<b>76,9%</b>
	<b>Art. def.</b>	<b>6</b>	<b>75%</b>	<b>2</b>	<b>66,7%</b>	<b>15</b>	<b>53,6%</b>	1	7,7%
	<b>Art. indef.</b>	0	0%	0	0%	1	3,6%	2	15,4%
	<b>Pronome</b>	1	12,5%	0	0%	2	7,1%	0	0%
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

**Tabela 3:** Presença de modificador antes do nome circunstancial.

		Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX	
<b>Hora</b>	<b>Ausente</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>154</b>	<b>94,5%</b>	<b>221</b>	<b>98,7%</b>
	<b>SA</b>	0	0%	0	0%	9	5,5%	3	1,3%
	<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>163</b>	<b>100%</b>	<b>224</b>	<b>100%</b>
<b>Momento</b>	<b>Ausente</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>354</b>	<b>97%</b>	<b>546</b>	<b>98,2%</b>
	<b>SA</b>	0	0%	0	0%	11	3%	10	1,8%
	<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>365</b>	<b>100%</b>	<b>556</b>	<b>100%</b>
<b>Veza</b>	<b>Ausente</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>202</b>	<b>100%</b>	<b>909</b>	<b>100%</b>
	<b>SA</b>	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>202</b>	<b>100%</b>	<b>909</b>	<b>100%</b>
<b>Causa</b>	<b>Ausente</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>26</b>	<b>92,9%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>
	<b>SA</b>	0	0%	0	0%	2	7,1%	0	0%
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em todos os séculos investigados, os nomes circunstanciais *hora* e *momento* apresentam como majoritárias tanto a presença de artigo definido como determinante do nome quanto a ausência de modificador. Considerando que o sintagma preposicionado prevalece para ambos os nomes, principalmente introduzido pela preposição *em*, as estruturas sintagmáticas que predominam no período mais recente do português brasileiro são [*na hora*] e [*no momento*]. Dessa forma, é possível afirmar que *hora* e *momento* se consolidam em um esquema do tipo [*prep + det + N*], o que não indica, por ora, que essa atuação corresponda às construções temporais *hora que* e *momento que* em análise, dado que essas formas aparecem também em estruturas subordinadas relativas, não apenas em hipotáticas.

O nome *vez*, seguindo o padrão da locução conjuntiva *uma vez que*, apresenta, em todos os séculos, artigo indefinido e ausência de modificador, refletindo a estrutura [*uma vez*]. Trata-se do esquema [*det + N*].

Em relação ao nome circunstancial *causa*, conforme os resultados na tabela 2, do século XVII ao XIX, a forma do determinante que aparece com maior frequência é o artigo definido, com 75% no século XVII, 66,7% no século XVIII, e 53,6% no século XIX. Um exemplo é a ocorrência em (181):

- (181) Ninguém a vê que não fique logo com a cabeça voltada. Tem rejeitado já uns poncos de casamentos. O último noivo recusado fui eu. *A causa por que me recusou* foi ela mesma que me veio dizer. (CDP:Machado:Parasita, século XIX)

Nos textos do século XX, por outro lado, prevalece com o nome *causa* a ausência de determinante (76,9%), como ilustram (182) e (183):

- (182) Amanhã eu quero ocêis tudo aqui bem cedo, *causa que, dispois do armoço, nóis vamo despachá uma partida de castanha pra Marabá*. (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)
- (183) A restituição é devida, *não só quando não tenha havido causa que justifique o enriquecimento*, mas também se esta deixou de existir. (CDP:Ac:Br:Lac:Misc, século XX)

A análise do fator referente à presença de modificador, por outro lado, constata a ausência de modificador em todos os séculos para o nome *causa*. Assim, com base nos resultados desses dois fatores, a estrutura que prevalece com o nome *causa* até o final do século XIX é *[det + N]* e, no século XX, *[N]*.

O quarto fator analisado, que diz respeito à presença de elemento entre o nome circunstancial e a partícula *que*, não necessariamente representa uma alteração nas estruturas sintagmáticas propostas anteriormente, pois se trata de um elemento que, em determinados casos, faz parte de outro sintagma: ele pode formar um novo sintagma, no caso de não fazer parte do mesmo sintagma que o nome circunstancial e que a partícula *que*, ou seja, o nome circunstancial faria parte de um sintagma e o elemento faria parte de outro, ou, ainda, formar um sintagma em conjunto com *que*, ambos os elementos separados do nome circunstancial. Todavia, esse fator traz informações relevantes principalmente quando se considerar, nas próximas análises, especificamente os esquemas das construções *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, os quais formam um único bloco esquemático com o nome circunstancial e com a partícula *que*, englobando elementos adjacentes, como preposições, determinantes e modificadores.

**Tabela 4:** Presença de elemento entre o nome circunstancial e *que*.

		Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX	
<b>Hora</b>	<b>Ausente</b>	6	30%	0	0%	49	30,1%	<b>108</b>	<b>48,2%</b>
	<b>SA + prep.</b>	0	0%	0	0%	0	0%	4	1,7%
	<b>Prep.</b>	<b>14</b>	<b>70%</b>	0	0%	<b>114</b>	<b>69,9%</b>	<b>110</b>	<b>49,1%</b>
	<b>Verbo</b>	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,5%
	<b>Or. temp.</b>	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,5%
	<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>163</b>	<b>100%</b>	<b>224</b>	<b>100%</b>
<b>Momento</b>	<b>Ausente</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	0	0%	17	4,7%	78	14%
	<b>SA</b>	0	0%	0	0%	4	1,1%	1	0,2%
	<b>SA + prep.</b>	0	0%	0	0%	23	6,3%	17	3,1%
	<b>Prep.</b>	0	0%	0	0%	<b>317</b>	<b>86,8%</b>	<b>458</b>	<b>82,3%</b>
	<b>Conj.</b>	0	0%	0	0%	4	1,1%	1	0,2%
	<b>Verbo</b>	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,2%
	<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>365</b>	<b>100%</b>	<b>556</b>	<b>100%</b>
<b>Veza</b>	<b>Ausente</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>198</b>	<b>98%</b>	<b>909</b>	<b>100%</b>
	<b>Conj.</b>	0	0%	0	0%	4	2%	0	0%
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>202</b>	<b>100%</b>	<b>909</b>	<b>100%</b>
<b>Causa</b>	<b>Ausente</b>	3	37,5%	1	33,3%	12	42,8%	<b>9</b>	<b>69,2%</b>
	<b>SA + prep.</b>	0	0%	0	0%	1	3,6%	0	0%
	<b>Prep.</b>	<b>5</b>	<b>62,5%</b>	<b>2</b>	<b>66,7%</b>	<b>15</b>	<b>53,6%</b>	4	30,8%
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A presença de preposição entre o nome *hora* e a partícula *que* é predominante nos textos de todos os séculos investigados. No entanto, no século XX, observa-se uma distribuição mais equilibrada entre o uso de preposição e a ausência de elemento. As ocorrências a seguir exemplificam esses dois casos:

- (184) Se fosse fazer uma pesquisa abrangendo Bauru para saber se a pessoa é doadora ou não, você iria encontrar entre 60 e 70% acenando com um sim como doadores. No entanto, *na hora em que a pessoa falece*, a última coisa que as pessoas que estão em volta vão lembrar é que ela é doadora de córnea ou de outros órgãos. (CDP:Or:Br:Intrv:Cid, século XX)
- (185) Acho, porém, que os motoristas contribuem para o engarrafamento *na hora que fecham o cruzamento*, andam na faixa da esquerda em baixa velocidade, fazem carga e descarga em faixa dupla e param em local proibido, etc. (CDP:Or:Br:Intrv:Com, século XX)



A ausência de elemento entre N e *que* reflete o crescente desaparecimento de itens antes de *que*, em especial *em* (preposição majoritária nos dados), a qual, apesar de se encontrar presente em boa parte dos dados do século XX (49,1% das ocorrências), deixa de se entropor ao nome *hora* e a partícula *que* em quantidade significativa de ocorrências nesse período (48,2%). O mesmo não acontece, entretanto, com as estruturas envolvendo o nome *momento* que, ao longo de todo o período até o século XX, exhibe predominantemente a presença de preposição antes de *que*: 86,8% no século XIX e 82,3% no século XX. As ocorrências em (186) a (187) exemplificam essa ocorrência de preposição entre *momento* e a partícula *que*:

- (186) Com a leitura daquelas palavras, que pareciam vir do outro mundo, que pareciam vir do fundo nebuloso dos seus sonhos, *Ángelo estremeceu todo e fez-se mais lívido que a própria Alzira, no momento em que ela pela primeira vez lhe surgiu da sepultura.* (CDP:Azevedo:Mortalha, século XIX)
- (187) Essa enfermidade que ameaça o mundo hoje veio com o renascimento da biologia molecular. É uma doença irracional. *Vem no momento em que o mundo da razão explode,* com reflexos no teatro, na ciência física, na astrofísica, na física quântica, na matemática. (CDP:Or:Br:Intrv:ISP, século XX)

As estruturas com o nome *vez* exibem majoritariamente ausência de elementos entre N e *que*, com quase 100% das ocorrências em todos os séculos. Essa característica pode ser resultado da fixação da locução conjuntiva *uma vez que*, cuja estrutura sintagmática já cristalizada não permite a inserção de novos elementos entre N e *que*. Os únicos casos em que há, nos dados, presença de elemento correspondem ao uso da conjunção *porém* no século XIX (com 2% das ocorrências), como exemplificado em (188) e (189):

- (188) Duvidava muito do caráter e do merecimento moral de Souvanel; *uma vez, porém, que os pudesse abonar, estava resolvido a proteger o amor de sua irmã.* Não quisera confiar a Leonídia o segredo dos sentimentos de sua filha; porque ainda julgava poder impedir novos atos de levandade e futuras conseqüências lamentáveis (CDP:Macedo:Vítimas-algozes, século XIX)
- (189) Tomás Sou corretor, procurador, negociador, e quando proponho, não ofendo: franqueza, no seu lugar eu já tinha casado sua pupila; *uma vez porém que o senhor o não quer fazer, digo-lhe que seria loucura rematada não ganhar licitamente algumas dezenas de contos,* livrando-se do encargo da tutoria. (CDP:Macedo:Pupila, século XIX)

Em ambos os exemplos, a locução *uma vez que* tem sua estrutura interrompida pela conjunção *porém*. No entanto, mesmo com a interrupção, é possível observar que o valor

causal não se perde. No exemplo (188), a oração [*os pudesse abonar*] denota a causa do efeito trazido pela oração principal [*estava resolvido a proteger o amor de sua irmã*]. Em (189), a relação causal também se mantém entre a oração [*o senhor o não quer fazer*] e a oração principal [*digo-lhe que seria loucura rematada não ganhar licitamente algumas dezenas de contos*]. Assim, a presença de elemento entre N e *que* não parece comprometer o significado da estrutura de *uma vez que*, a qual se mantém fixada como locução conjuntiva causal.

Por fim, o nome circunstancial *causa* segue o mesmo padrão do nome *hora*, apresentando, inicialmente, a presença de preposição no século XVII, mas seguindo um percurso crescente de perda de preposição, culminando na predominância de ausência de elementos nos textos do século XX, com 69,2%.

Diante desses resultados referentes ao primeiro grupo de fatores, conclui-se que, no decorrer do tempo, cada um dos nomes apresenta estruturas esquemáticas que se modificaram diacronicamente. *Hora*, no século XVII, exibe bastante variabilidade de elementos acompanhando o nome, mas, no século XX, a sequência de itens que se fixa é: *prep + det + N + que*. Ressalte-se que, neste ponto, apenas com a análise da estrutura sintagmática, não se pode atestar que essa sequência de itens forma uma construção no sentido de Traugott e Trousdale (2021); afirma-se, apenas, que esta é a sequência que prevalece no período mais recente do português brasileiro analisado.

Para o nome *momento*, conforme se demonstrou nesta seção, registra-se somente uma ocorrência no século XVII, a qual apresenta estrutura diferente da que se apresenta nos textos dos outros períodos investigados: *prep + det + N + que*. A partir do século XIX, *momento* fixa-se em um padrão de sequência de elementos, qual seja: *prep + det + N + prep + que*.

Diferentemente desses resultados, o nome *vez* mantém um mesmo padrão estrutural desde o século XVII, equivalente à estrutura da locução *uma vez que*: *det + N + que*.

O nome circunstancial *causa*, por fim, apresenta variabilidade em sua estrutura desde o início do século XVII, no entanto os resultados permitem constatar que, até o final do século XIX, prevalece a sequência *det + N + que* e, no século XX, *N + que*, indicando uma redução de sua estrutura ao deixar de ocorrer com a preposição inicial.

#### 4.1.2 Funcionamento do período complexo

Como apresentado na subseção 3.3.3, a análise do período complexo se dá com base na proposta de Hopper e Traugott (2003), considerando a possibilidade de a oração com o nome circunstancial ser hipotática ou subordinada, e considerando sua posição no período complexo.

Em relação ao modo de articulação da oração, com as análises, verifica-se se o nome circunstancial está inserido: i) em uma oração hipotática, situando temporalmente o evento da principal no tempo (no caso de *hora* e *momento*), ou estabelecendo uma relação causal entre os eventos (quanto à *vez* e *causa*), em ambos os casos, com a criação de dois blocos conceituais independentes, equivalentes a dois espaços mentais (FAUCONNIER, 1997); ou ii) em uma oração subordinada, em que o nome circunstancial aparece na oração principal e é modificado por uma oração relativa iniciada pelo pronome *que*.

Os resultados relativos à forma de combinação entre as orações estão expostos na tabela 5:

**Tabela 5:** Forma de combinação entre as orações.

		Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX	
<b>Hora</b>	Oração hipotática temporal	8	40%	0	0%	67	41,1%	148	66,1%
	Oração subordinada	12	60%	0	0%	96	58,9%	76	33,9%
	<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>163</b>	<b>100%</b>	<b>224</b>	<b>100%</b>
<b>Momento</b>	Oração hipotática temporal	0	0%	0	0%	198	54,3%	261	46,9%
	Oração subordinada	1	100%	0	0%	167	45,7%	295	53,1%
	<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>365</b>	<b>100%</b>	<b>556</b>	<b>100%</b>
<b>Ve</b>	Oração hipotática causal	8	100%	0	0%	202	100%	909	100%
	Oração subordinada	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>202</b>	<b>100%</b>	<b>909</b>	<b>100%</b>
<b>Causa</b>	Oração hipotática causal	0	0%	0	0%	0	0%	3	23,1%
	Oração subordinada	8	100%	3	100%	28	100%	10	76,9%
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme resultados apresentados na tabela 5, nos textos do século XVII, as orações que envolvem o nome *hora* são majoritariamente subordinadas, como exemplificado em (190), assim como no século XIX, conforme exemplo (191). Já no século XX, as hipotáticas prevalecem, como as exemplificadas em (192) e (193):

- (190) Não é assim: o dia do Juízo não está longe: *está tão perto como o dia de amanhã, e como o dia de hoje, e como esta mesma hora em que estamos*: Venit hora, et nunc est. O valle de Josaphat não está só em Jérusalem, nem entre o Monte Sion e o Olivete; está em Lisboa, está n'este mesmo lugar, e em todos os do mundo. (CDP:Vieira:Sermons, século XVII)
- (191) O que fui, não vos importa; o que eu sou agora, acabastes de testemunhar; sou o cronômetro vivo que *vos anuncia a hora que desejais saber*; o que hei de ser ainda hoje..vê-lo-eis. (CDP:Macedo:Luxo, século XIX)
- (192) Os dois ficaram assistindo. Pouco depois, Zeca terminou o treinamento e veio na direção deles. - Por hoje, está bom. *Na hora que você quiser, estou pronto pra partir, Joãozinho.*

- Parabéns, excelente performance - disse João Pedro (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)

- (193) Então cada órgão vai ter um representante. Nós vamos presidir o conselho como cada um e, obviamente, *na hora que nós formos regulamentar vamos inclusive ver se a gente tem voto*. Se não tiver voto não interessa também para nós. (CDP:Or:Br:Intrv:Pov, século XX)

Em (190), período em que as orações se relacionam por subordinação, há maior dependência e maior encaixamento estrutural, nos termos de Hopper e Traugott (2003). O sintagma [*esta mesma hora*] é modificado pela oração relativa [*em que estamos*] que, sintaticamente, funciona como um adjunto adnominal do nome cuja referência o conteúdo da oração restringe, ou delimita. Assim, a oração de que o nome participa funciona como mais encaixada estruturalmente a uma oração anterior do que nos casos em que a oração é temporal, em combinação hipotática com outra oração.

O século XIX apresenta maior frequência de orações mais dependentes e mais encaixadas, como exemplificado pela combinação oracional presente em (191). No exemplo, a oração relativa [*que desejais saber*] encaixa-se a [*vos anuncia a hora*], estabelecendo, como referente, o sintagma [*a hora*] (*[desejais saber a hora]*).

Nos textos do século XX, entretanto, o uso das orações subordinadas decai, e as orações hipotáticas temporais, como em (192), passam a ser as mais frequentes. No exemplo, a oração principal [*estou pronto para partir, Joãozinho*] encontra-se ligada temporalmente à oração hipotática [*na hora que você quiser*], indicando uma interdependência semântica entre as orações, com menor encaixamento estrutural, já que a oração atua como um adjunto adverbial em relação à principal. Do mesmo modo, em (193), a oração hipotática [*nós formos regulamentar*] está conectada por uma relação temporal ao evento da oração principal [*vamos inclusive ver se a gente tem voto*].

Diante desses resultados, verifica-se que, diacronicamente, as subordinadas prevalecem em termos de frequência de ocorrência, com 60% no século XVII e 58,9% no século XIX, mas a existência de ocorrências com orações hipotáticas, desde os séculos mais remotos, indica que tanto as orações subordinadas quanto as orações hipotáticas com o nome circunstancial *hora* convivem simultaneamente. Efetivamente, essa convivência entre os dois modos de combinação de orações com o nome *hora* não caracteriza uma concorrência entre as formas, visto que cada uma tem uma atuação diferente: na subordinada, o constituinte *hora* na oração principal é modificado por uma oração relativa introduzida por *que*; na hipotática,

*hora* e *que* fazem parte de uma mesma oração, a qual situa o evento da oração principal no tempo. O que se poderia esperar seria encontrar contextos ambíguos, nos quais uma oração aparentemente relativa também pudesse servir à localização temporal de um evento na oração principal, mas, pelo menos no *corpus* investigado, esses contextos não são encontrados.

Assim, conclui-se que, nas subordinadas, *hora* e *que* são elementos separados e, nas hipotáticas, são elementos de uma mesma sequência, de uma mesma construção. Portanto, a representação do esquema da subordinada, considerando a sequência de elementos identificada anteriormente, corresponde a *[prep + det + N] + [que]*, e a representação esquemática da construção que introduz uma oração hipotática temporal corresponde a *[prep + det + N + que]*.

O aumento na frequência de ocorrência das construções hipotáticas nos textos do século XX pode ser reflexo do aumento na frequência da construção *na hora que*, introdutora de hipotática temporal. Isso, no entanto, não tem relação com a ocorrência do nome em estruturas subordinadas.

Em relação ao nome *momento*, os resultados permitem que se chegue às mesmas conclusões, com a observação de que, enquanto o nome *hora* torna-se majoritário em subordinadas no século XIX e em hipotáticas no século XX, *momento* permanece em todo o período com resultados muito similares: há grande presença de subordinadas e de hipotáticas nos séculos XIX (45,7% e 54,3% respectivamente) e XX (53,1% e 46,9% respectivamente). Exemplos de subordinadas são as ocorrências em (194) e (195) e de hipotáticas, (196) e (197):

- (194) O amor não contribuía menos poderosamente para inspirar-lhe aquela resolução; suspirava impaciente pelo momento em que pudesse ver-se para sempre unido a Lúcia, e para esse fim só É que desejava enriquecer, e enriquecer depressa. (CDP:Guimarães:Garimpeiro, século XIX)
- (195) No entanto, nos depoimentos daqueles alunos que guardam algum tipo de ressentimento em relação a ele sempre aparecem referências a brincadeiras relacionadas com sua condição de negro, e, nesse caso, são brincadeiras em tom ofensivo, atribuindo seus excessos ao “complexo de negro” ou “a vontade de ser branco”. Afirma Barbosa que, no decorrer de sua trajetória, não aparece nenhum momento em que a questão racial seja negada, mas também não aparece nenhum compromisso e identificação clara com ela. (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX)
- (196) Teodósio, vendo aquela decisão ante a qual poucos ânimos, talvez unicamente o do Cabeleira, deixariam de curvar-se; e conquanto nos recursos do seu gênio astucioso que nunca o havia desamparado ainda nos maiores apertos, respondeu com voz melíflua: - Não me mate, meu amo; o Teodósio rende-se. No momento em que assim falava, o

*Valentim descarregou-lhe tamanha pranchada na cara, que ele caiu redondamente no chão.* (CDP:Távora:Cabeleira, século XIX)

- (197) Por outro lado, pode-se dizer que grande parte deles são padronizados, ou existem marcas reconhecidas que garantem em certo grau a qualidade do produto. *Isso facilita as informações necessárias para se passar ao fornecedor no momento em que se inicia a negociação.* (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX)

Nos ocorrências (194) e (195), são exemplificadas orações subordinadas nos séculos XIX e XX respectivamente, nas quais há, entre as orações combinadas (principal e relativa), maior dependência e maior encaixamento do que há nas hipotáticas. Em (194), a oração relativa [*em que pudesse ver-se para sempre unido a Lúcia*] atua como modificadora do sintagma [*pelo momento*] e, em (195), a oração relativa [*em que a questão racial seja negada*] modificou o sintagma [*nenhum momento*]. Em ambos os exemplos, há um processo de encaixamento integrando estruturalmente a oração relativa à oração principal, já que a oração relativa funciona como um adjunto adnominal oracional de um constituinte da oração principal (o nome *momento*).

Diferentemente desses casos, nos exemplos (196) e (197), referentes aos séculos XIX e XX respectivamente, a construção *no momento em que* encabeça uma oração hipotática temporal. Na ocorrência (196), o evento nuclear expresso na oração principal [*o Valentim descarregou-lhe tamanha pranchada na cara*] é situado temporalmente pelo evento da oração hipotática [*no momento em que assim falava*], a qual, por sua vez, possui maior dependência semântica em relação à principal, mas menor encaixamento estrutural, já que atua como um adjunto adverbial oracional de toda a oração principal. Em (197), de mesmo modo, a oração hipotática [*no momento em que se inicia a negociação*] localiza temporalmente o evento da oração nuclear [*isso facilita as informações necessárias para se passar ao fornecedor*] e, assim, exibe menor encaixamento estrutural e maior dependência semântica, nos termos de Hopper e Traugott (2003).

As orações subordinadas e hipotáticas com o nome *momento* apresentam comportamentos sintático-semânticos bastante diferentes nos textos de todo o período investigado, o que revela que as duas combinações oracionais não se confundem, nem concorrem na gramática representada nos períodos do português brasileiro em análise.

Tomando por base os elementos identificados na subseção anterior (*prep + det + N + prep + que*), quando o nome *momento* está em uma oração principal modificada por uma oração subordinada, o esquema envolvido é [*prep + det + N*] + [*prep que*]; quando está em

uma oração hipotática temporal, o esquema a que corresponde a construção com o nome circunstancial é *[prep + det + N + prep + que]*.

Com o nome circunstancial *vez*, dentre as ocorrências encontradas, foram mantidas na análise apenas aquelas em que *vez* veicula um valor semântico causal, o que, nos dados analisados, encontra-se expresso sempre nas orações hipotáticas, conforme tabela 5. Dessa forma, as ocorrências com o nome *vez* analisadas fazem parte de orações hipotáticas causais e correspondem à locução conjuntiva *uma vez que*, equivalente à seguinte construção: *[det + N + que]*.

Diferentemente dos resultados anteriormente descritos, o nome *causa* é majoritariamente empregado em contextos de oração subordinada, conforme exemplificado em (198) a (201):

- (198) E, sendo bastante razão esta para eu haver sentido a total falta que delas tivemos neste correio, *se acrescenta sentimento não se saber a causa por que faltaram*, que, bem o Sr. Embaixador me assegura de todo desastre, pela experiência que tem de tantos anos, eu me não livrarei do cuidado até o correio seguinte. (CDP:Vieira:Cartas, século XVII)
- (199) Qual fosse o escandalo que causou o sacrilegio, que commetteo homem tao barbaro, não ha para o ponderar aqui, porque por si mesmo se está manifestando. *A causa que houve para tão cxeorando excesso*, ja dissemos, que fora por cumprir o servo de Deos com as obrigaçoens do officio Pastoral. (CDP:17:Coutto:Brasil, século XVIII)
- (200) O gesto que acompanhou estas palavras era convicto e pio; mas nem Sofia o viu (olhava para os pés), nem o próprio Rubião escutou as últimas palavras. *O nosso amigo estava morto por dizer a causa que o trazia à capital*. (CDP:Machado:Borba, século XIX)
- (201) Que ela talvez tivesse nascido com essas intenções, como o senhor disse, mas que as torceu depois de certa idade. *Não seria sem causa que Francisco I disse*: Souvent femme varie. (CDP:Fic:Br:Lopes:Falência:Guerra, século XX)

Em todos os exemplos acima, o pronome relativo *que*, antecedido de preposição ou não, retoma o termo *causa* presente em outra oração e introduz uma oração subordinada. Em (198), *causa* é retomado pelo pronome relativo *que* que introduz a oração *[por que faltaram]*. No exemplo (199), o nome é retomado por *[que houve para tão cxeorando excesso]*. Em (200), a retomada de *causa* ocorre por meio da oração subordinada *[que o trazia à capital]* e, em (201), pela oração *[que Francisco I disse]*.



No entanto, destaca-se nos dados a presença de três ocorrências do século XX em orações hipotáticas causais, uma vez que são compostas pela construção *causa que*, que interessa particularmente a esta pesquisa. Abaixo, são apresentados os três únicos casos de oração hipotática causal registrados nos textos do século XX:

- (202) Tá na hora, pessoal. *Amanhã eu quero ocêis tudo aqui bem cedo, causa que, dispois do armoço, nós vamo dispatchá uma partida de castanha pra Marabá.* (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)
- (203) Boa tarde. Sou João Simplício - disse. - *A moça Lúcia falou que era pra mim vim aqui, causa que o moço Darci tá precisado de falá cumigo.* Pois não, tô às suas ordens. (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)
- (204) Tive uma prosa boa com os paulista. Cabeí de chegar de lá. Ês são gente fina - concordou com um sorriso. - *Inda agorinha, o Ari Buchincho tava falando que ocê foi convocado pra essa prosa cum os paulista causa de que ocê escondeu os escrito que tava apregado no corpo do fina-do João Azedo.* (CDP:Fic:Br:Cabral:Xambioa, século XX)

Inicialmente, é preciso fazer uma ressalva: as três ocorrências acima são resultados de uma mesma obra, qual seja: *Xambioá: guerrilha no Araguaia*, do autor Pedro Corrêa Cabral, de 1993. Como resultados de uma mesma obra, esses dados podem enviesar as interpretações. Entretanto, considerando que a ocorrência se dá em contexto real de uso da língua, mesmo que referente a texto ficcional, nesta pesquisa os dados são considerados válidos para a análise, desde que os resultados sejam analisados com cautela.

No exemplo (202), a construção *causa que* atua como conectivo, apresentando uma causa (*[dispois do armoço, nós vamo dispatchá uma partida de castanha pra Marabá]*) para o acontecimento do evento expresso na oração principal *[amanhã eu quero ocêis tudo aqui bem cedo]*. De igual modo, no exemplo (203), o evento *[a moça Lúcia falou que era pra mim vim aqui]* vem seguido da causa, introduzida pela construção *causa que* (*[o moço Darci tá precisado de falá cumigo]*). Por fim, em (204), a construção, seguida da preposição *de*, atua como conectivo causal, introduzindo a oração hipotática *[causa de que ocê escondeu os escrito que tava apregado no corpo do fina-do João Azedo]* como causa do evento principal *[inda agorinha, o Ari Buchincho tava falando que ocê foi convocado pra essa prosa cum os paulista]*.

Em todos os três casos, a construção *causa que* atua claramente como conectivo causal. Assim, ao considerar os elementos identificados que predominantemente correspondem à sequência de elementos envolvendo o nome *causa* (*det + N + que* até o final

do século XIX e, com a diminuição da presença de determinantes no século XX – conforme tabela 2, *N + que*), pode-se afirmar que o nome circunstancial, em orações subordinadas, apresenta-se sob a estrutura *[det + N] + [que]* até o final do século XIX, e sob o esquema *[N] + [que]*, no século XX. Quando em orações hipotáticas causais, de acordo com os três únicos casos encontrados nos dados, a construção ocorre na forma *[N + que]*.

Ainda no tocante ao período complexo de que os nomes circunstanciais participam, analisa-se a posição que as orações subordinadas e hipotáticas ocupam na sentença, observando se aparece anteposta, intercalada ou posposta à oração principal. A tabela 6 apresenta os resultados percentuais encontrados nos dados:

**Tabela 6:** Posição da oração hipotática/subordinada em relação à oração matriz.

		Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX	
<b>Hora</b>	<b>Anteposta</b>	5	25%	0	0%	33	20,2%	<b>82</b>	<b>36,6%</b>
	<b>Intercalada</b>	0	0%	0	0%	4	2,5%	6	2,7%
	<b>Posposta</b>	<b>12</b>	<b>60%</b>	0	0%	<b>102</b>	<b>62,6%</b>	<b>91</b>	<b>40,6%</b>
	<b>Necessar. posposta</b>	3	15%	0	0%	24	14,7%	45	20,1%
	<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>163</b>	<b>100%</b>	<b>224</b>	<b>100%</b>
<b>Momento</b>	<b>Anteposta</b>	0	0%	0	0%	121	33,2%	201	36,1%
	<b>Intercalada</b>	0	0%	0	0%	26	7,1%	21	3,8%
	<b>Posposta</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	0	0%	<b>211</b>	<b>57,8%</b>	<b>325</b>	<b>58,5%</b>
	<b>Necessar. posposta</b>	0	0%	0	0%	7	1,9%	9	1,6%
	<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>365</b>	<b>100%</b>	<b>556</b>	<b>100%</b>
<b>Veza</b>	<b>Anteposta</b>	<b>3</b>	<b>37,5%</b>	0	0%	87	43,1%	84	9,2%
	<b>Intercalada</b>	<b>3</b>	<b>37,5%</b>	0	0%	15	7,4%	22	2,4%
	<b>Posposta</b>	2	25%	0	0%	<b>100</b>	<b>49,5%</b>	<b>803</b>	<b>88,4%</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>202</b>	<b>100%</b>	<b>909</b>	<b>100%</b>
<b>Causa</b>	<b>Anteposta</b>	1	12,5%	1	33,3%	2	7,1%	0	0%
	<b>Intercalada</b>	0	0%	0	0%	1	3,6%	1	7,7%
	<b>Posposta</b>	<b>7</b>	<b>87,5%</b>	<b>2</b>	<b>66,7%</b>	<b>25</b>	<b>89,3%</b>	<b>12</b>	<b>92,3%</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto ao nome *hora*, a posição posposta é predominante em todos os séculos. Todavia, no século XX, a anteposição (36,6%) exibe frequência de ocorrência próxima à

posposição (40,6%). Considerando os resultados relativos ao modo de combinação da oração, percebe-se que o maior índice percentual de orações pospostas nos séculos XVII e XIX pode ser reflexo da maior ocorrência de orações subordinadas nos dados, as quais não representam construções hipotáticas temporais, que são mais frequentemente antepostas em português, conforme atestam Neves, Braga e Dall’Aglio-Hattner (2008). Segundo as autoras, orações hipotáticas temporais tendem a ser antepostas, pois criam um pano de fundo para o evento que será expresso em seguida, como se observa no exemplo (205). O aumento da anteposição no século XX, dessa forma, parece de fato ser resultado da maior frequência de uso das orações hipotáticas introduzidas por uma locução conjuntiva com o nome *hora*.

- (205) Num regime democrático, é importante que o governo tenha a sua base de sustentação política e a democracia também da convivência entre as divergências. *Na hora em que o Congresso viabilizar as reformas, temos condições de exigir do Governo que ele atue naquilo que se dispôs a atuar.* (CDP:Or:Br:Intrv:Pov, século XX)

Em (205), o evento da oração principal [*temos condições de exigir do Governo que ele atue naquilo que se dispôs a atuar*] é situado no tempo pela oração hipotática [*na hora em que o Congresso viabilizar as reformas*], a qual cria, por sua vez, um pano de fundo para a ocorrência do evento expresso pela oração principal.

Além da hipótese de que a maior frequência de posposição pode ser acarretada por influência das orações subordinadas, essa maior presença em todos os séculos também pode ser reflexo de uma estratificação de uso de *hora que* em comparação às orações introduzidas pela conjunção temporal prototípica *quando*. Segundo o Princípio da Economia Maximizada (GOLDBERG, 1995), novas construções surgem na língua a partir de uma necessidade do falante, ou seja, uma nova construção temporal teria surgido para o cumprimento de alguma função não cumprida por outra construção já existente e em pleno uso, como é o caso da conjunção *quando*, distinguindo-se dela, em alguma fase da língua, por exemplo, por introduzir majoritariamente orações temporais pospostas. Essa hipótese, no entanto, extrapola os objetivos desta pesquisa; porém, pode embasar estudos futuros a respeito da posição de *na hora que*, em comparação a orações com *quando*, na história do português.

As orações com o nome *momento*, ao contrário do que acontece com *hora*, tem a posposição como majoritária em todos os séculos, mesmo nos períodos em que a oração hipotática temporal prevalece, como é o caso do século XIX. São exemplos dessa posição predominante das orações com *momento*:

- (206) A esfinge da vida que lhe dera, ainda adolescente, um dos seus enigmas indecifráveis para resolver, destruindo nele a aspiração de ser feliz, *reapareceu de novo a embargar-lhe o passo no momento em que podia disputar a primeira posição do país*. (CDP:Nabuco:Minha, século XIX)
- (207) A determinação da órbita de meteoros de chuva anteriormente à sua entrada na atmosfera terrestre pode ser feita, e para isso devemos corrigir a posição aparente do radiante, pois esta é distorcida em consequência dos efeitos de rotação e atração gravitacional da Terra. *Temos também que conhecer qual é a velocidade do meteoro no momento em que ele penetra na atmosfera*. (CDP:Ac:Br:Enc, século XX)

Nos exemplos acima, o evento da oração principal é apresentado pelo falante anteriormente à sua contextualização temporal realizada pela oração hipotática. Em (206), a oração hipotática [*no momento em que podia disputar a primeira posição do país*] vem posposta à oração principal [*reapareceu de novo a embargar-lhe o passo*]. Igualmente, no exemplo (207), o evento que o contextualiza temporalmente (*[no momento em que ele penetra na atmosfera]*) é inserido após o evento principal (*[temos também que conhecer qual é a velocidade do meteoro]*).

Pode-se considerar, assim, que, em confronto à posição prototípica das orações temporais, há, aparentemente, no tocante à posição preferida das orações com *momento*, um indicativo de que a mudança linguística avançou em menor grau quando comparada ao nome *hora*, que apresenta resultados mais próximos da posição prototípica das temporais. Com a análise da composicionalidade, nas próximas seções, espera-se evidenciar se esse grau de mudança construcional reflete, também, maior composicionalidade na construção com *momento*.

Com o nome circunstancial *vez*, a posposição aparece como mais frequente nos textos a partir do século XIX. A posposição, conforme descrito por Braga e Paiva (2019), é a posição prototípica das orações causais, pois o ordenamento sequencial de efeito-causa presente na realidade tende a se refletir na língua, com a ocorrência de orações que expressam causa após a oração principal, com o efeito. As autoras, ainda, argumentam que a posposição das causais também pode se justificar pelo fato de que, causais pospostas, frequentemente introduzem informação nova, auxiliando na progressão discursiva.

Conforme revelam os dados na tabela 6, apesar de a posposição não ter índices muito elevados nos primeiros séculos, há um crescente aumento de sua ocorrência principalmente no

século XX, indicando que *uma vez que* tem atuado mais consistentemente como uma conjunção causal prototípica.

A seguir, encontram-se exemplos de posposição de orações com *vez* em todos os séculos investigados:

- (208) Sobre a vinda de V.S.<sup>a</sup> se avisa será infalível tanto que estiver nomeado ministro de França, negócio que eu já supunha extracausas; *já o não sinto, uma vez que não foi antes dos calores deste ano*. Para o que vem se pode mudar e melhorar tudo. (CDP:Vieira:Cartas, século XVII)
- (209) Se encontrares marido, respondeu a velha, e entenderes que deves casar - casa-te, menina, que essa é a vontade de teu pai; mas também se não casares, *nem por isso serás menos feliz, uma vez que já estejas na divina graça de Nosso Senhor Jesus Cristo*. (CDP:Azevedo:Homem, século XIX)
- (210) A identificação desses problemas permite afirmar que os responsáveis pelo uso do método, na empresa D, não o dominam e incorrem em falhas que *podem ser consideradas graves, uma vez que implicam em desrespeito a princípios fundamentais do método*. (CDP:Ac:Br:Lac:Thes, século XX)

No exemplo (208), a oração hipotática introduzida por *uma vez que* (*[não foi antes dos calores deste ano]*) aparece posposta à principal (*[já o não sinto]*). Em (209), a oração principal [*nem por isso serás menos feliz*] vem anteposta à oração hipotática [*já estejas na divina graça de Nosso Senhor Jesus Cristo*]. E o exemplo (210) também contém uma oração principal [*falhas que podem ser consideradas graves*] seguida de uma oração hipotática causal [*implicam em desrespeito a princípios fundamentais do método*].

Do mesmo modo, *causa* também apresenta frequência majoritária em orações pospostas. No entanto, a posposição, nesse caso, diz respeito principalmente às orações subordinadas, maioria nos dados referentes à *causa*, como nos exemplos de (211) a (214):

- (211) Bem se pode suspeitar que estes mesmos correios sejam artificios de Carracena, *principalmente não sendo fácil de conjecturar a causa que agora o possa levar a Catalunha*; contudo, parece que não há dúvida em se haverem mandado recolher os auxiliares, porque ontem chegou da Beira um homem deste Colégio, que deu as mesmas novas. (CDP:Vieira:Cartas, século XVII)
- (212) A virtude, ainda que venha de um princípio vicioso, sempre é virtude de algum modo, ou mais ou menos qualificada; o obrar bem por qualquer motivo que seja, é bom; *as nossas acções, não se determinam pela causa que mostram*, mas por outra que se não vê; e entre todas as causas, aquela que consiste em uma vaidade inocente, é menos má. (CDP:Aires:Vaidade, século XVIII)

- (213) Estupidamente entregou-se Nicolau Jorge à prisão, *sem saber a causa que havia para tamanho vexame e aparato*. (CDP:Souza:História, século XIX)
- (214) A restituição é devida, não só quando *não tenha havido causa que justifique o enriquecimento*, mas também se esta deixou de existir. (CDP:Ac:Br:Lac:Misc, século XX)

Em (211), a oração relativa [*que agora o possa levar a Catalunha*] vem após a oração principal [*não sendo fácil de conjecturar a causa*]. No exemplo (212), a posposição repete-se em relação à oração principal [*as nossas acções, não se determinam pela causa*], que antecede a oração relativa [*que mostram*]. Em (213), por sua vez, a oração subordinada [*que havia para tamanho vexame e aparato*] está posposta à oração principal [*sem saber a causa*] e, em (214), por fim, a oração nuclear [*não tenha havido causa*] aparece anteposta à oração subordinada [*que justifique o enriquecimento*].

Feitas as discussões acima, pode-se concluir, a partir das análises relativas ao fator “estrutura sintagmática das formas”, que há distinção na composição da estrutura de que o nome circunstancial faz parte quando há uma modificação por oração subordinada e quando há uma oração hipotática. Quando aparece em uma oração subordinada, *hora* configura-se majoritariamente no esquema [*prep + det+ N*] + [*que*], *momento*, no esquema [*prep + det+ N*] + [*prep que*] e *causa* em [*det + N*] + [*que*]. Quando há oração hipotática, *hora* realiza-se sob o esquema [*prep + det + N + que*], *momento*, sob o esquema [*prep + det + N + prep + que*], *vez* sob [*det + N + que*] e *causa* sob [*N + que*].

#### 4.1.3 Pontualidade e duração nas construções temporais

Com as análises desenvolvidas por meio deste fator, verifica-se a noção aspectual que as orações hipotáticas temporais com as construções *hora que* e *momento que* veiculam. Ressalte-se que, como se argumentou na subsecção 3.3.4, em relação às orações subordinadas, o aspecto não será analisado, pois, nesses casos, a noção aspectual é, na verdade, veiculada apenas pelo verbo da oração. Do mesmo modo, não são considerados os nomes *vez* e *causa* nas análises, pois se entende que o aspecto veiculado (pontualidade ou durabilidade de eventos) é uma contribuição mais do verbo da oração, núcleo do estado-de-coisas expresso, do que da circunstância causal marcada pelo nome.

Na tabela 7, estão dispostos os resultados percentuais de cada categoria do presente fator para os nomes *hora* e *momento*, considerando as exclusões acima, o que justifica a alteração no total de ocorrências para cada nome circunstancial em relação aos resultados descritos anteriormente:

**Tabela 7:** Pontualidade e duração nas construções temporais.

		Século XVII		Século XIX		Século XX	
<b>Hora</b>	<b>Pontual</b>	<b>9</b>	<b>75%</b>	<b>69</b>	<b>90,8%</b>	<b>157</b>	<b>94,6%</b>
	<b>Não pontual</b>	2	16,7%	4	5,3%	7	4,2%
	<b>Durativo</b>	1	8,3%	3	3,9%	2	1,2%
	<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>76</b>	<b>100%</b>	<b>166</b>	<b>100%</b>
<b>Momento</b>	<b>Pontual</b>	0	0%	0	0%	0	0%
	<b>Não pontual</b>	0	0%	<b>198</b>	<b>100%</b>	<b>262</b>	<b>100%</b>
	<b>Durativo</b>	0	0%	0	0%	0	0%
	<b>TOTAL</b>	0	0%	<b>198</b>	<b>100%</b>	<b>262</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

O nome *hora* veicula aspecto de pontualidade em todos os séculos, o que indica que esse significado está inerente à construção *hora que*. Observe-se o exemplo (215):

- (215) Eu não sabia cantar assim de supetão. Mas *na hora em que me chamaram, fui para a sala disposto a tudo*. A dona da casa era uma boniteza sem igual. (CDP:Fic:Br:Rego:Pedra, século XX)

No exemplo (215), a oração hipotática [*na hora em que me chamaram*] apresenta um evento pontual, na medida em que veicula uma situação momentânea, não durativa. Essa situação momentânea se reflete, inclusive, no desencadeamento imediato da ação [*fui para a sala disposto a tudo*], em que também há pontualidade. O evento da oração hipotática, portanto, não envolve um decurso durativo do tempo em relação ao qual o evento da oração principal ocorre.

Apesar de também ser uma construção temporal, *momento* veicula apenas um aspecto não pontual, como exemplificado em (216):

- (216) A exemplo do que ocorreu recentemente com Carlos Alberto Parreira, os dirigentes do clube não resistiram às pressões e *Muricy deixa o clube no momento em que o time não*

*vinha obtendo bons resultados*, apesar de ocupar a vice-liderança do Grupo 2 do Campeonato Paulista. (CDP:N:Br:SP, século XX)

Em (216), a oração hipotática [*o time não vinha obtendo bons resultados*] situa no tempo a oração principal [*Muricy deixa o clube*]. Ao contextualizar o espaço temporal em que o evento da oração principal ocorre, a oração introduzida por *no momento em que* não define um período temporal específico, mas insere o evento em um contexto amplo, com espaço temporal indeterminado, representado por todo o período em que o time não obtinha bons resultados. Percebe-se, assim, a não pontualidade expressa pela construção, ratificada, ainda, pelas formas verbais *vinha obtendo*, que auxiliam no sentido de continuidade e, conseqüentemente, de não pontualidade.

A diferença entre *hora* e *momento* parece remontar ao significado expresso pelas próprias palavras, em conformidade com o Princípio da Persistência (HOPPER, 1991), segundo o qual aspectos da forma fonte podem permanecer na forma alvo em processos de mudança gramatical. A palavra *momento* apresenta uma dimensão temporal indeterminada, diferentemente do que ocorre com a palavra *hora*, que delimita o tempo a um período definido (sessenta minutos). Dessa forma, pela temporalidade presente nos nomes e remanescente no significado das construções, a pontualidade de *hora* e a não pontualidade de *momento* são características inerentes ao esquema das construções *hora que* e *momento que*.

As análises apresentadas até aqui, referentes a propriedades caracterizadoras da esquematicidade das formas, permitem a identificação de características gerais presentes na maioria dos nomes circunstanciais, as quais são refletidas nos esquemas linguísticos.

Em relação à *hora*, com as mudanças registradas ao longo do tempo, constata-se que a sequência de itens que se fixa no século XX é *prep + det + N + que*, o que resulta no esquema construcional [*prep + det + N + que*] introdutor de orações hipotáticas temporais. Note-se que se trata de um esquema em que apenas a partícula *que* é fixa. Há, portanto, um esquema com grau elevado de abstração. Esse esquema, conforme os resultados obtidos, indica uma construção que introduz orações hipotáticas temporais majoritariamente pospostas, mas com aumento de anteposição no século XX, e com noção aspectual de pontualidade.

O nome *momento* apresenta resultados similares à *hora*, no entanto sua estrutura parecer ter se fixado anteriormente, desde o século XIX, como *prep + det + N + prep + que*,



dando origem à construção conectiva temporal  $[prep + det + N + prep + que]$ , também parcialmente abstrata. Essa construção, do mesmo modo, ocorre predominantemente em orações hipotáticas temporais pospostas, mas com aspecto majoritariamente não pontual.

Com relação a *vez*, desde o início do século XVII, prevalece a sequência de itens  $det + N + que$ , que corresponde à locução conjuntiva já fixada na língua *uma vez que*; o esquema abstrato dessa construção corresponde a  $[det + N + que]$ , que encabeça orações hipotáticas causais pospostas.

O nome circunstancial *causa*, por fim, apresenta poucas ocorrências em orações hipotáticas causais. Considerando os resultados encontrados, até o final do século XIX, prevalece a sequência  $det + N + que$  e, no século XX,  $N + que$ . A construção conectiva causal, presente apenas no século XX, realiza-se no esquema  $[N + que]$ , introduzindo orações hipotáticas causais pospostas.

As análises a serem feitas na seção a seguir destinam-se a um maior refinamento dos resultados apresentados até aqui.

## 4.2 Análise da produtividade

A produtividade, como explicitado na fundamentação teórica (seção 2.3), é uma propriedade comumente ligada a fatores de frequência das construções. A frequência, nos termos de Bybee (2003), divide-se em frequência de ocorrência e frequência de tipo, sendo esta última um dos maiores indicadores de mudança construcional e de construcionalização.

A respeito da frequência de ocorrência, observe-se a tabela 8, que demonstra a quantidade de ocorrências encontradas com cada um dos nomes circunstanciais no *corpus* investigado:

**Tabela 8:** Quantidade de ocorrências.

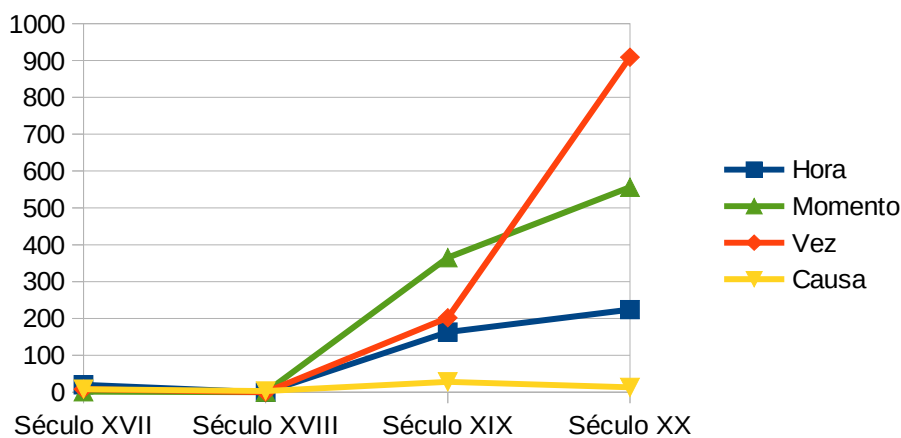
	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	TOTAL
<b>Hora</b>	20	0	163	224	<b>407</b>
<b>Momento</b>	1	0	365	556	<b>922</b>
<b>VeZ</b>	8	0	202	909	<b>1.119</b>
<b>Causa</b>	8	3	28	13	<b>52</b>
<b>TOTAL</b>	<b>37</b>	<b>3</b>	<b>758</b>	<b>1.702</b>	<b>2.500</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observe-se, de antemão, que há diferenças notáveis entre a quantidade total de ocorrências encontradas em cada século para cada nome circunstancial. Por um lado, essa diferença pode estar diretamente relacionada à frequência de uso das formas nos textos representativos de cada século investigado, um aspecto que interessa particularmente a esta pesquisa. Por outro lado, é importante considerar que o baixo número de dados recolhidos nos textos dos dois primeiros séculos, em comparação aos obtidos nos dois últimos períodos, impõe ressalvas às análises aqui propostas, principalmente em relação aos séculos XVII e XVIII.

Considerando o total geral de cada nome, *vez* (1.119 ocorrências) apresenta-se como o nome circunstancial com maior frequência no *corpus*, seguido do nome *momento* (922). *Hora* (407), ainda que em terceira posição, tem relativa frequência quando comparado aos pouquíssimos resultados do nome *causa* (52). Assim, é possível afirmar que a frequência de ocorrência dos nomes *vez* e *momento* é alta, a de *hora* é média e a de *causa* é baixa nos textos investigados. Ressalta-se que a frequência de ocorrência, segundo Bybee (2003), toma como base as unidades do texto em que se encontram as palavras analisadas, ou seja, esses resultados refletem quantidades particulares do *Corpus do Português*.

Observe-se o gráfico 1, em que há a demonstração dos resultados de acordo com os séculos em análise:

**Gráfico 1:** Distribuição da quantidade de ocorrências pelos séculos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na análise feita acima, a partir dos totais da tabela 8, considerou-se o total geral de cada nome circunstancial, sem separação por século. No gráfico 2, no entanto, focalizam-se os resultados de acordo com cada século; assim, é possível fazer uma segunda leitura, em que os totais são subdivididos século a século, permitindo a interpretação dos resultados em cada período.

Em uma leitura dos dados distribuídos em cada século, verificam-se algumas distinções nos resultados em relação ao total geral de cada nome considerado individualmente, sem separação por século. No século XVII, *hora* tem alta frequência de ocorrência (20), enquanto *vez* e *causa* tem média frequência (8 cada) e *momento* tem baixa (1). No século XVIII, foram encontradas apenas 3 ocorrências com o nome *causa*, o que indica que esse nome tinha relativa frequência quando comparado aos demais períodos, em que sequer foram registradas ocorrências. No século XIX, em que há um aumento geral dos resultados, *momento* tem alta frequência (365 ocorrências), *vez* (202 ocorrências) e *hora* (163 ocorrências) têm média frequência e *causa* (28 ocorrências), baixa frequência. Finalmente, no século XX, com um aumento exponencial das ocorrências de *vez* (909), ela passa a ter alta frequência, enquanto *momento* (556) e *hora* (224) têm média frequência e *causa* (13) tem baixa.

Os resultados acima são reflexos da quantidade de registro de cada nome circunstancial no *corpus* em análise, o que engloba tanto casos em que o nome faz parte de uma construção quanto casos em que o nome vem seguido do pronome *que* sem constituir, com ele, uma construção. Nesse sentido, a frequência de ocorrência, quando analisada

sozinha, não parece trazer tantas contribuições que possibilitem uma interpretação adequada da produtividade que envolve as mudanças construcionais, uma vez que ela não permite que se analise a real frequência de uso de uma construção pelos falantes. Corroborando essa afirmação, Traugott e Trousdale (2021) trazem a importante constatação de Goldberg (1995) de que “a produtividade não está tão relacionada à frequência de ocorrência, mas mais à frequência de tipo” (p. 137).

Na análise da frequência de tipo, as ocorrências de cada um dos nomes são distribuídas de acordo com seus usos particulares. A frequência das construções conectivas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, portanto, pode ser analisada separadamente de outros usos, como o da modificação do nome por uma oração relativa.

Tomando por base os resultados da análise da esquematicidade, a tabela 9 apresenta os nomes circunstanciais divididos em dois tipos específicos, representados genericamente<sup>20</sup> por  $[N] + [que]$  e  $[N + que]$ : i)  $[N] + [que]$ , quando usados em um período em que há subordinação e, assim, não compõem uma construção com a partícula *que*; e ii)  $[N + que]$ , quando usados em orações hipotáticas, formando uma única construção com *que*.

**Tabela 9:** Frequência de ocorrências por tipo.

	Século XVII				Século XVIII				Século XIX				Século XX				TOTAL
	$[N] + [que]$		$[N + que]$		$[N] + [que]$		$[N + que]$		$[N] + [que]$		$[N + que]$		$[N] + [que]$		$[N + que]$		
<b>Hora</b>	12	60%	8	40%	0	0%	0	0%	96	58,9%	67	41,1%	76	33,9%	148	66,1%	407
<b>Momento</b>	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	167	45,8%	198	54,2%	295	53,1%	261	46,9%	922
<b>Vez</b>	0	0%	8	100%	0	0%	0	0%	0	0%	202	100%	0	0%	909	100%	1.119
<b>Causa</b>	8	100%	0	0%	3	100%	0	0%	28	100%	0	0%	10	76,9%	3	23,1%	52
<b>TOTAL</b>	21		16		3		0		291		467		381		1.321		2.500

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados indicam que, desde o século XVII, havia uso da construção  $[N + que]$ , correspondendo a uma locução conjuntiva introdutora de orações hipotáticas. No entanto, comparando a frequência de tipo de *hora* com a de *vez* nesse século, é possível observar que *vez* tem alta frequência, enquanto *hora* não. Isso ocorre porque, das 20 ocorrências com o nome *hora*, apenas 8 são especificamente construções temporais (40%). Com o nome *vez*,

<sup>20</sup> Trata-se de uma representação genérica pois, neste momento, o objetivo é separar estruturas em que o nome circunstancial não compõe um mesmo esquema com *que* das estruturas em que, juntos, compõem uma construção. Assim, englobam-se nesse esquema todas as formas encontradas nos dados, como  $[prep + det + N + prep + que]$ ,  $[prep + det + N + que]$ ,  $[det + N + que]$ ,  $[N + que]$ .

porém, a totalidade das ocorrências diz respeito a construções causais (100%). Desse modo, considera-se que apenas *vez* tinha alta frequência de tipo como construção introdutora de orações hipotáticas no século XVII.

No século XVIII, não foram encontradas ocorrências que correspondessem ao esquema  $[N + que]$ . A partir do século XIX, há um acentuado aumento da frequência de tipo, com exceção de *causa*, que mantém baixa produtividade da construção  $[N + que]$  em todos os séculos.

Diante desses resultados, a alta frequência de tipo do nome *vez* indica que o esquema subjacente à construção introdutora de orações hipotáticas, considerando o *corpus* desta pesquisa quanto às relações analisadas (tempo e causa) e aos elementos nominais selecionados (*hora*, *momento*, *vez* e *causa*), tinha como núcleo, inicialmente, o nome circunstancial *vez*, correspondendo à construção *uma vez que* e ao esquema  $[det + N + que]$ . A entrada de outros nomes circunstanciais no *slot* de *N* pode se justificar pela expansão da classe de hospedeiros (HIMMELMANN, 2004) e pelo processo da analogia (BYBEE, 2016).

Himmelmann (2004) argumenta que a mudança linguística ocorre por meio de expansão de contexto, dentro do qual se insere a expansão da classe de hospedeiros (*host-class expansion*). Segundo o autor, a classe de hospedeiros refere-se aos elementos internos da construção que, nos termos de Traugott e Trousdale (2021), podem ser entendidos como o esquema abstrato subjacente à construção. Assim, a expansão de contexto ocorre quando outros itens começam a ocorrer regularmente em posições da classe de hospedeiros.

No mesmo sentido, a analogia, já exposta na seção 2.2 (*A língua como sistema baseado no uso*), é um processo cognitivo de domínio geral “pelo qual um falante passa a usar um novo item em uma construção” (BYBEE, 2016, p. 101). No presente caso, a construção *uma vez que* tem seu núcleo substituído por um novo item no século XVII, o nome circunstancial *hora*. Posteriormente, no século XIX, passa-se a usar, também, o nome *momento* e, no século XX, *causa*. Entretanto, o fato de os nomes *hora* e *momento* serem majoritariamente formados por um esquema que se inicia por preposição, indica que o esquema referente a *uma vez que*, na verdade, pode ser um subesquema de um esquema mais amplo, o qual abrange todas as construções em análise.

Considerando os esquemas das construções predominantes com cada nome –  $[prep + det + N + que]$  (*na hora que*),  $[prep + det + N + prep + que]$  (*no momento em que*),  $[det + N + que]$  (*uma vez que*) e  $[N + que]$  (*causa que*) –, é possível identificar o nível hierárquico

mais alto como  $[(prep) + SN + (prep)+ que]$ . Assim, analisando-se conjuntamente os resultados das propriedades esquematicidade e produtividade, verifica-se a existência de uma rede de herança (GOLDBERG, 1995) envolvendo as construções, a qual será apresentada posteriormente.

### 4.3 Análise da composicionalidade

A composicionalidade diz respeito à transparência da compatibilidade entre o significado das partes que compõem a construção. Dessa forma, uma construção com menor composicionalidade, de acordo com Traugott e Trousdale (2021), geralmente apresenta uma incompatibilidade entre seu significado antigo e seu novo significado.

Inerente à composicionalidade, reconhece-se a atuação do processo cognitivo de domínio geral *chunking* (BYBEE, 2016), exposto na seção 2.2 (*A língua como sistema baseado no uso*). Esse processo é resultado da relação sequencial estabelecida entre palavras usadas frequentemente juntas. Dessa forma, a repetição desse uso aciona o *chunking*, transformando a estrutura em uma expressão composta. Bybee (2016) também afirma que um *chunk* linguístico se distribui na memória em um *continuum*, isto é, há uma espécie de escala que vai de um *chunk* fraco, formado por uma sequência de palavras usadas juntas por apenas uma vez e bem recentemente, até *chunks* fortes, cujo uso é mais frequente. Em *chunks* fracos, as partes internas da estrutura são mais fortes do que o todo, ou seja, há maior composicionalidade, pois há maior transparência entre o significado de suas partes e o significado do todo. O contrário ocorre com *chunks* mais fortes: embora exista uma ligação entre as partes de sua estrutura interna, eles são mais facilmente acessíveis como um todo; logo, há menor composicionalidade.

Com base nos resultados obtidos e discutidos até aqui, propõe-se, para cada uma das construções encontradas, um quadro com as características que se sobressaem nas análises, relacionando suas propriedades de forma e de significado, conforme proposta de Croft (2001), para possibilitar uma análise de sua composicionalidade. Ressalte-se que, nos quadros a seguir, estão dispostas as propriedades gerais da forma principal de cada construção, isto é, para *hora*, por exemplo, são apresentadas as propriedades da construção *na hora que*, sem detalhamento de suas outras formas (*a hora que* e *hora que*), tendo em vista que o foco, neste

momento, são as características gerais da forma mais frequente *na hora que*. Além disso, as propriedades destacadas também dizem respeito às formas alternantes correspondentes, com formas mais reduzidas.

Em relação ao nome circunstancial *hora*, no século XVII, sua participação em diferentes construtos revela que os poucos dados identificados como construções temporais são reflexo de *chunks* ainda fracos, uma vez que há pouca repetição e pouca frequência de uso, diferentemente do que ocorre nos séculos mais recentes em que há maior produtividade da construção com *hora*. Ademais, o fato de a ausência de modificador ter se intensificado no transcorrer dos séculos demonstra um avanço das mudanças construcionais de *na hora que*, proporcionadas por diminuição de composicionalidade da construção. Por se tornar menos composicional, a construção tem seus itens mais amalgamados, inibindo a interferência de modificadores em seu interior e mantendo, assim, um significado em seu todo como um bloco. Há, assim, a formação de *chunks* fortes, o que se verifica inclusive pelo aumento de frequência no uso da construção. Corroborando essa afirmação, há, também, o desaparecimento de itens antes de *que*, indicando existir uma pressão para que os elementos da construção sejam amalgamados sem preposição. Resulta, portanto, desse processo, o esquema [*prep + det + N + que*].

No século XVII, portanto, há maior composicionalidade entre os itens da construção, enquanto, nos séculos XIX e XX, em que há maior repetição e frequência e maior ausência de modificadores e de preposição antes de *que*, a composicionalidade é menor. Note-se, ainda, que as ocorrências com formas mais reduzidas (*a hora que* e *hora que*) indicam um aumento da redução da composicionalidade da construção, na medida em que parte de seus itens são suprimidos pelos próprios falantes, sem que, a princípio, haja interferência no significado final. Ressalta-se, contudo, que, a partir dos fatores selecionados, as análises feitas nesta pesquisa não permitem identificar diferenças entre a forma mais completa das construções e suas formas reduzidas, o que não significa, porém, que diferenças não existam, uma vez que, seguindo as abordagens funcionalistas, alterações de forma resultam em alterações funcionais (aspectos semânticos e/ou pragmáticos).

As características gerais da construção temporal com *hora* são apresentadas no quadro 4:

**Quadro 4:** Pareamento de forma-significado de *na hora que*.

<b>FORMA</b>	Propriedades morfológicas	Forma um só vocábulo fonológico a partir do <i>chunking</i> ; Constitui uma locução conjuntiva formada pela preposição <i>em</i> , pelo determinante <i>a</i> , pelo nome temporal <i>hora</i> e pela partícula <i>que</i> .
	Propriedades sintáticas	Introduz orações hipotáticas temporais; Tende a aparecer em posição posposta à oração principal.
<b>SIGNIFICADO</b>	Propriedades semânticas	Estabelece valor circunstancial temporal; Introduz eventos pontuais na oração hipotática.
	Propriedade discursivo-funcional	Conecta partes do discurso.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No quadro 4, estão dispostas as características da construção *na hora que*. Na primeira parte do pareamento forma-significado, observam-se as características formais da construção. Por meio do *chunking*, há a formação de um único bloco e, assim, de um único vocábulo, o qual é constituído pelo nome temporal *hora* e pela partícula *que*. Como conector temporal, a construção é usada para introduzir orações hipotáticas temporais em posição predominantemente posposta. Em relação à sua contraparte funcional, a construção apresenta valor circunstancial exclusivamente temporal com introdução de eventos pontuais. Além disso, uma vez que se trata de um tipo de conector, a construção exerce o papel de conectar partes do discurso.

Os resultados com o nome circunstancial *momento* são similares aos de *hora*. Entretanto, considerando que, desde o século XIX, mantém-se a estrutura da construção com a presença de preposição antes da partícula *que*, é possível afirmar que se trata de uma construção com baixa composicionalidade, porém, em um *continuum* cujo *chunk* formado com *momento* é menos forte do que o formado com *hora*, pois há elementos internos que diminuem o amalgamento entre seus itens (no caso, a preposição antes de *que*). Também se diferenciando de *hora*, a construção *no momento em que* apresentou pouquíssimos casos de redução de seus itens para as formas *no momento que*, *o momento que*, *momento que*, de modo que se pode considerar que suas mudanças construcionais são ainda incipientes.

No quadro a seguir, descrevem-se as propriedades da construção *no momento em que*:



**Quadro 5:** Pareamento de forma-significado de *no momento em que*.

<b>FORMA</b>	Propriedades morfológicas	Forma um só vocábulo fonológico a partir do <i>chunking</i> ; Constitui locução conjuntiva formada pela preposição <i>em</i> , pelo determinante <i>o</i> , pelo nome temporal <i>momento</i> , por nova preposição <i>em</i> e pela partícula <i>que</i> .
	Propriedades sintáticas	Introduz orações hipotáticas temporais; Tende a aparecer em posição posposta à oração principal.
<b>SIGNIFICADO</b>	Propriedades semânticas	Estabelece valor circunstancial temporal; Introduz eventos não pontuais na oração hipotática.
	Propriedade discursivo-funcional	Conecta partes do discurso.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com características bastante similares a *na hora que*, a construção *no momento em que* apresenta uma diferença muito importante, como exposto no quadro 5: a não pontualidade de eventos. Essa característica é importante na medida em que justifica o desenvolvimento de duas construções similares. Considerando o Princípio da Economia Maximizada (GOLDBERG, 1995), a própria língua limita a criação de novas construções à necessidade real de inovação; assim, se as construções fossem compostas pelas mesmas propriedades, não haveria, a princípio, necessidade de inovação por parte dos falantes.

A construção com *vez* exibe resultados diferentes. A menor composicionalidade da construção pode ser vista desde o século XVII, em que há alta frequência de tipo com *uma vez que* introduzindo orações hipotáticas causais. Essa baixa composicionalidade faz com que seus itens sejam bastante amalgamados, não permitindo a presença de outros elementos dentro do esquema linguístico. Assim, fica claro que, no século XVII, *uma vez que* surge no português brasileiro já como forma construcionalizada.

É interessante observar, ainda, que, no século XX, há ocorrências em que o artigo indefinido desaparece, evidenciando a redução de sua forma construcional com o surgimento de *vez que*. Enquanto *uma vez que* é um *chunk* forte, com muitas repetições e alta frequência, *vez que* ainda se mostra um *chunk* fraco, que se localizaria mais no início de um *continuum*, dada a sua baixa frequência de uso.

As características de *uma vez que* estão dispostas no quadro 6 a seguir:

**Quadro 6:** Pareamento de forma-significado de *uma vez que*.

<b>FORMA</b>	Propriedades morfológicas	Forma um só vocábulo fonológico possivelmente a partir do <i>chunking</i> ; Constitui uma locução conjuntiva formada pelo determinante <i>uma</i> , pelo nome causal <i>vez</i> e pela partícula <i>que</i> .
	Propriedades sintáticas	Introduz orações hipotáticas causais; Tende a aparecer em posição posposta à oração principal.
<b>SIGNIFICADO</b>	Propriedade semântica	Estabelece valor circunstancial causal.
	Propriedade discursivo-funcional	Conecta partes do discurso.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Verifica-se, no quadro 6, que, enquanto locução causal já fixada na língua, *uma vez que* forma um só vocábulo possivelmente em decorrência de *chunking*. Porém, como a locução já se encontra formada nos textos representativos do início do português brasileiro, não se pode afirmar que o processo tenha ocorrido nesse período. Como conectivo, a construção introduz orações hipotáticas causais majoritariamente em posposição, auxiliando na conexão entre partes do discurso.

Quanto à construção com o nome circunstancial *causa*, por fim, os dados indicam que mudanças construcionais que podem, supõe-se, levar a uma futura construcionalização ocorrem apenas no século XX. Entretanto, é preciso relembrar a ressalva feita na seção 4.1: essas ocorrências são oriundas de uma mesma obra e, portanto, devem ser interpretadas com precaução. Mesmo assim, por se tratar de um uso real da construção, elas são consideradas como ocorrências válidas.

Os casos encontrados com *causa que*, apesar de poucos, revelam que a construção tem baixa composicionalidade, na medida em que essa sequência, resultante do processo de analogia, como explicitado na subseção anterior, é compreendida como uma construção conectiva causal. Há, pois, menor transparência entre a forma e o significado da construção, já que é possível depreender seu significado causal a partir do todo da construção e não de suas partes internas separadamente, o que ocorreria em caso de maior composicionalidade. Sua baixa composicionalidade, todavia, não guarda estreita relação com o *chunk*, pois, uma vez que houve pouca repetição e pouco uso, esse *chunk* encontra-se na parte mais inicial do *continuum* proposto por Bybee (2016) a respeito de *chunks* fracos e fortes. Trata-se, portanto, de um *chunk* fraco. Com um aumento de sua frequência de uso, a construção poderá avançar

neste *continuum* e se tornar um *chunk* forte, corroborando a menor composicionalidade e a baixa transparência entre forma e significado, características de *chunks* fortes.

No quadro 7, são apresentadas as propriedades de *causa que*:

**Quadro 7:** Pareamento de forma-significado de *causa que*.

<b>FORMA</b>	Propriedades morfológicas	Forma um só vocábulo fonológico a partir do <i>chunking</i> ; Constitui uma locução conjuntiva formada pelo nome causal <i>causa</i> e pela partícula <i>que</i> .
	Propriedades sintáticas	Introduz orações hipotáticas causais; Tende a aparecer em posição posposta à oração principal.
<b>SIGNIFICADO</b>	Propriedade semântica	Estabelece valor circunstancial causal.
	Propriedade discursivo-funcional	Conecta partes do discurso.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo o Princípio da Economia Maximizada, a existência de *causa que* parece ser injustificada, tendo em vista que compartilha das mesmas características que *uma vez que*. No entanto, como discutido anteriormente, o processo de mudança linguística de *causa que* é muito inicial, o que pode significar que a construção ainda desenvolverá novas características e refinará algumas de suas propriedades, caso o processo de mudança linguística prossiga. Assim, é possível que, a longo prazo, a existência dessa construção causal se justifique por meio de alguma propriedade ainda não aparente nos resultados desta pesquisa.

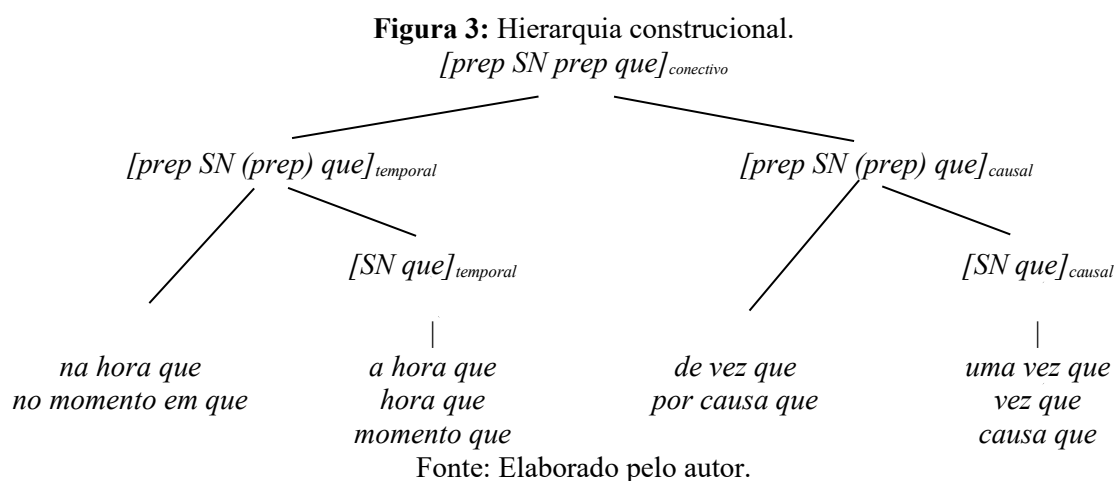
De acordo com os pressupostos teóricos de Goldberg (1995), as construções de uma língua se unem em um conjunto organizado por meio de generalizações. Nesse mesmo sentido, Traugott e Troudale (2021) referem-se à hierarquia construcional, em que as posições de esquema e subesquema são representações que generalizam as propriedades integrantes das construções, permitindo a identificação de ligações entre elas e, assim, a constatação de uma rede construcional.

Pelo Princípio de Motivação Maximizada de Goldberg (1995) (cf. subseção 2.3), a construcionalização de *no momento em que*, mais recente do que *na hora que*, pode ter sido motivada pela existência da construção *na hora que*. Dado que a construção *na hora que* introduz eventos pontuais, os falantes podem ter sentido a necessidade de um conectivo temporal que introduzisse eventos não pontuais. Assim, pelo Princípio do Poder Expressivo Maximizado, que permite a convocação de palavras para a criação de construções, *momento*

parece ter sido inserido no *slot* ocupado por *hora*, formando uma construção com introdução de eventos não pontuais.

O mesmo não parece ocorrer com as construções causais, embora compartilhem algumas características com as construções temporais, conforme revelam as propriedades nos quadros 6 e 7. Como sustentado anteriormente, entretanto, *causa que* aparece apenas em textos representativos de períodos mais recentes do português brasileiro, e isso aponta para uma indefinição de suas propriedades, as quais podem estar em processo de desenvolvimento. É possível que, com o tempo, alguma propriedade surja e a distinga da construção *uma vez que*, justificando a aplicação do Princípio do Poder Expressivo Maximizado e do Princípio da Economia Maximizada também a esses casos.

Considerando-se o conceito de hierarquia construcional, conforme desenvolvido por Traugott e Trousdale (2021), propõe-se, a partir das análises empreendidas, a seguinte hierarquia construcional para as construções encontradas nesta pesquisa:



O nível mais alto da hierarquia construcional na figura 3 corresponde ao esquema  $[prep\ SN\ prep\ que]$ , que se decompõe em: *preposição* + *determinante* +  $N_{circunstancial}$  + *preposição* + *que*. Como nível esquemático mais alto, essa hierarquia comporta todas as construções que se ligam a ela. No nível dos subesquemas, ainda abstrato, encontram-se estruturas mais específicas do esquema linguístico. Enquanto o esquema mais alto generaliza os subesquemas particulares de todas as construções a ele ligadas, o subesquema divide-se em tipos circunstanciais mais específicos: no caso desta pesquisa, em temporal e causal, mas é possível que, com a análise de outras construções, sejam encontrados outros tipos de nomes

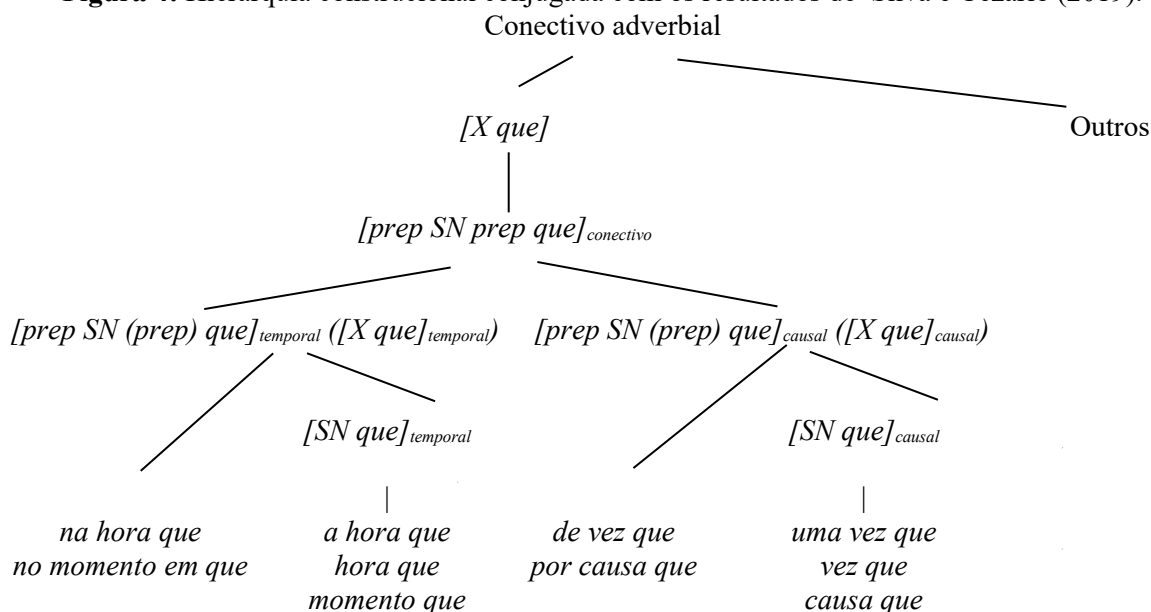
circunstanciais, gerando subesquemas do tipo  $[prep\ SN\ (prep)\ que]_{condicional}$ ,  $[prep\ SN\ (prep)\ que]_{concessiva}$ , etc.

A partir dos subesquemas, propõe-se, por um lado, a realização das microconstruções *na hora que* e *no momento em que* para as temporais e das microconstruções *de vez que* e *por causa que*<sup>21</sup> para as causais, e, de outro lado, a existência de um segundo nível de subesquemas, por se tratar de um nível esquemático. Esse segundo nível de subesquemas seria equivalente a esquemas que não são mais introduzidos por preposição:  $[SN\ que]_{temporal}$  e  $[SN\ que]_{causal}$ , os quais licenciam as microconstruções *a hora que*, *hora que*, *momento que*, *vez que*, *causa que*. Note-se que, ao contrário da hipótese inicial que previa a existência de um  $N_{circunstancial}$ , o subesquema realiza-se como  $SN_{circunstancial}$ , tendo em vista a possibilidade de haver determinante na estrutura da construção. Nesse sentido, o esquema  $[SN\ que]$  pode licenciar microconstruções com determinante (*a hora que*, *o momento que*, *uma vez que*) ou, em uma estrutura mais reduzida, pode sancionar microconstruções formadas apenas pelo nome circunstancial e pela partícula *que* (*hora que*, *momento que*, *vez que*, *causa que*).

A identificação desses esquemas ratifica as pesquisas de Cezario, Silva e Santos (2015) e de Silva e Cezario (2019), apresentadas na seção 2.5, nas quais se verifica a existência de um esquema  $X\ que$  como nível mais amplo capaz de originar conectivos adverbiais que correspondam a um nível construcional ocupado por subesquemas mais específicos, como é o caso de  $[SN\ que]_{temporal}$  e  $[SN\ que]_{causal}$ . Considerando que o *slot X* é uma representação genérica que prevê a possibilidade de diferentes estruturas esquemáticas, propõe-se, na figura 4, uma intersecção entre a rede construcional proposta por Silva e Cezario (2019) e a hierarquia construcional da figura 3:

21 Apesar de não terem sido encontradas ocorrências com a forma da locução *por causa que* nos dados analisados, trata-se de uma locução conjuntiva que se realiza como microconstrução a partir do subesquema  $[prep\ SN\ que]_{causal}$ , conforme exemplo extraído da internet: “*pergunta por causa que não sei*” (RODRIGUES, 2020).

**Figura 4:** Hierarquia construcional conjugada com os resultados de Silva e Cezario (2019).



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos resultados de Silva e Cezario (2019).

Na figura 4, o nível mais alto da hierarquia corresponde a um conectivo adverbial, que pode sancionar construções formadas por um elemento fixo como *que* ou por outros tipos de elementos (na rede, representados por *outros*). Esses outros tipos de construções seriam, por exemplo, conectivos como *caso*, *embora*, *salvo se*, os quais são considerados conectivos adverbiais, mas sem a estrutura do esquema  $[X \text{ que}]$ .

O esquema  $[X \text{ que}]$ , proposto por Silva e Cezario (2019), licencia o subesquema identificado nesta pesquisa:  $[prep \text{ SN prep que}]$ . Essa estrutura esquemática é interpretada como subesquema de  $[X \text{ que}]$  porque o *slot X* prevê a possibilidade de diferentes núcleos, enquanto o subesquema  $[prep \text{ SN prep que}]$  corresponde especificamente a nomes circunstanciais. Esse subesquema, por sua vez, sanciona outros dois subesquemas ainda mais específicos, cujos nomes circunstanciais são temporais e causais. Na conjugação com os resultados de Silva e Cezario (2019), propõe-se que o subesquema  $[prep \text{ SN (prep) que}]_{temporal}$ , identificado neste trabalho, seja interpretado como um detalhamento de  $[X \text{ que}]_{temporal}$ , identificado por Silva e Cezario (2019). Da mesma forma, o subesquema  $[prep \text{ SN (prep) que}]_{causal}$  é interpretado como um detalhamento de  $[X \text{ que}]_{causal}$ . A partir dessas interpretações, ficam evidenciadas as estruturas esquemáticas que são representadas pelo *slot* genérico *X*.

A sequência da rede construcional proposta na figura 4 mantém-se conforme explicitado na figura 3, em que os subesquemas temporal e causal licenciam microconstruções e um segundo subesquema ( $[SN \text{ que}]_{temporal}$  e  $[SN \text{ que}]_{causal}$ ).

Na próxima seção, última deste capítulo de análises, os dados são considerados à luz das propostas de Diewald (2002, 2006) referentes a tipos de contextos característicos de diferentes fases da mudança linguística, a fim de se complementarem as interpretações dos resultados encontrados até o momento.

#### 4.4 Relações contextuais

Por meio das relações contextuais, Diewald (2002, 2006) propõe uma investigação das mudanças linguísticas. Como discutido na seção 2.4, a autora argumenta que há três tipos de contextos distintos que envolvem as mudanças: contextos atípicos, contexto crítico e contextos de isolamento.

No caso da presente pesquisa, as análises feitas não permitem que se estabeleça com segurança em quais contextos se encontram as construções no recorte diacrônico, pois a análise dos contextos depende da compreensão do significado instaurado pelos textos em seu respectivo período histórico. A operacionalização dos textos remotos e a correta interpretação de seu significado, no entanto, é complexa em uma pesquisa diacrônica baseada em *corpus*. Contudo, algumas reflexões podem ser feitas, com base nos resultados alcançados e descritos até aqui.

Considerando as análises realizadas, verifica-se que, no século XVII, os nomes *hora*, *momento* e *causa* compõem diferentes tipos de sintagmas, tanto nominais quanto preposicionados. Essa característica que permitia o uso do nome em diferentes configurações e acompanhado de diversos elementos (determinantes, modificadores) parece demonstrar a existência de um contexto crítico (DIEWALD, 2002), no qual pode prevalecer a multiplicidade de significados em um mesmo contexto sintático, resultante da presença de modificadores e determinantes junto aos nomes. Ressalta-se, entretanto, como explicitado acima, que se trata de uma hipótese baseada na observação dos resultados encontrados. A multiplicidade de significados dos nomes no mesmo contexto é exatamente o que dificulta a confirmação dessa hipótese. Não é possível atestar a existência de polissemia apenas pela observação das ocorrências escritas, pois os enunciados envolvem textos representativos de

outras épocas do português, os quais não necessariamente guardam similaridades com os significados atuais.

*Hora e momento* passam a compor uma estrutura mais fixa a partir do século XIX, em que se supõe o início de contextos de isolamento, nos quais há uma reorganização e possivelmente uma diferenciação de significados, uma vez que o significado que, no século XIX, havia começado a aparecer com maior frequência (construção temporal), encontra-se mais isolado e mais fixado no século XX.

Em relação à *causa*, porém, o nome permanece com poucas ocorrências ainda no século XX, evidenciando que pode se tratar de um contexto atípico, em que, como afirma Diewald (2002), a mudança linguística se estabiliza sem a fixação da construção na língua. Nesse viés, é necessário que pesquisas a respeito de *causa que* sejam mais fartamente realizadas, observando, inclusive, ocorrências do século XXI, a fim de constatar se *causa que* é usada por diferentes falantes, em um percurso de aumento de frequência de ocorrência.

O nome circunstancial *vez*, entretanto, desde o século XVII efetivou-se com a realização de artigo indefinido como determinante e na forma da construção causal *uma vez que*. Essa característica indica que a construção já existia em um contexto de isolamento, tendo em vista que seu significado estava isolado de outros significados possíveis ligados ao nome *vez*, como o significado temporal que não foi considerado nas análises desta pesquisa, conforme seção 3.2 (*Delimitação dos dados analisados*).

Ao se analisar pelo ângulo da combinação entre as orações (subordinadas e hipotáticas), verifica-se que, em relação a *hora* e *vez*, desde o século XVII as orações já faziam parte de contextos de isolamento, pois o sistema linguístico estava organizado de modo a permitir a convivência dos dois tipos de oração, qual seja: de um lado a subordinação, em que não estão presentes construções formadas pelo nome circunstancial e pela partícula *que*, e, de outro, a hipotaxe, com construção temporal (*na hora que*) e causal (*uma vez que*). O mesmo ocorre com *momento* a partir do século XIX, período em que convivem simultaneamente orações subordinadas e orações hipotáticas. Nesses casos, o contexto de isolamento se verifica na medida em que os dois tipos de construção (as utilizadas em orações hipotáticas e as utilizadas em subordinadas) mostram-se diversos entre si, sem concorrência.

As reflexões presentes nesta seção são baseadas nos resultados constatados, descritos nas seções anteriores. São, entretanto, apenas hipóteses que necessitam de maior estudo e



aprofundamento para confirmação. Como explicitado, é complexa a interpretação do significado de textos de períodos remotos sem um estudo detalhado de base etimológica e/ou filológica, de modo que a presente pesquisa fica limitada às interpretações evidenciadas pelas análises estatísticas referentes à aplicação dos fatores propostos.

## 5 CONCLUSÕES

O desenvolvimento desta pesquisa pauta-se pela análise de quatro nomes circunstanciais: *hora*, *momento*, *vez* e *causa*, a fim de verificar seu funcionamento ao longo dos séculos XVI a XX, correspondentes ao português brasileiro. Para tanto, são propostos os seguintes objetivos, conforme expostos na seção introdutória deste texto:

1) Caracterizar o processo de construcionalização das locuções conjuntivas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, por meio de uma análise diacrônica das mudanças construcionais por que passam e, ainda, das alterações em seu grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT, 2015; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021).

2) Analisar se o percurso diacrônico das locuções conjuntivas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*, nos períodos do português investigados, pode ser caracterizado por meio de relações de herança (GOLDBERG, 1995) e, em caso positivo, identificar as ligações entre as formas em uma possível rede construcional (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021).

Guiado pelos objetivos específicos, este estudo se desenvolve com base em duas perguntas de pesquisa:

**Pergunta de pesquisa 1:** O que as mudanças construcionais auferidas pelos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que* indicam em relação à pré e pós-construcionalização (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021) e ao momento em que a construcionalização dessas construções ocorreu no português brasileiro?

**Hipótese:** A hipótese é de que mudanças construcionais venham ocorrendo desde o início do português brasileiro. Supõe-se encontrar, para as formas em estudo, mudanças pré-construcionalização que culminaram na construcionalização das formas *na hora que*, *no momento que*, *uma vez que* e *por causa que*. Com a efetivação da construcionalização, mudanças construcionais pós-construcionalização podem ter ocorrido, levando à redução das construções sob as formas *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*.

**Pergunta de pesquisa 2:** Considerando que as construções *hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que* se encontram no nível das microconstruções (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021) e são formadas por um nome circunstancial seguido de *que*, como se estruturam os esquemas e subesquemas (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021) subjacentes às construções e como se dão as relações de herança (GOLDBERG, 1995) em rede construcional ao se observar a variedade de formas que elas apresentam (*na hora que*, *na hora em que*, *no momento em que*, *uma vez que*, *por causa que*, etc.)?

**Hipótese:** A hipótese é de que a construcionalização de *na hora que* tenha dado origem ao esquema *SP que*, o que pode ter ocorrido nos séculos passados. Supõe-se, ainda, que esse esquema mais genérico também esteja ligado a outras formas conjuncionais além de *na hora que*, como *no momento que*, *uma vez que*, *por causa que*, formando, assim, uma rede construcional. No entanto, as formas mais reduzidas das construções (*hora que*, *momento que*, *vez que* e *causa que*) parecem se ligar ao esquema  $N_{circunstancial}$  *que*, o qual pode ser interpretado como um subesquema de *SP que*.

Em relação à primeira pergunta, as análises corroboram parcialmente a hipótese inicial. De fato, como hipotetizado, as mudanças construcionais ocorrem desde o início do português brasileiro. Ainda no mesmo sentido da hipótese levantada, a construção *uma vez que*, desde o século XVII, atua como construção introdutora de orações hipotáticas causais, de modo que não é atingida por mudanças construcionais pré-construcionalização. Em relação à *vez*, portanto, constatam-se apenas mudanças construcionais pós-construcionalização no decorrer do tempo, as quais culminam, no século XX, na redução da construção à microconstrução *vez que*, ainda pouco produtiva.

Quanto aos outros nomes circunstanciais, a hipótese inicial não se sustenta. *Na hora que* mostra-se construcionalizado no português brasileiro desde o século XVII, ainda que com baixa frequência de uso. Atingida por mudanças construcionais pós-construcionalização, a locução conjuntiva aumenta sua frequência de ocorrência a partir do século XIX, tendo como forma majoritária *na hora que*. Dadas as mudanças construcionais por que passa, registram-se, paralelamente à forma majoritária, formas reduzidas da construção: *a hora que* e *hora que*.

*Momento*, no século XVII, não exhibe nenhuma ocorrência nos textos investigados, o que pode ser um indício de que a construção *momento que* ainda não tenha se

construcionalizado nesse período. Pode-se considerar que o nome tenha passado por mudanças construcionais pré-construcionalização, que levam à construcionalização, no século XIX, da forma *no momento em que*, majoritária nos dados. Com o aumento de sua produtividade no século XX, pode-se afirmar que a construção também tem passado por mudanças construcionais pós-construcionalização no português brasileiro.

*Causa*, último nome circunstancial analisado, é identificado como construção conectiva causal apenas no século XX, porém, em vista das poucas ocorrências encontradas em um único texto, não é possível afirmar a concretização de sua construcionalização. Antes desse período, o nome é atingido por mudanças construcionais pré-construcionalização, as quais, supõe-se, contribuem para o possível desenvolvimento da construção *causa que*. Trata-se, contudo, de uma construção muito recente e pouco produtiva, de acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa.

Quanto à segunda pergunta de pesquisa, a hipótese inicial não se confirma, na medida em que supunha que *na hora que* teria dado origem ao esquema *SP que* e que, a partir desse esquema, outras formas conjuncionais teriam surgido. Os resultados são claros ao revelar que, no século XVII, existem duas construções dentre as quatro analisadas: *uma vez que* ([*det + N + que*]) e *na hora que* ([*prep + det + N + que*]). No entanto, *uma vez que* tem alta frequência de tipo, enquanto *na hora que* não. Assim, constata-se que *na hora que* surge como resultado de analogia em relação à *uma vez que* e não o contrário, como hipotetizado.

Apesar de *uma vez que* ser a construção mais antiga dentre as quatro analisadas, a partir dos dados, percebe-se que ela é uma microconstrução de um subesquema que se relaciona a um esquema hierarquicamente superior, qual seja: [*prep SN prep que*]. Esse esquema, como demonstrado na hierarquia construcional da figura 3, dá origem aos subesquemas [*(prep) SN (prep) que*]<sub>temporal</sub> e [*(prep) SN (prep) que*]<sub>causal</sub>. O subesquema [*(prep) SN (prep) que*]<sub>temporal</sub> dá origem às microconstruções *na hora que* e *no momento em que* e, também, ao subesquema [*SN que*]<sub>temporal</sub>, que licencia *a hora que*, *hora que*, *momento que*. Do subesquema [*(prep) SN (prep) que*]<sub>causal</sub>, por sua vez, originam-se as microconstruções *de vez que* e *por causa que* e, também, o subesquema [*SN que*]<sub>causal</sub>, ao qual pertencem as microconstruções *uma vez que*, *vez que*, *causa que*.

Os resultados obtidos com esta pesquisa revelam, portanto, a construcionalização das construções *hora que*, *momento que* e *vez que*, além de indicarem que o nome *causa* passa por

mudanças construcionais que, possivelmente, podem levar à formação de um novo nó na rede construcional do português brasileiro, com a construcionalização de *causa que*.

Com a finalização deste trabalho, espera-se que os resultados possam contribuir com o desenvolvimento de novas pesquisas baseadas na perspectiva cognitivo-funcional. Por se tratar de uma perspectiva teórica razoavelmente recente, a escassez de trabalhos nesta área reflete grandes dificuldades de operacionalização aos pesquisadores, que muitas vezes se veem diante de dilemas teóricos que demandam importantes decisões interpretativas.

Desse modo, por meio deste trabalho, almeja-se que novas pesquisas sejam instigadas a serem desenvolvidas, ampliando tanto o arcabouço de investigações sobre mudança linguística quanto o repertório de estudos em perspectiva cognitivo funcional, possibilitando, assim, que haja uma produção cada vez maior de conhecimento sobre a história do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L. As construções de desejo em português. *Revista de Estudos Linguísticos*. v. 16, n. 1, Belo Horizonte, jan-jun 2008. p. 141-156.
- BISPO, E. B.; MOREIRA, B. L. Mudança construcional e construcionalização em estruturas do tipo *na hora (em) que* + oração. *Odisseia*. v. 2, n. esp., Natal, RN, 2017. p. 144-163.
- BOLINGER, D. L. *Entailment and the Meaning of Structures*. *Glossa* 2, 1968, p. 119-127.
- BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. Orações de tempo, causa e condição ao longo dos séculos XVIII a XXI. In: CASTILHO, A. T. de. (coord.). *História do português brasileiro: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 170-221.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S.; SANTOS, M. dos. Formação da construção [Xque]conec no português. *E-escrita*, v. 6, 2015. p. 229-243.
- CLARK, E. V. 1987. The Principle of Contrast: A Constraint on Language Acquisition. In MACWHINNEY, B., ed., *Mechanisms of Language Acquisition*, Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1987, p. 1-33.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. (2006) *Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX)*. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org>>.
- DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. In: D. SCHÖNEFELD (Ed) *Constructions*. Special Volume 1: Constructions all over – case studies and theoretical implications [www.constructions-online.de], 2006.
- DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 103-120, 2002.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GARCIA, D. M. *Mudança construcional de “na hora que”*: uma abordagem cognitivo-funcional. 2017. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de

Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2017.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.) *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 3-21.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em 01 mar 2015.

HAIMAN, J. *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. London: University Chicago Press, 1991.

HIMMELMAN, N. P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMAN, N. P.; WIEMER, B. (orgs.). *What makes grammaticalization?: a look from its fringes and its components*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v.1. p.17-35.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística*. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 251-300.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MEIRELES LAGE, L. *Frames e construções: a implementação do Constructicon na FrameNet Brasil*. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Juiz de Fora, 2013.

MACWHINNEY, B. Competition and Lexical Categorization. In CORRIGAN, R.; ECKMAN, F.; NOONAN, M., eds., *Current Issues in Linguistic Theory*. vol. 61: Linguistic

Categorization. Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science, series 4. Amsterdam: John Benjamins, 1989.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R. e NEVES, M. H. M.(Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil* (vol. II: Classes de palavras e processos de construção). Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. p. 937-1020.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NUYTS, J. Cognitive Linguistics and Functional Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 543-565.

RODRIGUES, S. “*Pergunto por causa que não sei*”, isso está errado?. 31 jul. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/pergunta-por-causa-que-nao-sei-isso-esta-errado/>>. Acesso em: 8 ago. 2021.

ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, E.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto/Department of Linguistics, 2005.  
SOUZA E SILVA, M. C. P. de; KOCH, I. V. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, T. S.; CEZARIO, M. M. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. *Odisseia*. v. 4, n. esp. jul-dez. 2019. p. 132-155.

SOUZA E SILVA, M. C. P.; KOCH, I. V. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 16ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5ª ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of gramatical constructionalization. In: BARÐDAL, Jóhanna; SMIRNOVA, Elena; SOMMERER, Lotte; GILDEA, Spike. *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015. p. 51-79.

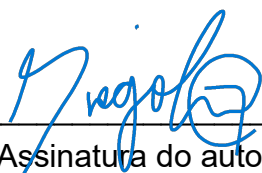
TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.



## TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 29/09/2021.



---

Assinatura do autor